



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN**  
**FACULTAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN**  
**MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

**INDISCIPLINA DOS ALUNOS DO 9º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL  
DO CAMBOLO EM PORTO SEGURO- BAHIA**

Fabiana Santiago

Asunción, Paraguay

2020

Fabiana Santiago

**INDISCIPLINA DOS ALUNOS DO 9º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL  
DO CAMBOLO EM PORTO SEGURO- BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Maestría em Ciencias de la Educación de la Universidad Autónoma de Asunción – Py, como requisito parcial para obtenção do grau de Master em Ciencias de la Educación.

Orientadora: Prof. Dra. Daniela Ruíz - Díaz Morales

Asunción, Paraguay

2020

Santiago, Fabiana

**Indisciplinados alunos do 9º ano da Escola Municipal do Cambolo em Porto Seguro- Bahia, Brasil.**

Asunción (Paraguay)

Tutor: Prof. Dra. Daniela Ruíz Díaz

Dissertação académica em Ciências da Educação. P. 130 – UAA, 2020.

Palavras Chave: (In)disciplina, Escola, Família.

Fabiana Santiago

**INDISCIPLINA DOS ALUNOS DO 9º ANO DA ESCOLA  
MUNICIPAL DO CAMBOLO EM PORTO SEGURO- BAHIA,  
BRASIL.**

Esta dissertação foi avaliada e aprovada para obtenção do título de Mestre em  
Educação, pela Universidad Autónoma de Asunción- UAA

---

Dr. José A. Torres González

---

Dra. Kitty Gaona Franco

---

Dr. Daniel González González

## **DEDICATÓRIA**

A Deus, que me deu o dom da vida e me abençoa todos os dias com o seu amor infinito. Sem ele, nada disso seria possível. Obrigada Senhor, por colocar esperança, amor e fé no meu coração.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que foi minha maior força nos momentos de angústia e desespero. Sou grata a minha família e amigos que me apoiaram muito com palavras de incentivo. Gratidão a minha orientadora, que me ajudou na realização desse trabalho e pela paciência. Meu muito obrigada, por torcerem e vibrarem com a minha conquista.

*Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.*

Cora Coralina

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA .....	iv
AGRADECIMENTOS .....	v
EPÍGRAFE .....	vi
LISTA DE ABREVIATURAS .....	ix
LISTA DE FIGURAS .....	x
LISTA DE GRÁFICOS .....	xi
RESUMO .....	xii
RESUMEN .....	xiv
INTRODUÇÃO .....	01
1. CONCEITO DE DISCIPLINA.....	07
1.1. Consequências da indisciplina escolar e suas causas .....	22
1.2. O que fazer para reduzir a indisciplina na escola?.....	28
2. HABILIDADES SOCIAIS.....	36
2.1. A escola como função social .....	40
METODOLOGIA .....	50
3.1. Objetivos da Pesquisa.....	50
3.1.1. Objetivo geral.....	50
3.1.2. Objetivos específicos.....	50
3.2. Desenho metodológico .....	51
3.3. A unidade de análises e participantes.....	54
3.3.1. O lugar de estudos.....	55
3.4. Seleção da amostra participante.....	56
3.5. Técnicas e instrumentos de coletas de dados.....	56
3.5. 1. Processo de validação instrumental.....	60
4. ANÁLISE DE DADOS.....	64
4.1. Profissionais da educação .....	66
4.2. Dados do questionário estruturado.....	66
4.3. Considerações sobre as respostas dos alunos .....	88
4.4. Análise documental: Regimento Escolar.....	90
4.4.1. Panorama indisciplinar frente ao regime escolar .....	90
CONCLUSÕES .....	94

RECOMENDAÇÕES .....	97
REFERÊNCIAS .....	98
APÊNDICES .....	105

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**ECA** – Estatuto da Criança e do dolescente

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases

**LDBEN** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**MEC** – Ministério da Educação e Cultura

**PCN's** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**CEAME** – Centro de Atendimento Pessoas especiais

**IDEB** – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

**EJA** – Educação de Jovens e Adultos

**SSP** – Secretaria de Segurança Pública

## **LISTA DE FIGURAS**

- FIGURA Nº 01:** Representação gráfica do plano de análise dos dados da observação ....61
- FIGURA Nº 02:** Representação gráfica do plano de análise dos dados dos questionários 62
- FIGURA Nº 03:** Representação gráfica do plano de análise comparativa.....63

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO N°01:</b> Números de alunos por sexo .....	66
<b>GRÁFICO N°02:</b> Membros da família que convivem .....	66
<b>GRÁFICO N°03:</b> Participações indisciplinadas .....	67
<b>GRÁFICO N°04:</b> Causas da indisciplina no ambiente escolar .....	68
<b>GRÁFICO N°05:</b> Consequências da indisciplina .....	69
<b>GRÁFICO N°06:</b> Tipo de participação indisciplinar .....	70
<b>GRÁFICO N°07:</b> Resolução da escola referente a indisciplina escolar .....	71
<b>GRÁFICO N°08:</b> Agressão fora do ambiente escolar .....	71
<b>GRÁFICO N°09:</b> Sentimento do aluno no caso de falta de interesse dos pais .....	72
<b>GRÁFICO N°10:</b> Tipo de indisciplina escolar mais presenciado .....	73
<b>GRÁFICO N°11:</b> Atitudes que levam a ocorrência da indisciplina na escola.....	74
<b>GRÁFICO N°12:</b> Ambiente influencia no comportamento escolar .....	75
<b>GRÁFICO N°13:</b> Forma que o ambiente influencia no comportamento escolar .....	76
<b>GRÁFICO N°14:</b> Agressor fora do ambiente escolar .....	77
<b>GRÁFICO N°15:</b> Agressão a um professor ou profissional da educação .....	77
<b>GRÁFICO N°16:</b> Agressão dentro do ambiente escolar .....	78
<b>GRÁFICO N°17:</b> Tipo de agressão a um professor ou profissional da educação .....	79
<b>GRÁFICO N°18:</b> Motivo de agressão a um professor ou profissional da educação .....	80
<b>GRÁFICO N°19:</b> Agressor dentro do ambiente escolar.....	81
<b>GRÁFICO N°20:</b> Tipo de agressor dentro do ambiente escolar .....	82
<b>GRÁFICO N°21:</b> Compromisso dos responsáveis com o estudo dos alunos.....	83
<b>GRÁFICO N°22:</b> Relação de respeito com os responsáveis .....	84

<b>GRÁFICO N°23:</b> Relação de respeito com os professores.....	85
<b>GRÁFICO N°24:</b> Os professores comprometidos com os alunos .....	86
<b>GRÁFICO N°25:</b> Interesse dos alunos pelos estudos.....	87
<b>GRÁFICO N°26:</b> Como o aluno se considera .....	87

## RESUMO

O presente trabalho, titulado “**Indisciplina dos alunos do 9º ano da Escola Municipal do Cambolo em Porto Seguro-Bahia, Brasil**” tem por Objetivo Geral: Analisar as causas e consequências da indisciplina apontada pelos alunos do 9º ano, da escola Municipal do Cambolo no município de Porto Seguro, que tem apresentado números altos no número de violências, dos mais diversos tipos, que por sua vez têm atingindo e influenciado na vida dos jovens e adolescentes dos bairros que se encontram em modos periféricos, e, sabendo que a indisciplina possui e pode ser suscitada por diversos fatores é que nos propomos entender de que forma todo esse contexto, e outros, têm influenciado na vida indisciplinar desses alunos. Para tanto, revisaremos bibliografias de autores que discutem a ideia de (in)disciplina, causas e consequências antes apontadas, métodos de redução da indisciplina, as habilidades sociais e o papel da escola como função social. Ademais, a metodologia é não experimental, descritiva, com enfoque misto, pois há dados qualitativos e quantitativos, e, para a coleta de dados, utilizamos questionários estruturados e semiestruturados aplicados a professores e alunos. Conclui-se que, a violência e agressividade estão presentes na vida dos alunos e isso tem uma raiz. Os professores apontam a família como a maior fonte do problema de indisciplina, já que a mesma não tem feito o seu papel, em transmitir os princípios e base necessários para que a criança conviva em harmonia dentro e fora da escola. Por outro lado, alguns professores são apontados com falta de interesse nas aulas. O ideal, nesse processo, é articular a vivência entre escola e família, de modo a se encontrar possibilidades que contribuam na (in)disciplina dos alunos.

**Palavras chave:** (In)disciplina, Escola, Família.

## RESUMEN

El presente trabajo, titulado "Indisciplina de los alumnos del 9º año de la Escuela Municipal de Cambolo en Porto Seguro-Bahía, Brasil" tiene por Objetivo General: Analizar las causas y consecuencias de la indisciplina presentada por los alumnos del 9º año, de la Escuela Municipal de Cambo el Municipio de Porto Seguro, que há presentado cifras altas en el número de violencias, de los más diversos tipos, que a su vez han alcanzado e influenciado en la vida de los jóvenes y adolescentes de los barrios que se encuentran en modos periféricos, y, sabiendo que la indisciplina posee y puede ser suscitada por diversos factores es que nos proponemos entender de qué forma todo ese contexto, y otros, han influido en la vida disciplinaria de esos alumnos. Para ello, revisaremos bibliografías de autores que discuten la idea de (in) disciplina, causas y consecuencias antes apuntadas, métodos de reducción de la indisciplina, las habilidades sociales y el papel de la escuela como función social. La metodología es no experimental, descriptiva, con enfoque mixto, pues hay datos cualitativos y cuantitativos, y, para la recolección de datos, utilizamos cuestionarios estructurados y semiestructurados plicado a profesores y alumnos. Se concluye que la violencia y la agresividade stán presentes en la vida de los alumnos y eso tiene una raíz. Los profesores apuntan a la familia como la mayor fuente del problema de indisciplina, y a que la misma no há hecho su papel, en transmitir los principios y base necesarios para que el niño conviva en armonía dentro y fuera de la escuela. Por otro lado, algunos profesores son apuntados con falta de interés en las clases. El ideal, en ese proceso, es articular la vivencia entre escuela y familia, de modo a encontrar posibilidades que contribuyan a la (in)disciplina de los alumnos.

**Palabras clave:** (in) disciplina, Escuela, Familia.

## INTRODUÇÃO

Indisciplina é um tema bastante complexo, por isso, classificá-lo sugere uma revisão do que é considerado “disciplina” no que diz respeito ao seu conceito, para assim, analisar-se o antagonismo concernente a ambos. Obviamente, os diversos conceitos de disciplina existem, a partir de diferentes concepções, em diferentes áreas. De modo geral, o termo disciplina tem origem latina e relaciona-se ao termo “discípulos”, que dispõe de vários significados (Estrela, 1994), também “obediência”, termo compartilhado pelos dicionários, visando ordem.

Para muitos pesquisadores, o ambiente escolar, desde 1990, ganhou destaque quanto ao assunto, fala-se sobre disciplina e indisciplina, pois entende-se que essa é uma temática que transpõe as relações socioculturais e socioeconômicas. Assim sendo, afirma Aquino (2003), que países com situações econômicas mais estáveis tem vivenciado situações similares. Portanto, compreende-se que ainda há a necessidade de compreensão das causas de indisciplina em ambientes escolares.

Guzzoni (1995) entende a disciplina como resultado da relação entre os professores e seus alunos, mais especificamente, no interesse demonstrado pelo aluno em aprender, sua responsabilidade com as atividades escolares, sendo esse o próprio resultado da obediência e percepção dos limites estabelecidos. No entanto, Rego (1996) dispõe da ideia de a disciplina ser resultado, não restrito, da prática educativa desenvolvida pela escola, torna-se então um objetivo de a escola atingir esse intento.

À vista disso, por tratarmos sobre comportamentos que envolvem o ambiente escolar, percebemos previamente a disciplina consciente, abrangente e interativa, pois permite a capacidade de mediar a atenção dialética entre adequação, revolução e transformação, com o intuito de lograr crítica e intencionalmente um objetivo (Vasconcellos, 1995). Significa que ter o objetivo claro facilita sobre as tarefas propostas no ambiente escolar atribuindo-lhes sentido. Ainda, o ideal não é focar em quem seria o culpado, visto que as causas de indisciplina podem ser influenciadas pelas mídias, família, entre outros. O ideal é pensar que a colaboração de todos na busca pela construção do conhecimento contorna o respeito e a responsabilidade (Vasconcellos, 1994), portanto, passível de alcançar a “disciplina”.

Segundo os estudos feitos por Wrege (2012), observa-se que, historicamente, foram observados equívocos pontuais na lógica escolar, talvez, que explicam o contexto atual. A educação, por um período extenso se enquadrou em um modelo dualista, entre processos de formação para nobreza e outros para classes inferiores, e eram as instituições, família e igreja, que ditavam os padrões a serem seguidos, enquanto a burguesia era alfabetizada, o povo continuava analfabeto.

As crianças eram tidas como “pequenos homens”, desvalorizados socialmente, sendo seu único ofício ser educado a absorver os códigos morais ou técnicas e ofícios. No período moderno a educação muda de foco, contempla, então, o indivíduo formado para estar ativo socialmente, em termos racionais. A pedagogia é enquadrada como ciência, tendo papel significativo no objetivo da escola, formar e instruir os alunos tanto em conhecimento quanto em comportamento, utilizando práticas consideradas repressivas.

Com a chegada do período industrial, no século XIX, as metas de educação foram sendo repensadas. O positivismo torna-se centro nos currículos, surgem as pedagogias científicas e experimentais e os conhecimentos passam a ser baseados em fatos, além do que, o lema voltouse a formar o homem como cidadão e vice-versa. Ademais, a própria família dos indivíduos, principalmente se pensando na figura do pai, estabelecia como papel fundamental da escola a valorização do trabalho, as propriedades e a poupança. Com o tempo, foi adotado o modelo construtivista que buscava uma aprendizagem significativa dos conteúdos, para tanto, valendo-se da pesquisa-ação que inspirava professores e alunos a repensarem suas práticas. Ainda assim, os conteúdos, segundo alguns autores, eram transmitidos de forma expositiva, tornando-se distante a compreensão subjetiva dos indivíduos envolvidos no processo de educação (Wrege, 2012).

Agora, durante o século XXI, Wrege (2012) destaca que o momento é marcado pelas rápidas transformações tecnológicas, em consequência, transformando o cenário educacional. Apresenta Delval (2007) e Goergen (2007), que explanam sobre a instituição escolar, afirmam estar em crise, pois ainda se vê refletido os modelos (ultra)passados.

Ao traçar um paralelo entre a breve perspectiva histórica externada é que percebemos que as atuais problemáticas quanto a indisciplina pode ser fatores ligados aos modelos de aulas, entre outros. Segundo uma pesquisa feita pelo instituto UNIBANCO (2016) aponta que o que acontece dentro da sala de aula, a qualidade da aula, a falta de planejamento dessas, a

(in)disciplina são fatores relevantes no engajamento dos alunos nas aulas, conseqüentemente diminuindo o índice de indisciplina. E, há autores que defendem a ideia de a disciplina ser fundamental para um bom desenvolvimento dos objetivos ali traçados.

A realidade da indisciplina escolar tem envolvido o município de Porto Seguro, onde muitos fatores poderiam ser apontados como causas, porém, trataremos de uma escola específica, por isso, dedicaremos um espaço para explanarmos acerca do município e bairro em que a escola se encontra localizada. Em suma, trata-se de um município considerado um dos polos turísticos que mais crescem no Brasil, possui destaque nacional e internacional. Para os governantes locais, o turismo ainda é a alternativa econômica mais viável, por isso a atividade recebeu investimentos maciços em infraestrutura durante os anos 1990 (Matos, Santos e Silva, 2009; Moura, 2010).

Na outra ponta, ainda de acordo Moura (2010) esses investimentos, aliados a crise econômica no sul da Bahia gerada pela drástica queda na produção de cacau (a região já foi a maior produtora de cacau do mundo), atraíram a emigração de pessoas de cidades vizinhas, aumentando significativamente a população de Porto Seguro. De acordo como IBGE, o censo demográfico do município em 1991 foi de 34.661 habitantes, em 2000 alcançou 95.721 habitantes, o que representou um aumento de 176,16% em apenas nove anos, equivalente a uma taxa média de crescimento de 19,57%. Já em 2010, com o novo censo, registrou-se uma população de 126.942 mil habitantes, um aumento de cerca de 28% em relação a última contagem, demonstrando que a população continua crescendo, bem como suas demandas.

O Baianão, bairro do município de Porto Seguro, se encontra localizado à margem da Rodovia BR- 367, assim como os bairros do Cambolo, Paraguai e outros, considerados ambientes vulneráveis, pois ocupam encostas. Hoje é considerado uma favela, que abriga mais de 30.000 pessoas, das quais têm como atividade principal empregos gerados pelo turismo (Araújo, 2004).

Com o demasiado crescimento da população, especificamente em alguns bairros, incluindo o Baianão, bem como das atividades atreladas ao turismo, as pesquisas constataram que há uma segregação socioeconômica no município de Porto Seguro, as contradições entre a beleza natural local contrasta com o desemprego, expansão de favelas, violência, impactos ambientais, infraestrutura desproporcional à demanda, prostituição infantil, aumento das taxas de homicídios, tráfico de drogas e outros. Vale destacar que também se encontra entre um dos

três municípios que apresentaram maior índice de denúncias de violência sexual infanto-juvenil, no extremo sul da Bahia. (Matos, Santos & Silva, 2009; Moura, 2010).

É baseado nesse contexto que a Escola Municipal do Cambolo, que fica próximo ao bairro do Baianão em Porto Seguro Bahia, atua por meio de suas ações educacionais, destinadas a crianças, adolescentes e jovens do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, com idades entre 10 e 18 anos. A escola é de pequeno porte, com 39 funcionários, funciona no período diurno atendendo 310 alunos.

Apresenta como metas criar oportunidades reais de enriquecimento humano, dando acesso ao conhecimento produzido pela enorme diversidade cultural que a cidade oferece; a apresentação de outras identidades culturais aos alunos, outras experiências que venham contribuir na maneira de ver e estar no mundo, e os habilitem, a serem ativos participantes das escolhas sobre o presente e o futuro (PPP, 2012).

Descreve-se o contexto social-histórico-cultural, partindo da abordagem de que o homem não pode ser estudado separado das condições objetivas (históricas, socioculturais) em que vive, Vygotsky (1987), aborda que as marcas da existência social não estão apenas nas coisas, mas na mente do ser humano, que elabora conceitos a partir dos signos com os quais se relaciona, pois “o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual” (Vygotsky, 1987, p.18). Em outras palavras, é a partir do plano social que cada indivíduo compõe seus processos de operações psicológicas.

Diante do efetivo cenário que se encontra o município de Porto Seguro, apresentado como um dos municípios mais violentos, envolvendo abusos, homicídios e outros envolvendo crianças, adolescentes e jovens surge o fator indisciplina em uma das escolas observadas.

A pergunta geral que norteia a pesquisa é: Quais são os fatores que influem na indisciplina dos alunos da Escola Municipal do Cambolo?

As perguntas específicas são:

1. Quais são as causas da indisciplina no ambiente escolar?
2. Quais são as consequências da indisciplina escolar?
3. Qual a relação professor-aluno e suas implicações no tocante da indisciplina no ambiente educativo?

4. Quis são os fatores internos e externos que podem interferir nas questões disciplinares escolares?

**Objetivo geral:** Analisar os fatores que têm gerado indisciplina e suas consequências na Escola Municipal do Cambolo, Porto Seguro – Bahia.

Os objetivos específicos para esta pesquisa são:

1. Identificar as causas da indisciplina no ambiente escolar da Escola Municipal do Cambolo, Porto Seguro – Bahia;
2. Listar as consequências causadas pela indisciplina escolar;
3. Descrever a relação professor-aluno e suas implicações, no tocante da indisciplina no ambiente educativo;
4. Identificar fatores internos e externos que podem interferir nas questões disciplinares escolares.

Procurou-se neste trabalho, por meio de diferentes estudos, fundamentar cientificamente a **justificativa** de que a indisciplina no ambiente escolar é um desafio para os profissionais da educação no âmbito nacional como apontam diversas pesquisas, reportagens em diversos tipos midiáticos, fato que ocorre também na Escola Municipal do Cambolo no município de Porto Seguro - Bahia.

Pretende-se colaborar no auxílio a contenção dos fatores que causam a indisciplina na área educacional. Tem-se a relevância prática que norteará como trabalhar como aluno em sala de aula, a relevância social, contribuindo com o problema da indisciplina nas escolas municipais e a relevância institucional, sendo de grande valia para que a instituição escolar venha a conhecer os problemas que geram a indisciplina e proponham projetos que possam minimizar os efeitos gerados pela indisciplina.

Para melhor compreensão e sistematização, este trabalho foi ordenado em três capítulos, a saber, no primeiro capítulo, faremos uma revisão conceitual dos termos disciplina e indisciplina (Contin, 1998; Vasconcellos, 2009) e outros; trataremos acerca das consequências da indisciplina no contexto escolar (Valente, 2014), como reduzi-la (Oliveira, 2005; Tiba, 2005; Silva, 2017), inevitavelmente, discorreremos sobre as habilidades sociais

(Del Prette & Del Prette, 2002, 2005; Minto & Cols, 2006) e a escola como função social (Ciavata, 1992; Silva e Weide, n.d.).

O segundo capítulo será desenvolvido pelo desenho metodológico definido para pesquisa, a saber, a pesquisa não experimental (Alvarenga, 2012; Sampieri, Collado & Lucio, 2010), descritiva (Sampieri & Lucio 2013); estudo transversal (Lee & Guerin, 2009), com enfoque misto (Sampieriet.al.,2010). Apresentamos informações sobre a escola e os participantes selecionados, quais instrumentos foram usados para coleta de dados, algumas considerações sobre todo processo até se chegar a análise das respostas dos envolvidos, bem como do regime escolar da escola em questão; o terceiro capítulo, enfoca a análise dos dados coletados na pesquisa de campo.

Trazemos, como apoio complementar a perspectiva indisciplinar um breve análise documental do Regime Escolar, onde estão dispostos os possíveis procedimentos a serem aplicados quando houver casos passíveis de penalidade, que segundo eles, devem ser aplicados de acordo com o nível da falta cometida. Antemão, destaca-se a advertência escrita dentro da comunidade escolar da Escola Municipal de Porto Seguro.

Por fim, os capítulos quatro e cinco são destinados a explicar as nossas considerações finais e recomendações à educação, que em todo tempo tem sido transferida entre as entidades, sendo que essa segue um caminho, pais, escola, sociedade, o qual não tem disso contemplado. As responsabilidades têm sido transferias de um a outro sem que se tomem providencias para a questão da indisciplina, fator que tem imperado entre o contexto escolar brasileiro. É valido buscar respostas que contemplem o interior e o exterior, tanto das entidades familiares e escolares, quanto dos indivíduos envolvidos em questão: pais, filhos, professores, coordenadores, diretores. Esperamos contribuir de forma significativa as comunidades escolares que têm sofrido com a mesma causa.

## 1. CONCEITOS DE DISCIPLINA

O termo disciplina tem ocupado uma grande evidência entre os autores modernos devido a extensa demanda de compreensão deste conceito, principalmente no meio educacional. Muitas são as definições, vão de a disciplina ser um conjunto de regras de condutas, costumes que já foram incorporados até obediência. As variações sobre o conceito são muitas e acompanham a evolução de alguns fatos.

Em conformidade com o Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa, o termo possui o significado de: a-“Sujeitar à disciplina”, b-“Corrigir; ensinar”, c-“Castigar com disciplinas”, d – “Submissão a um regulamento”, e – “Que pretende castigar ou sujeitar à disciplina”, f – “Matéria de ensino” (Rios, 2009, p.255).

Na extinta União Soviética temos, por exemplo, que o significado de disciplina se encontrava conectado aos cidadãos. Se tratava de um tipo de exemplo entre a sociedade para que um possível acontecimento fora dos padrões fosse evitado por outros. Assim, mantinha-se, desde o nível social à educação, uma ordem (Contin, 1998).

Já Vianna (1989), correlaciona com um processo em que maioria das pessoas devem acordar em relação a algo ser o melhor para todos, assim como nas sociedades democráticas de linhas progressistas perpassa pelo sentido caótico do termo, tendo a ver com a situação atual do país, nesse contexto, em vez de disciplina, teríamos a indisciplina ligada a violência, a miséria, a fome, dentre outras problemáticas.

Vasconcellos (2009), que concebe a disciplina, de acordo com sua origem latina, uma representação da limitação referente ao saber e das representações didáticas, sendo que a partir do século III, o mesmo termo tomou outras proporções, passa a conotar ordem e correção.

A adequação ao comportamento acompanhado das orientações capitalistas, onde deveria haver um dominado e um dominador chegou ao ambiente escolar como forma de adestramento social. Dessa forma, conforme Vasconcellos (2009, p 48):

O que marca a disciplina são os exemplos da história de submissão à ordem do ambiente, que vem da ordem de alguém: os escravos, os exércitos, os servos, os operários, os alunos [...] A disciplina é a resposta positiva, do indivíduo ou do conjunto, à vontade do outro, isto é a submissão passiva do desejo de um ou de muitos ao desejo do outro.

Nota-se o que entendemos por obediência concorda com os pressupostos e considerações de Vasconcellos (2009), que não diferente de Jhon Locke, apresenta disciplina em favor da sociedade, a começar no ambiente escolar.

Jhon Locke, filósofo inglês, representante do Estado Liberal no século XVII, contribuiu com os projetos sobre a modernidade. Dentre as pautas, se encontravam discussões acerca da liberdade e disciplina e seus domínios sobre a formação humana, se aprofundou nos diversos campos: político, educacional e social. É importante frisar que nesse contexto, formação e educação são tratados como sinônimos. Para Locke, a formação das pessoas deveria corresponder apenas às suas necessidades e funções, limitando, então, os saberes apenas as suas obrigações (Rosseto, 2015).

A disciplina, desta feita, torna-se muito importante, pois é alicerçado nela que cada indivíduo obterá sucesso perante a sociedade. Esta é um conjunto de leis, normas e regras a que o indivíduo deve submeter-se. Tem a ver com a obediência e formação de hábitos.

Esse pressuposto consiste em explorar a compreensão de que o homem precisa saber lidar com sua própria natureza, reafirmando que a educação não consiste no treinamento, no acúmulo de conhecimento, mas em praticar costumes éticos, visto que, desde a infância tende a ser antissocial, por isso a proposta é fazê-los, através da disciplina, renunciar esse estado.

Sem disciplina, não há educação da razão. A disciplina que, primeiramente, é oriunda de quem educa, promove nos indivíduos o norte que seus modos de vida tomarão, senão absolutamente, minimamente, um direcionamento ávido.

Tal educação deve despertar o bom uso da razão [...] (Rosseto, 2015, p.100).

A educação dos filhos, Locke atribui aos pais, é uma responsabilidade que alcança o estado de bem-estar e prosperidade de uma nação. Vemos que dentro dessa conjuntura, o social é que norteia o sentido dado à disciplina.

[...] a educação dada pelos pais pode parecer severa, e os próprios pais podem se sentir acuado na medida em que precisam dispor de uma disciplina forte frente aos pequenos que ainda pouco entendem. Porém, para Locke, somente essa postura formativa dos pais dá a possibilidade de uso próprio da razão; o alargamento da possibilidade de seguir as leis de sua própria razão. Aqui se revela um grande percalço na formação dos indivíduos, o que acabamos de denominar “ponto cego” da formação, já que é justamente no momento em que

a criança ainda nem revela seus vícios de forma explícita que a educação já deve lhe servir de orientação. Ou seja, medidas educativas precisam ser tomadas desde cedo, desde o momento em que as crianças ainda não demonstram claramente seus vícios, mesmo que pareça, tanto aos pais quanto às próprias crianças, abusivas e/ou desnecessárias (Rosseto, 2015, p. 101).

Dá-se a esse processo a importância de se ter crianças preparadas para o futuro, a vida adulta, portanto, responsáveis e disciplinados a ponto de se desviarem dos caminhos que não condiz com suas formações.

Observamos que o termo disciplina assume pontos de vista distintos, mas próximos, pois parecem originar de um mesmo contexto, a educação envolvendo comportamentos estabelecidos pela sociedade, e para isso, tem-se a escola como órgão instrutor.

Estrela (2002), de acordo com alguns dicionários, apresenta o termo disciplina, também de indisciplina “instrumento de punição, dor, direção, moral; regra de conduta para fazer reinar a ordem numa coletividade, obediência à regra. Já o termo indisciplina apresenta-se como um agente de negação ou de desobediência à regra imposta/estabelecida” (Estrela, 2002, p.17).

Considera o termo para fins educativos ao traçar um paralelo entre a educação e a sociedade, no sentido de que a escola deve, por meta, inserir o indivíduo no meio social, ambiente dotado de regras que visam a ordem e harmonia. Portanto, a disciplina torna-se fundamental para o desenvolvimento social e histórico, bem como a construção de sentido, experiências e visão acerca do mundo.

Diante disso, a indisciplina converte-se a um fator exclusivamente negativo, no que diz respeito ao social, ao aproveitamento escolar, e se pensar em termos gerais, alcança também o corpo docente (Estrela, 2002), e todos envolvidos em sua organização.

A disciplina implica em uma relação entre o professor e o aluno, em que a autoridade está situada na liberdade sadia de ambos. Contudo a disciplina é uma tensão permanente, pois a autoridade e a liberdade que existem em seu interior são o que determinam o equilíbrio que a mesma possui, portanto, segundo o autor, a disciplina é uma relação radicalmente democrática na qual, porém, jamais o educador será igual ao educando, uma vez que eles possuem diferenças (Freire, 1996, p. 19).

A filosofia de Freire (2000) consiste em, através da justiça, liberdade, ética e da autonomia do ser humano, empenhar-se a favor da liberdade, nas escolas e entre a sociedade. Mas, segundo o mesmo, é um processo que leva tempo a ser conquistado, sendo que, todo esse ideal perpassa pelo modelo capitalista instaurado.

Parrat-Dayan (2008), trata sobre os desafios contemporâneos da indisciplina escola. Considera, de acordo com pressupostos escolares do século XIX, que a disciplina foi/é comparada ao castigo. Em sentido amplo, segundo Parrat-Dayan (2008, p. 18), tem-se a disciplina como:

Um conjunto de regras e obrigações de um determinado grupo social e que vem acompanhado de sanções nos casos em que as regras e/ou obrigações forem desrespeitadas. Um dicionário atualizado de educação diz que a disciplina é um conjunto de regras de conduta, estabelecidas para manter a ordem e o desenvolvimento normal das atividades em uma sala de aula ou num estabelecimento escolar (Parrat-Dayan, 2008, p. 18).

Percebemos então, que não há como dissociar o termo disciplina de indisciplina, se tratando do processo escolar, deixar de mencionar alunos, professores, e organizadores do espaço em questão. Rego (1996) diz que o espaço escolar necessita de uma boa convivência entre os indivíduos, e que para isso é preciso que sejam cumpridas regras, assim, a disciplina passa a ser concebida como:

Uma qualidade, uma virtude e principalmente como um objetivo a ser trabalhado na escola. Como decorrência, a disciplina, ao invés de ser compreendida como um pré-requisito para o aproveitamento escolar é encarada como resultado (ainda que não exclusivo) da prática educativa realizada na escola (Rego, 1996, p. 87).

Com relação a disciplina na escola, existe sempre a tendência a que se interprete essa como sendo equivalente ao mau comportamento dos alunos, isto é, a indisciplina e a punição que está ligada a esta realidade que serve como um meio de coação, ou seja, de compensação por uma atitude que não está enquadrada dentro da normalidade das ações concebidas no interior da escola (Contin, 1998). A fim de garantir as expectativas organizacionais de uma escola, considerando suas especificidades, os envolvidos podem optar por um tipo de disciplina que melhor corresponda ao ambiente.

Contin (1998), em suas articulações, entende que a disciplina pode tornar-se eficaz na medida em que possui uma meta clara a se atingir, visto que o conhecimento exige disciplina. A questão é que algumas escolas tendem a adotar uma disciplina opressora, achando que essa forçará o aluno a apreender o conhecimento, porém, por via de regra, acabam por despertar objeções. Para Gramsci (1985, p.139), “o estudo é um trabalho fatigante não só muscular nervoso, mas também intelectual; é um processo de adaptação, é um hábito adquirido com esforço, aborrecimento e até sofrimento. Contudo: ‘Sem disciplina, seria quase impossível realizar-se a aprendizagem’”.

Em contrapartida, observa-se a disciplina exterior, que nasce da autoridade do professor, todavia, trata-se de um tipo de autoridade que tem por objetivo contribuir para que o aluno cresça intelectualmente, no que lhe diz respeito, tem fundamento na disciplina interior, a qual contribui para o crescimento do aluno (Contin, 1998).

Mas, disciplina, segundo Foucault (2010), é um instrumento de poder objetivando docilizar os indivíduos com o intuito, mais uma vez, favorável a sociedade, do ponto de vista econômico e político, e contribui para que homens e mulheres sejam lucrativos e não se revolte contra o Estado. Para Foucault (2010, p. 106):

A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade de submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares. É assim que no exército aparecem sistemas de graus que vão, sem interrupção, do general chefe até o ínfimo soldado, como também os sistemas de inspeção, revistas, paradas, desfiles, etc., que permitem que cada indivíduo seja observado permanentemente (Foucault, 2010, p. 106).

A intenção é de condicionar os indivíduos, mesmo que longe das instituições, a obedecerem, manter um padrão de comportamento. Vale ressaltar que para Foucault (2009, p.133), a disciplina é: “uma forma de dominação e de exercício de poder nos espaços sociais menores, cuja organização não é garantida, no seu cotidiano pelas leis maiores. Essa disciplina controla o corpo e alma, o comportamento integral”.

Podemos nos aperceber sobre as relações de poder na sala de aula através da existência das estratégias que se mantêm por séculos: os alunos sentam-se em carteiras fixas e em fileiras;

as aulas são expositivas, o aluno somente copia; o conteúdo é desarticulado da realidade do aluno; os alunos ficam sentados em silêncio; os alunos executam, o que o professor manda e só respondem o que foi perguntado; disciplina é entendida como obediências às ordens comandadas (D'antola, 1989).

Em determinado momento de seus estudos, Foucault (2009) compara o treinamento de soldados com os da escola, sublinha que em ambos o maior período de tempo deve-se manter o silêncio, ademais, para interrompê-lo, deve-se, através de gestos pedir a palavra, sendo concedida ou não pelo professor. Esses mecanismos são utilizados pela escola com propósito de aflorar os corpos dóceis, produtivos, não deixando espaço para que os indivíduos pensem a respeito de sua posição perante a sociedade.

Por exemplo, a fila, a carteira, o treino para a escrita, os exercícios com dificuldades crescentes, a repetição, a presença num tempo e num espaço recortados, a punição pelo menor desvio de conduta, a vigilância por parte de um mestre ou monitor, as provas, os exames, os testes de aprendizagem e de recuperação, o treinamento dentro de padrões e normas fixos. E mais, os resultados dos esforços pedagógicos sendo permanentemente avaliados por critérios também eles padronizados, leva a uma simples análise de boletins, que sirva para medir os casos que desviam, portanto, serve para marcar, excluir, normalizar (Araújo, 2002, p. 79).

O que se propõe não é colocar alunos e professores em condição de igualdade, é favorável que o professor se mantenha em posição superior, suas práxis diárias, precisa, assim, como as dos alunos ser aperfeiçoada para garantir esse modelo de organização. Para (D'Antola, 1989), é preciso entender que se tratando de disciplina, é imprescindível que as relações se mantenham antagônicas, que só podem encontrar solução através do diálogo, assim, conclui que a disciplina é aplicada aqueles que não se adequam aos padrões, são os problemas que desestabilizam as aulas.

Araújo (2001), dentro dos pressupostos de Foucault, diz que os processos disciplinares acabam fazendo que cada aluno seja apenas mais um dentre os outro, fora que se baseia no controle não só comportamental (corpo), mas também seus conhecimentos e emoções, não há espaço para demonstrações de vivências cotidianas, nem mesmo de suas histórias. É uma relação vertical.

Em conclusão a todas considerações apresentadas acerca do conceito de disciplina, alcançamos o entendimento que está se desenrola pelo menos em duas direções. Por um lado, tem-se a necessidade da disciplina no processo de aprendizagem, mas também, que a mesma se torna repressora se pensar nas condições que os indivíduos são expostos, presumindo um dos motivos da indisciplina.

Em meados do século XIX, o suíço Johann Heinrich Pestalozzi criou para crianças indisciplinadas, e com renda baixa, métodos de ensino, segundo ele, sob medida para realidade delas. Tratava-se de um modelo que resistia a escola liberal tradicional, segundo ele, somente a escolarização é capaz de garantir os direitos dos povos dos quais foram conquistados pela Revolução. Ainda, o mesmo, na posição de psicólogo, apresenta-nos três estados do homem: o Estado natural, social e moral. Além mais, afirmou que o afeto, isto é, um ensino de forma amorosa ajuda que a criança desenvolva suas capacidades inatas, assim, passando do seu estado natural para o social, seguido do moral. Devido a isso, conclui que a família deveria se aproximar da escola, chegando a acreditar, junto ao seu discípulo Fredrich Wilhelm August Frobel que as mães, por exemplo, ajudariam nas atividades lúdicas dos alunos do jardim da infância (Pougy, 2016, p. 65).

Muitas foram as considerações desses autores para o processo de ensino das crianças e jovens, de acordo com Pougy (2016). Passaram do século XIX a início do século XX, onde a educação passou, dentro de uma sociedade capitalista contemporânea, a ser um tipo de “profilaxia social” com intuito de governar a população com base em normas, enquanto observam seus modos de resistências e se fortaleciam (Passeti, 2013, p. 85 como citado em Pougy, 2016). As discussões que atravessavam o campo pedagógico, perpassaram, diante dessa realidade, a buscar meios não apenas de ensino, mas também de como ensinar e como deveriam ser o relacionamento de professores e alunos.

Nessa conjuntura, o espaço escolar passou a ser lugar privilegiado para estabelecer a construção, o controle e correção, de crianças tidas como anormais, e daqueles que não seguiam as normas estabelecidas com ideais aos seus respectivos comportamentos.

A escola disciplinar, em especial, promoveu um ambiente de liberalidade que permitiu reações e revoltas por parte dos estudantes. Nesse sentido, as resistências estudantis puderam ser discriminadas, nomeadas, estudadas e, por efeito, “curadas”. A escola liberal funcionou como uma das instituições que

tornaram possível o centro da razão governamental biopolítica: o par composto por liberdade liberal e segurança de Estado e da população. Em outras palavras, a escola liberal estatal visa formar corpos dóceis e úteis por meio da liberdade e da cultura do castigo (Pougy, 2016, p.71).

Seguindo a mesma ideia, destaca-se que a violência corporal foi diminuída, porém, em seu lugar, criou-se outras formas de castigo, como os morais e humilhações verbais por parte dos professores, diretores, supervisores e outros funcionários da escola. Tudo isso, em direção as resistências estudantis as escolas biopolíticas, datadas no início do século XIX. Desde então, muitas verdades pedagógicas foram reformuladas.

A governamentalidade biopolítica pretende que as práticas e contra condutas sejam evidenciadas no ambiente escolar, pois é a partir delas que são formuladas novas condutas para crianças e jovens na condição de regimento do saber pedagógico e de direito adquirido. Segundo Pougy (2016, p. 72):

Por essa via, o brincar, a perspicácia e a arte presentes nas contracondutas das crianças e dos jovens no contexto da escola disciplinar transformaram-se em manifestações naturais e em seu direito de expressão e participação sociais, promovendo, assim, a produção de novas verdades pedagógicas que frutificaram em experiências escolares mais lúcidas e poéticas e que têm a liberdade como princípio.

Em outras palavras, o posicionamento das crianças e jovens, na verdade, não passavam de reações à maneira como eram conduzidas. De qualquer forma, estavam servindo de base para produção de novas teorias no campo pedagógico menos engessadas, pautadas na liberdade.

Com fundamento no século XIX, algumas verdades no âmbito pedagógico surgiram pautados nos jogos de poder ligados a segurança liberal, administradora das crises e riscos, também as permite. A escola estatal, por sua vez, nada mais era como um ambiente em que se construía o saber tendo como principal alvo os indisciplinados, aqueles que resistiam e apresentavam contra condutas, assim, oferecendo a eles novos modos de lidar como público infante-juvenil. Isto é, com novos limites, com novas verdades pedagógicas e com normas pautadas em novos ideais articuladores.

De acordo com Gallo (2007), partindo do princípio da liberdade foi que muitas escolas e em espaços de manifestações educativas resistiram a manifestação da escola disciplinar, cujo

a didática pautava-se no princípio da liberdade, não no sentido literal da palavra, até porque o nome da escola era escola liberal disciplinar. Ademais, ter a liberdade como princípio, compreende-se duas vertentes quanto a compreensão e modo de agir, no qual, uma apreende a liberdade como um fim e a outra como meio.

Tomar a liberdade como meio parece-me um equívoco, pois significa considerar, como Rousseau, que a liberdade seja uma característica seja natural do indivíduo, posição já duramente criticada por Bakunin; por outro lado, equivale também à metodologia das pedagogias não-diretivas, alicerçadas no velho Emílio e consolidadas nos esforços escolanovistas, delas diferenciando-se apenas nos pressupostos políticos, mas sem conseguir diferentes resultados práticos além daquela suposta liberdade individualizada característica das perspectivas liberais. Tomar, de outro modo, a pedagogia libertária como uma educação que tem na liberdade o seu fim pode levar a resultados bastante diferentes. Se a liberdade, como queria Bakunin é conquistada e construída socialmente, a educação não pode partir dela, mas pode chegar a ela. Metodologicamente, a liberdade deixa de ser um princípio, o que afasta a pedagogia anarquista das pedagogias não- diretivas; por mais estranho que possa parecer aos olhos de alguns, a pedagogia anarquista deve partir, isso sim, do princípio de autoridade (Gallo, 2007, p. 24).

Além disso, Gallo (2006, p. 03) acrescenta:

A escola não pode ser um espaço de liberdade em meio à coerção social; sua ação seria inócua, pois os efeitos da relação do indivíduo com as demais instâncias sociais seriam muito mais forte. Partindo do princípio de autoridade, a escola não se afasta da sociedade, mas insere-se nela. O fato é, porém, que uma educação anarquista coerente com seu intento de crítica e transformação social deve partir da autoridade não para tomá-la como absoluta e intransponível, mas para superá-la.

Os libertários entendem que crianças e jovens praticam espontaneamente a liberdade, também resistem as formas de poder autoritário, todavia, apesar de reconhecerem isso nelas, as escolas libertárias, para além da liberdade, adota como estrutura, a autoridade.

O princípio de autoridade na educação das crianças constitui o ponto de partida natural: é legítimo, necessário, quando é aplicado às crianças na primeira infância, quando sua inteligência não se desenvolveu abertamente... Mas como o desenvolvimento de todas as coisas, e por conseqüência da educação, implica a negação sucessiva do ponto de partida, este princípio deve enfraquecer-se à medida que avançam a educação e a instrução, para dar lugar à liberdade ascendente... Toda educação racional nada mais é, no fundo, que a imolação progressiva da autoridade em proveito da liberdade, onde esta educação tem como objetivo final formar homens livres, cheios de respeito e de amor pela liberdade alheia. Assim o primeiro dia da vida escolar [...] deve ser o de maior autoridade e de uma ausência quase total de liberdade; mas seu último dia deve ser o de maior liberdade e de abolição absoluta de qualquer vestígio do princípio animal ou divino de autoridade (Bakunin, 2003, p. 47).

Temos aqui, uma visão de resistência a escola disciplinar, pois para alguns autores a liberdade deveria ser o princípio de tudo. Mesmo tendo um grande arsenal de teorias que denominam a resistência a essa autoridade com indisciplina, vemos que as nomenclaturas se diferem, mas atravessam o mesmo campo discursivo.

Por Acácio Augusto (2013), dentro da perspectiva de Educação Libertária, ademais, adotando a liberdade como um fim, temos a anticonduta, que nada mais é que uma manifestação da atitude libertária manifestada no inesperado, atitudes não justificadas e nem moralizadas, seria a “emergência do insuportável” (Augusto, 2013, p. 157). Resumindo, são atitudes de revolta, que segundo Pougy (2016, p. 77) trata-se de: “[...] atitudes-limites que se situam nas fronteiras, dirigindo-se para os limites e para a ampliação do exercício da liberdade [...] manifesta-se como o anti posicionamento que reinscreve a luta de retano, jogo de conduta se contra condutas, uma atitude ética consigo mesmo”.

Em atenção ao posicionamento de Bakunin (2003), temos a defesa da moralização da infância através das atitudes autoritárias dos adultos, que reafirma a ação moralizante dos anciãos anarquistas com função de se potencializar os talentos de crianças e jovens. Nele, não se pode atender as surpresas que são trazidas pelos jovens, também crianças, antes, é preciso estabelecer um programa a ser seguido, de forma que elas se insiram à sociabilidade libertária, em caminho a família anarquista.

Por Willian Godwin, precursor do anarquismo, tem-se que:

A liberdade é a mais desejável de todas as vantagens sub-lunares. Seria, portanto, de bom grado que eu transmitiria conhecimentos sem infringir, ou tentando violentar o menos possível, a vontade e o julgamento da pessoa a ser instruída. [...] O melhor método de ensino será, portanto, sempre que houver condições para praticá-lo, aquele que garanta que todos os conhecimentos adquiridos pelo aluno sejam precedidos e acompanhados pela vontade de adquiri-los. A melhor motivação para aprender é a percepção do valor da coisa aprendida. [...] Nada pode ser adaptado com tanta felicidade para remover as dificuldades do ensino do que fazer com que o aluno seja primeiro levado a desejar o conhecimento e depois facilitar a sua tarefa, removendo os obstáculos do seu caminho com tanta freqüência e tão logo ele julgar necessário (Godwin apud Woodcock, 1981, pp. 250-252).

Em linhas gerais, Godwin foi um defensor da desescolarização, já que, para ele, o ideal seria aprimorar nos alunos, ou despertar o desejo pelo conhecimento, a partir de seus interesses pessoais. Mas, de acordo com o processo histórico, temos um jogo de poder que não permite que os indivíduos sejam livres, a começar no ambiente escolar. Chega-se em um momento, onde subsistem a sociedade de controle frente as sociedades antes disciplinares.

Na sociedade disciplinar, os poderes são invisíveis e a população totalmente visível, principalmente os anormais. Isso é possível porque a informação é organizada hierarquicamente, de modo quem está no topo da pirâmide do poder consegue mais informações. Além disso, as informações estão localizadas nas instituições duras da sociedade disciplinar, como escola, a prisão, o hospital (Pougy, 2016, p.167).

Por sua vez, na sociedade de controle são os aparelhos móveis e portáteis que dão suporte a localização das pessoas, pois estão constantemente conectadas, através disso, então, faz-se possível localizar aqueles que resistem, ou apresentam atitudes inadequadas.

No fim do século XX, mais especificamente, é apresentada a escola não-libertária, da qual, pontuamos alguns aspectos anteriormente. Esse novo modelo, tem como objetivo a produção de um cidadão novo, aquele cujo os modos partem do ambiente escolar, durante sua infância e juventude, para Pougy (2016) aluno cidadão.

Entende-se, nesse modelo, escola democrática não-libertária, que os indivíduos participantes têm direitos e deveres, portanto, capazes de mudar cenários em seus contextos, pois supõe-se que esses ocupam uma posição política, esperado pela vida real e pelo mercado (Sarmiento & Fernandes, 2007; Singer, 2012). Devido a isso, foi estimulada a inserção infanto-juvenil na política, através da escola, além do mais, diferente da escola não-libertária, onde os anormais eram discriminados, todos eram acolhidos, sem exceção. Ademais, não vigiava ou punia.

Consoante a Pougy (2016), o modelo de escola democrática não-libertária tornou-se o lugar perfeito de produção do aluno cidadão, uma vez que, aprendem a ser tolerantes e resilientes. Também, que irão sustentar a sociedade desigual, pois confiam no capitalismo e no liberalismo como única possibilidade de solução aceitável, onde a paz encontra abrigo de modo igual. De outro modo, aqueles que resistem são indisciplinados, os mesmos, que hoje são denotados por nomenclaturas que pertencem ao campo do transtorno – um método governamental de normalizar os jovens normais.

De acordo com o Ministério da Saúde são oito os grandes grupos de *Transtorno de comportamento e emocionais*<sup>1</sup> que surgem na infância e na adolescência. São eles:

Transtorno hipercinéticos: Grupo de transtorno caracterizados por início precoce (habitualmente durante os cinco primeiros anos de vida), falta de perseverança nas atividades que exigem um envolvimento cognitivo, e uma tendência a passar de uma atividade a outra sem saber acabar nenhuma, associadas a uma atividade global desorganizada, incoordenada e excessiva. Os transtornos podem se acompanhar de outras anomalias. As crianças hipercinéticas são frequentemente imprudentes e impulsivas, sujeitas a acidentes e incorrem em problemas disciplinares mais por infrações não premeditadas de regras que por desafio deliberado. Suas relações com os adultos são frequentemente marcadas por uma ausência de inibição social, com falta de cautela e reservas normais. São impopulares com as outras crianças e podem se tornar isoladas socialmente (Pougy, 2016, p. 228).

---

<sup>1</sup> Disponível em: [http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/f90\\_f98.htm](http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/f90_f98.htm)

No geral, esse tipo de transtorno tende a ser acompanhado por um déficit cognitivo, também de um retardo, específico, ligado a motricidade e a linguagem. A perda de autoestima constitui outro fator gerado pelo transtorno, além do comportamento dissocial.

Outro transtorno apresentado por Pougy (2016, p. 229) é o distúrbio de conduta, caracterizado por:

[...] padrões persistentes de conduta dissocial, agressiva ou desafiante. Tal comportamento deve comportar grandes violações das expectativas sociais próprias à idade da criança; deve haver mais do que as travessuras infantis ou a rebeldia do adolescente e se trata de um padrão duradouro de comportamento (seis meses ou mais). Quando as características de um transtorno de conduta são sintomáticos de uma outra afecção psiquiátrica, é este último diagnóstico o que deve ser codificado. O diagnóstico se baseia na presença de condutas do seguinte tipo: manifestações excessivas de agressividade e de tirania; crueldade com relação a outras pessoas ou a animais; destruição dos bens de outrem; condutas incendiárias; roubos; mentiras repetidas; cabular aulas e fugir de casa; crises de birra e de desobediência anormalmente freqüentes e graves. A presença de manifestações nítidas de um dos grupos de conduta precedentes é suficiente para o diagnóstico, mas atos dissociais isolados não o são.

Segue na lista dos distúrbios, o Distúrbio de conduta restrito ao contexto familiar, o Transtorno de conduta de emoções e o Transtorno emocionais com início especificamente na infância, respectivamente apresentam:

Transtorno de conduta caracterizado pela presença de um comportamento dissocial e agressivo (não lembrado a um comportamento de oposição, provocador ou perturbador), manifestando-se exclusiva ou quase exclusivamente em casa e nas relações com os membros da família nuclear ou as pessoas que habitam sob o mesmo teto. Para que um diagnóstico positivo possa ser feito, o transtorno deve responder, além disso, aos critérios gerais citados em F91.-; a presença de uma perturbação, mesmo grave, das relações pais-filhos não é por isso só suficiente para este diagnóstico (Pougy, 2016, p. 229).

Grupo de transtornos caracterizados pela presença de um transtorno de conduta (F91.-) associado a perturbações emocionais persistentes e marcantes, por exemplo, ansiedade, medo, obsessões ou compulsões, despersonalização ou desrealização, fobias ou hipocondria.

Transtorno de conduta classificado em F91.- associado a transtorno(s): emocional em F93.- neuróticos em F40-F48 ou de transtorno de humor do adulto (F30 - F39). Grupo de transtornos que constituem uma exacerbação de manifestações normais do desenvolvimento, mais do que um fenômeno qualitativamente anormal por si próprio. É essencialmente sobre esta característica que repousa a diferenciação entre os transtornos emocionais que aparecem especificamente na infância (F93.-) e os transtornos neuróticos (F40-F48) (Pougy, 2016, pp. 229 - 230).

Para além, há entre os distúrbios, o Mutismo eletivo, os tiques e outros transtornos comportamentais e emocionais com início habitualmente durante a infância ou adolescência. O Mutismo é caracterizado, segundo Pougy (2016, p. 230) pela “recusa, ligada a fatores emocionais, de falar em certas situações determinadas”, junto a isso, tem-se a “ansiedade social, retraimento social, sensibilidade social ou oposição social”. Os tiques são:

Grupo de síndromes, caracterizadas pela presença evidente de um tique. Um tique é um movimento motor (ou uma vocalização) involuntário, rápido, recorrente e não-rítmico (implicando habitualmente grupos musculares determinados), ocorrendo bruscamente e sem finalidade aparente. Os tiques são habitualmente sentidos como irreprimíveis, mas podem em geral ser suprimidos durante um período de tempo variável. São freqüentemente exacerbados pelo “stress” e desaparecem durante o sono. Os tiques motores simples mais comuns incluem o piscar dos olhos, movimentos bruscos do pescoço, levantar os ombros e fazer caretas. Os tiques vocais simples mais comuns comportam a limpeza da garganta, latidos, fungar e assobiar. Os tiques motores complexos mais comuns incluem se bater, saltar e saltitar. Os tiques vocais complexos mais comuns se relacionam à repetição de palavras determinadas, às vezes com o emprego de palavras socialmente reprovadas, freqüentemente obscenas (coprolalia) e a repetição de seus próprios sons ou palavras (palilalia) (Pougy, 2016, p. 230).

Outros transtornos comportamentais e emocionais com início habitualmente durante a infância ou a adolescência são descritos como:

Grupo heterogêneo de transtornos, ocorrendo durante a infância, mas que difere por outro lado em numerosos pontos. Algumas destas afecções constituem síndromes bem definidas, enquanto as outras são simples associações de sintomas; estes últimos devem, contudo, ser incluídos por um lado em função de sua frequência e de sua associação com uma alteração do funcionamento psicossocial e de outro, porque não podem ser incluídas em outras síndromes (Pougy, 2016, p. 231).

De mais a mais, esse transtorno exclui a possibilidade de crises de falta de fôlego (R06.8), da síndrome de Kleine-Levin (G47.8); do transtorno (de) (do): identidade sexual da infância (F64.2), obsessivo-compulsivo (F42.-) e do sono devido a causas emocionais (F51.-)<sup>2</sup>.

Dentro dessa realidade, é que esse autor chama a atenção para que percebamos que hoje, o que está em jogo são as verdades neuro-científicas, que por sua vez, cria a Neuropedagogia, cujo tratamento envolvem remédios tarja preta, assinalando uma verdade própria do nosso tempo.

Esse tipo de escola, chamada planetária, busca um diagnóstico para os mais diversos comportamentos, tidos como anormais, para então curá-los. A normalização do normal, passa a ser o foco e ocorre por intermédio de cinco operações, a saber, a inclusão, a diferenciação, a comunicação, a dividação e a participação. Sendo que, as três primeiras fazem parte do processo de ambientação, no qual, de forma resumida, as crianças de várias idades são postas juntas e a cada um é respeitado o direito de aprender em seus respectivos tempos, e, os professores que antes os tinham como indisciplinados, acolhem e respeitam seus espaços. O processo de dividação e de participação tem a ver com a conservação de um ambiente plural por meio de um objetivo, onde o coletivo é prezado, portanto, utiliza-se saberes próprios da psicologia social e da sociologia a fim de manter o controle.

De acordo com Pougy (2016):

---

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/f90\\_f98.htm](http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/f90_f98.htm)

Constata-se que essa escola democrática se baseia em verdades pedagógicas que capturam as resistências e contracondutas infanto-juvenis à escola disciplinar, pois a genealogia trata justamente da insurreição dos saberes contra os efeitos de poder centralizados que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado (Pougy, 2016, p. 241).

Nesse panorama, os novos transgressores são os alunos antissociais. São eles portadores de transtornos do comportamento e não mais os indisciplinados, por isso, deve-se educá-lo se dar um tratamento a eles na condição de alunos resilientes. Com isso, evitando outros desdobramentos nessas vítimas, como a depressão, solidão e outros.

Em síntese, as transgressões escolares, que para muitos são chamados de indisciplina, nessa nossa visão do século XXI, de acordo com esse modelo de estudo no contexto eco político, não passam de práticas de liberdade que se manifestam em reação aos adultos controladores. Ademais, Pougy (2016) conclui, que aos alunos antissociais se deve ter uma atenção especial e não os vê simplesmente como indisciplinados. Nesse sentido, pode-se ter um transtorno e por isso devem ser tratados, como dito antes, alunos resilientes.

### **1.1. Consequências da indisciplina escolar e suas causas**

Fundamentado nas concepções sobre disciplina é que propomos entender a causa da indisciplina escolar da Escola Municipal do Cambolo, situada na cidade de Porto Seguro - Bahia. Para tanto, seguiremos com a revisão conceitual de indisciplina e a partir de então, compor esse item que tem por objetivo explicar as causas e consequências da indisciplina escolar.

De acordo com o levantamento conceitual de disciplina, foi possível estabelecer uma conexão direta com o papel social dos indivíduos. Isto é, a disciplina é originada para estabelecer uma ordem nas diversas instituições sociais, dentre elas, a escola. Mas, não há como negar que no contexto contemporâneo é a indisciplina que tem tomado espaço nas discussões sobre o tema.

A indisciplina no ambiente escolar pode estar ligada a diversos fatores e tem causado preocupação por parte dos educadores, organizadores, famílias. Com a influência das rápidas transformações sociais, vê-se uma mudança significativa no comportamento dos alunos que

tem deixado, principalmente, os professores inquietos e muitas vezes sem saber como lidar com a situação.

Segundo Valente (2014), vários são os autores envolvidos quando se trata de disciplina e indisciplina, a saber: professores, educadores, auxiliares, pais/encarregados da educação e alunos. Trata-se de pessoas que se relacionam e que são impulsionadas por interesses diversos. E, por isso, ao longo do tempo se desenvolvem novos hábitos, alterando as noções do que se enquadraria como disciplina e indisciplina, o papel do professor, o papel da escola e dos pais.

Em conformidade com Valente (2014),

[...] aqueles que antes eram obedientes e cumpridores dos deveres, respeitadores das normas que lhes eram impostas acabam por ser hoje os que querem muitas vezes impor as suas próprias regras dentro e fora da sala de aula. Sucede que tanto a família, como os professores não conseguem, muitas vezes, aplicar a disciplina e os modelos de convivência necessários (Valente, 2014, p. 3).

Considerando essa afirmativa, procuramos analisar as causas e consequências que tem levado as essas pontuais alterações que tem tornado a indisciplina tão alarmante nas escolas, e também na Escola Municipal de Porto Seguro.

Segundo Amado (2001), a indisciplina caracteriza-se em contraste a disciplina, é o incumprimento das regras que norteia a convivência e tarefas dentro da sala de aula, fundamenta a relação com o professor, constituído como autoridade no ambiente.

Valente (2014), apresenta, com base nas ideias de Amado (2001) a indisciplina em três níveis:

O primeiro que intitula de “desvios às regras de produção” que comporta os incidentes a que é atribuído um caráter “disruptivo” por provocarem “perturbação” ao bom funcionamento da sala de aula. O segundo nível, “conflito interpares” incorpora os incidentes que apresentam dificuldades de relacionamento entre os alunos que se manifestam em fenómenos de “violência” e “*bullying*”. Quanto ao terceiro nível, “conflitos da relação professor/aluno” integra os comportamentos que põem em causa o poder e o estatuto do professor, incorporando a violência e o vandalismo contra a propriedade da escola (Valente, 2014, p. 6).

A respeito disso, O Conselho Nacional da Educação (Parecer nº3/2002:5480)<sup>3</sup> define indisciplina como: “todos os comportamentos que reflitam o propósito de perturbar os processos de aprendizagem que decorrem na escola, dificultando o exercício da função docente, inibindo uma efetiva cooperação discente, perturbando a convivência da comunidade educativa no seu todo.”

Por Contin (1998), temos, para tentar compreender quais são as funções de cada um desses sujeito, professor e aluno.

Da parte do professor, o autor coloca que este possui quatro funções: a de o que ensina, transmitindo o que sabe; a do que é o coordenador de um grupo de alunos, que identifica as dificuldades existentes na classe e proporciona um bom andamento; a de membro do corpo docente, que escuta as reclamações dos alunos a direção e busca responder adequadamente a reclamação para o aluno reclamante; e a de empregado da instituição, que possui como todo empregado, direitos e obrigações. Da parte do aluno, o autor coloca que este é a peça chave para a disciplina e o sucesso de aprendizado, pois a maior dificuldade que este encontra, está situada na falta de motivação que o leve a estudar. O autor coloca que o sistema de primeiro e segundo grau é um sistema aprovativo, onde o aluno somente deseja "passar de ano (Tonin, 1998, p. 8).

Ademais, apresenta como último fator que interfere na disciplina está relacionado ao ambiente que muitas vezes são pequenos, outros barulhentos, tem-se também como agravante a temperatura local, e outros, que favorece o não cumprimento das normas disciplinares. Pode-se contar, além disso, com fatores como a idade cronológica, portanto desenvolvimento emocional desiguais, valores pessoais, transferências escolares, falta de empatia pelo professor e mais (Tonin, 1998). Convém ressaltar que o bom humor, o respeito humano e a disciplina são elementos indispensáveis para que este objetivo de ensinar seja atingido.

Contin (1998), conclui que o professor ao dominar o conteúdo torna-o capaz de ser aplicado a partir da realidade dos alunos, facilita a compreensão, resultando no interesse dos mesmos para aprender e se apropriar até que tenha oportunidade de colocá-los em prática em

---

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: <http://portal.mec.gov.br/mais-educacao/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13250-parecer-ceb-2002>

seu dia a dia. Mas, muitas vezes há entre os alunos o hábito de comparar os docentes, classificando-os, uns como “bonzinhos”, outros “rígidos demais”, em consequência impossibilitando que a aula transcorra, repercutindo no aprendizado dos demais colegas (Tiba, 2005, p. 29).

Como temos visto, a indisciplina tem apresentado para os pesquisadores diversas possibilidades de origem, assim como, levado a pensar que medidas devem ser tomadas para melhor convivência e aprendizagem na escola.

Ainda na perspectiva conceitual, temos Valente (2014) que traça um paralelo entre a indisciplina com vários tipos de comportamentos, denominados incomuns. São eles: comportamentos perturbadores, comportamentos desviantes, vandalismo, “*bullying*”, comportamentos agressivos, hiperatividade, delinquência, comportamentos antissociais. Todavia, destaca que alguns deles se distanciam de simples comportamentos indisciplinados.

Respectivamente, apresentarei de modo simplória o que venham a ser esses tipos. Os comportamentos perturbadores são associados a comportamentos excessivos; os desviantes são tidos por indivíduos que ignoram regras que lhe são impostas; a hiperatividade, distancia-se de indisciplina, pois trata-se de um déficit de atenção do aluno; tem-se o *bullying*, conjunto de intimidações, humilhações, ofensas, agressões a outros; a delinquência juvenil que, do ponto de vista da psicologia está atrelada às ações contrárias a lei ou a uma condição subjetiva do estado psicológico do indivíduo (Valente, 2014).

Esses conceitos apresentados, estiveram e ainda encontram referentes a disciplina e indisciplina. Nos anos 70, por exemplo, eram remetidos a indisciplina as condutas antissociais e perturbações neuróticas, também de personalidade, e o aluno, sempre estava na posição de culpado por seus comportamentos “indisciplinados”.

A indisciplina escolar alcança diversas esferas sociais, considerando-a oponente a um conjunto de valores seguidos, varia de acordo com a visão e expectativa dos envolvidos. Ou seja, é um fenômeno que pode ser observado de diferentes ângulos e camadas sociais.

Aquino (2003), classifica a indisciplina de acordo com fatores pertinentes a psicologia, a sociologia e dentro do campo pedagógico, sendo que, a família se enquadra em fatores sociologizantes, também as mudanças sociais e outros aspectos externos.

A indisciplina a partir desse do fator sociológico, teria a ver com condições advindas do ambiente familiar e condições sociais desfavoráveis. Se tratando do fato psicologizantes, a

indisciplina é fruto do que o indivíduo traz consigo (problemas emocionais, psicológicos, imaturidade, etc.). No campo pedagógico, temos a própria escola e os envolvidos (a gestão, organização, currículo, atuação dos professores, as formas de lidar com indisciplina, as atividades pedagógicas e estrutura) como encarregados pela indisciplina.

Conclui-se que a causa da indisciplina para Aquino (2003), vai além do ambiente escolar, faz-se necessário manter relação intrínseca com a organização social em que o aluno pertence, seu estado psicológico, enfim, com as condições externas que os envolvem.

O funcionamento da sociedade contemporânea, requer dos indivíduos, assim como antes constatado, posicionamento positivo às regras estabelecidas. No que se refere a produção de bens, meios de comunicação, constata-se a forte influência da camada dominante, que gerou crise ética, economia recessiva, a concentração de rendas, em consequência o desemprego. Além do mais, introduziu o desejo de consumo, o prazer imediato.

Segundo alguns autores essas alterações são significativas e já se faz possível perceber sua influência diante da dinâmica familiar, os pais dizem não saber como educar os filhos, em questão a percepção do que querem ter no amanhã, em relação a ele e seus semelhantes, (Vasconcellos, 1998; Silva, 2005). Vasconcellos (1998) credita a esses fatores uma das causas da indisciplina, além, diz que por essas outras são concebidas.

Em contribuição a discussão sobre os fatores psicológicos e emocionais, envolvendo a carência emocional, distúrbios de atenção e outros, temos que quanto a indisciplina, as manifestações podem ser por atitudes hiperativas, muitas vezes confundidas pelos professores como indisciplina. Em outras perspectivas, Aquino (1996) diz que:

[...] a indisciplina seria indício de uma carência estrutural que se alojaria na interioridade psíquica do aluno, determinada pelas transformações institucionais na família e desembocando nas relações escolares. De uma forma ou de outra, a gênese do fenômeno acaba sendo situada fora da relação concreta entre professor e aluno, ou melhor, nas suas sobre determinações (Aquino, 1996, p. 48).

A carência manifestada por parte do aluno pode desenvolver comportamentos rotulados como indisciplinados. Podem ser através da rebeldia, da agressividade, desrespeito, falta de limites, todos como forma de chamar atenção dos colegas e professores. Autores, como Oliveira (2005), propõem a essa dificuldade, uma afetividade maior por parte dos professores.

A escola, diante da dinâmica de alteração social, também tem apresentado significativas mudanças. De acordo com Oliveira (2005), algumas mudanças verificadas nas escolas são aumento no número de vagas nas escolas públicas, principalmente no ensino fundamental, também no médio; as classes com grandes quantidades de alunos e as escolas lotadas, sem contar com a falta de materiais didáticos; o sistema de avaliação referente ao rendimento dos alunos, a remuneração dos professores que são insatisfatórias. Vê-se que as condições em que alunos e professores são expostos repercutem diretamente na indisciplina e educação oferecida.

Ser professor exige dinamicidade sobre os objetivos, definições de aulas, estratégias no que diz respeito às avaliações e no ensino, pois apenas expor o conteúdo não desperta o interesse dos alunos, instaurando a indisciplina. Alguns autores recomendam o diálogo entre o professor e o aluno para negociarem tais estratégias, porém ressalta que não é uma tarefa fácil, até porque ainda há falta de preparo dos professores para atuar em essa geração, não há vínculo entre ambos. Resulta, portanto, em relações conflituosas, e, a escola, passa a ser detestável para os alunos (Vasconcellos, 2003; AQUINO, 1996; OLIVEIRA, 2005).

Ainda sobre as relações de professor e aluno, temos a teoria marxista que nos apresenta no contexto da indisciplina:

Explica-se e legitima-se como uma expressão de luta de classes contra a dominação de valores de classe favorecida economicamente, seria uma contracultura dos alunos advindos de meios desfavorecidos economicamente. A perspectiva marxista fundamenta-se em pesquisas microssociológicas, que destacam o papel do professor estimulador da indisciplina do aluno, já que indisciplina, concebida como desvio à regra estabelecida, é estimulada por valores arbitrários da classe dominante, da qual o professor é representante (Souza, 2005, p. 28).

De acordo com essa declaração, os alunos, a sociedade e a escola são descupabilizados da promoção da indisciplina, reforça a ideia de que o professor é o agente principal da indisciplina na escola. Enquanto aos alunos, nos pressupostos de Bourdieu e Passeron, atribui a resistência ao objetivo reprodutivista das instituições, já que consideram que as mesmas, por meio das suas ações, reproduzem um ambiente de violência simbólica aos alunos de classe desfavorecidas, através da imposição de uma cultura que não lhes pertencem (Souza, 2005).

Concordam, ainda, Baudelot e Establet que a indisciplina são uma expressão real da luta de classes, é o confronto entre ideologias, da classe dominante e trabalhadora. Nesse contexto, Souza (2005) define o que seria indisciplina como sendo resistência e ousadia dos alunos que não aceitam a essa cultura dominante da escola. Dessa forma, mais uma vez, concordam os sociólogos, que a indisciplina é um fator ligado a violência social, de mudanças que ocorrem no meio familiar, na sociedade, na economia, mas potencializadas nas escolas.

Ora, a sociedade e seus aspectos sócio históricos, econômicos, culturais nutre, de certo modo, senão totalmente as principais causas da indisciplina escolar. Percebe-se que se torna um efeito dominó, a sociedade dita as regras, a famílias e altera, a escolas e posiciona, ora a favor, ora contra os modelos hegemônicos e por aí vai. Dessa forma, não há como atribuir algo ou há alguém a autoria indisciplinar, mas é preciso, dentro de um determinado contexto, buscar as causas e consequências da indisciplina, pelo menos na tentativa de contribuir com outros estudos.

## **1.2. O que fazer para reduzir a indisciplina na escola?**

Durante a revisão de conceito, causas e consequências da indisciplina escolar, não conseguimos deixar de considerar os posicionamentos dos autores acerca do que fazer em relação aos fatores de indisciplina expostos. Contudo, nesse ponto, nos propomos, apesar de considerar cada contexto único, nos valer das pesquisas antes desenvolvidas, que de fato nos ajudará entender o nosso objeto de pesquisa.

Vários estudos e pesquisas nos últimos anos são feitos na busca de entender e reduzir ou sanar o problema da indisciplina escolar, pois o mesmo tem afetado bruscamente a escola e em consequência a sociedade. Devido a isso, a questão passou a ser discutida dentro e fora do ambiente escolar na busca de uma possível solução, pois esse tipo de comportamento tem interferido diretamente no desempenho do aluno. Têm-se aqueles que apresentam boa disciplina e são prejudicados, pois o tempo inteiro o professor precisa parar o assunto para chamar atenção do que está interferindo a aula, muitas vezes com palavrões, machucando o colega dentro da sala de aula e o conteúdo fica no meio do caminho.

A realidade que tem acompanhado nossas crianças faz com que muitas fiquem ociosas, sem limites e sem compromissos, influenciando diretamente em suas habilidades que

deveriam ser desenvolvidas na escola. Vivemos um momento puramente tecnológico, assim, muitas vezes os alunos preferem ficar em casa assistindo TV, ou jogando, na maioria das vezes jogos violentos ou até na rua, e deixam de realizar atividades que contribua para o seu desenvolvimento escolar.

As crianças passam o dia todo sozinhas, em casa ou na rua. E os pais responsáveis transferem para a escola toda, ou quase toda, a responsabilidade da educação de seus filhos: estabelecer limites e desenvolver hábitos básicos. Fica a cargo do professor ensinar às crianças desde amarrar os sapatos, da iniciação religiosa até colocar limites que já deveriam vir esclarecidos de casa (Oliveira, 2005, p. 51).

Essas crianças que passam o dia sozinhas, sem a presença dos pais para acompanhá-los na educação, chegam à escola com a ausência de bons hábitos. Dessa forma, o professor fica responsável por tudo, os ensinamentos, tanto morais, quanto relativo aos conteúdos escolares, mas a verdade é que com toda essa responsabilidade algumas tarefas não se concluem.

Os pais ao perceberem que o filho está indo muito mal na escola e provocando confusões, procuram impor limites e disciplina de forma arbitrária e autoritária, com punições e castigos fora de tempo. O que deveria ter feito desde muito cedo quando a criança estava em formação e desenvolvimento, para evitar todos os problemas causados pela falta de indisciplina.

Não vendo saída, os pais cobram da escola um papel que é tão somente deles. Os alunos mudam de escola, de bairro, de país, no entanto os pais serão os mesmos em qualquer uma das situações, desta forma, chamamos atenção para que a educação dos primeiros anos, essa deve ser priorizada, pois é a partir daí que a criança forma seus valores, caráter e personalidade.

Os pais precisam entender que a escola tem um papel diferente, um papel que só irá complementar a educação que a criança traz de casa, por este motivo, escola e família deverão andar sempre juntas, com um só objetivo, transformar a criança em um bom indivíduo. Tiba (2005, p. 183) afirma que: “Se a parceria entre família e escola for formada desde os primeiros passos da criança, todos terão muito a lucrar. A criança, que estiver bem vai melhorar e aquela que tiver problemas receberá a ajuda tanto da escola quanto dos pais para superá-los”.

Acredita-se que a família que caminha com a escola desde o princípio, faz com que todos saem ganhando. A escola fará o seu papel em transmitir o conhecimento, tendo a certeza

de que se houver qualquer problema com a criança, os pais estarão presentes para auxiliar, e a criança, sem todos os conflitos apresentará êxito em aprender.

A qualificação do profissional da educação é bastante falada em nossos tempos, no entanto, sabemos que ela não tem sido o bastante para lidar com a indisciplina dentro da sala de aula, a responsabilidade é bem maior que ensinar, a escola tem que se preocupar também em formar o cidadão consciente de seus direitos e deveres.

Nessa conjuntura, o professor deve levar em conta os quatro pilares da educação, são eles desenvolvidos pela UNESCO, trata-se de uma “Declaração Mundial sobre Educação para Todos”, cuja proposta atravessa os desafios do século XXI, como antes exposto, um tempo de rápidas mudanças tecnológicas e com ela suas problemáticas.

O primeiro pilar se constrói quando um ser se torna capaz de **aprender a conhecer**. É ter a capacidade de rever as velhas crenças, aprender a cultivar outras, se submeter e/ou aceitar os erros, também de acertar mais, dando espaço para se chegar ao conhecimento através de suas experiências. Ser capaz de olhar criticamente, até os paradigmas científicos, apostando na ideia de se construir novas possibilidades de pensamentos, dentro de parâmetros éticos (Silva, 2017, p. 254).

Quanto ao professor, Antunes (2012) propõe, diante dessa nova pedagogia, a renovação de seus métodos. Mais do que nunca, esse deve estar em movimento, criando desafios para seus alunos, propondo pesquisas que os estimulem a sair da zona de conforto. Afirma Silva (2017, p. 255) que:

Pelo pensamento tanto a pessoa se distancia como se reaproxima das coisas, sempre com um novo olhar. Durante toda a Idade Medieval o conhecimento era estático, porque se concebia o mundo como sendo imóvel e fechado em si mesmo. Deus também era imóvel, distante do mundo e dos homens, segundo a escolástica medieval, baseada em Aristóteles. Desta forma, o futuro estava embutido no presente. Para aprender bastava decorar os poucos livros e as fórmulas das ciências exatas. O professor de maneira formal passava para seus alunos os conteúdos decorados, não se podia perguntar, discordar ou acrescentar outro conteúdo.

Em suma, para esse autor, essas atitudes medievais é que faziam com que fossem gerados comportamentos indisciplinados, a educação bancária, Freire (1987). Contudo,

percebemos que o professor deixou de ser a única fonte de informação, temos alunos conectados diariamente em seus iphones, ipads, tablets, etc, dos quais dispõem de várias referências, dados, e o grande desafio está em orientá-los a estruturar essas informações de forma que lhes deem sentido e um verdadeiro conhecimento. Por isso, a pedagogia, conforme Silva (2017), deve ser centrado no aluno, acrescida de estratégias em que os relacionamentos professor/aluno, aluno/aluno sejam de qualidade.

Algumas outras considerações são feitas, como ter respeito ao desenvolvimento de cada aluno, a etapa em que se encontram, portanto, repensar os planejamentos das aulas; dar espaço as atividades extracurriculares, passeios, projetos que despertem nos alunos o desejo de descobrir novas realidades; atribuir sentido às aulas, mostrando aos alunos a contribuição daquele conhecimento para sua vivência cotidiana; envolver a intersubjetividade e intercomunicação, fazer com que o mundo seja ativo dentro da consciência; um outro ponto importante é que os professores também devem se abrir, permitir que seus alunos os conheçam (Freire, 1997, SCOZ, 1994).

O currículo é um elemento fundamental para a caminhada escolar. Quando esse se encontra mal planejado a tendência é que as aulas se tornem exaustivas, ambos, professores e alunos ficam cansados e o tempo é desperdiçado. Algumas pesquisas da edição 2013 da Talis (Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem) coordenada mundialmente pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), apontam que 20% das aulas no Brasil são ocupados com o professor chamando atenção da turma, tentando buscar a disciplina, tornando o desempenho brasileiro o pior entre 32 países que fizeram parte da mesma pesquisa (Uol, 2014).

Um dos motivos dessa indisciplina pode estar nas explicações maçantes, as repetições enfadamos alunos, resultando em cansaço e fadiga. Devido a isso, é importante que os alunos sejam observados e a escola repense suas práticas, e envolva a comunidade, os pais e todos envolvidos (Brant, 2012).

Muitos são os fatores ligados à indisciplina, e como temos discutido ao longo da nossa pesquisa, o campo social faz diferença e traz grandes contribuições para os fatores ligados a essa problemática. A escola precisa se inserir no mundo, isto é, seu currículo precisa problematizar as questões sociais, fazendo que o estudante participe de forma ativa nas aulas e no mundo em sua volta. Para tanto, o ensino interdisciplinar poderá auxiliar à melhoria desses

contratempos indisciplinados, visto a dinâmica de envolvimento de outras disciplinas num mesmo assunto, além do que, o professor poderá aprender com seu aluno (Silva, 2017). Concluímos ressaltando que o conhecimento não deve ser hierarquizado, e a coordenação pedagógica precisa estar envolvida na articulação dos Projetos Políticos Pedagógicos, pois são direcionamentos para outros planejamentos.

O segundo pilar é o **Aprender a fazer**, esse trata das competências e habilidades que podem ser ampliadas quando vamos além dos conhecimentos teóricos e avançamos em direção a prática. A prática segue o ordenamento de que a perfeição é resultado da repetição, e, nessa linha, a habilidade é um dom que as pessoas têm de fazer algo, e que geralmente só elas obtêm (Silva, 2017). Demais a mais, segundo Antunes (2010, p.31) a competência “é a capacidade de mobilizar recursos mentais para encontrar soluções de problemas de diferentes naturezas”. Assim, a ligação entre o aprender a conhecer e o aprender a fazer propõem um elo indispensável.

A transformação que envolve o mundo surge a partir dos saberes que não são isolados e por isso pretende o conhecimento da realidade nas quais estamos inseridos, buscando nos situar como pessoas e agentes transformadores. Para tanto, o aprender a fazer precisa estar alicerçado na ética de cada ação, ela é “a lucidez do fazer e do conhecer” (Silva, 2017). Isto é, à medida que eu conheço, me proponho a fazer, este fazer pode gerar o mau ou o bem.

Na escola, o aluno deve ser preparado para enfrentar a realidade do mundo em sua volta, para isso, precisa dominar as técnicas do saber aprender e fazer, ter uma visão além do que está posto, mas a realidade é que nem sempre as escolas se encontram preparadas para corresponder essas exigências, principalmente o referente ao mercado de trabalho. Para Libâneo (2012), a educação a esse propósito deixa de apenas um formador de cidadão se passa a preparar os alunos para o futuro deles, o trabalho que desempenharam na sociedade.

Para além das expectativas de um ambiente saudável para os alunos, isto é, um ambiente com baixo percentual de indisciplina, as escolas precisam ter em mente que essa disciplina que tanto buscamos será decisivo para a atuação desses alunos no mercado de trabalho. Portanto, as ações precisam se pautar no futuro desses indivíduos.

A **prática do aprender a viver juntos** é o tema que constitui o terceiro pilar da educação. Ela envolve a amizade, tema discutido por diversos autores, cristãos, filósofos e monges. Há entre eles quem concorde que a amizade é o próprio amor, outros pensam a

amizade como o relacionamento mais belo da vida e por envolver uma responsabilidade com o outro, é válido ser cultivado no ambiente educacional.

O autor Libâneo (2012), concorda que a convivência exige de nós o reconhecimento do amor próprio e dos outros, pois é nesse processo que a formação acontece. Quando estamos na escola, as amizades que constituímos geralmente duram a vida inteira, entre alunos, professores e funcionários, e é nesse espírito que devem ser pensadas as relações nesse ambiente. Assim, toda a equipe escolar precisa estar focada nesse processo.

Um bom relacionamento no ambiente escolar contribui para uma boa formação, por isso as crianças precisam aprender a se sentirem pertencentes a um grupo, seja na escola, na família na comunidade, e, a partir disso, cuidarem desses pertences (Silva, 2017). Esse sentimento de cuidado é que fará toda diferença, principalmente para o fator indisciplina, que conta com a depredação dos materiais escolares e com o desrespeito ao outro.

Por fim, temos o quarto pilar que trata da **prática do aprender a ser**. Vale-se da importância que tem nossas escolhas diante da vida. Os resultados que obtemos são resultados de escolhas, e por isso a educação deve propor como finalidade o desenvolvimento do indivíduo, tratar de sua responsabilidade pessoal, espiritual e cuidar do corpo (Antunes, 2010). E, não pode se negar a cumpri-los, precisa prezar pelo entendimento dos alunos quanto a importância de ser.

Silva (2017), ao citar Heidegger, descreve sobre o ser da sociedade atual, que na verdade é constantemente questionado. A aparência, a falta de conteúdo interior, faz com que as pessoas se percam e não se (re)conheçam, mas a verdade é que só é possível ser a partir do outro, por isso, se eu não considero o que está para além de mim, eu ainda não sou. Diante disso, percebe-se a grande responsabilidade da escola, da educação quanto formador do ser humano.

A contemporaneidade pede uma educação humanizada, e que compreenda que esse aspecto é fundamental para outros conhecimentos. Ainda de acordo com Heidegger, Silva (2017) aponta para a dificuldade de homem aprender a ser, tornando-se alienados em relação às condições humanas, porque não conseguem conhecer a si mesmas. Por esse motivo, repassar conteúdos tornou-se uma pedagogia ultrapassada, antes a escola visava apenas trabalhar e competir, gerando violência e autoafirmação em relação aos demais, muitas vezes até

facilitando para que os indivíduos passassem por cima de valores e da ética para obterem o desejado, uma lógica de mercado.

O grande desafio está e na escola formar pessoas saudáveis, morais e éticas, ensinar aos alunos obter uma existência autêntica. Sendo assim, em vez de apenas ensinar o aluno, deve conviver com ele, sendo que a presença dele jamais deve ser motivo de peso, em conjunto, a manifestação do apreço o respeito torna-se essencial para uma vida saudável e para o aprendizado.

Em complemento às contribuições de possíveis soluções ao fator indisciplina, retomaremos os apontamentos da pesquisa realizada pela UNESCO. Conforme essa pesquisa, concordam os professores que a indisciplina atrapalha o andamento dos conteúdos, portanto impacta negativamente também nas relações entre todos os indivíduos. Todavia, a OCDE, identificou que ao envolver os alunos, pais e professores nas decisões, a cultura da responsabilidade, o percentual de indisciplina diminui. Ademais, apresenta a ideia de promover uma cultura de participação, sendo que, as decisões em torno do ambiente escolar podem ser tomadas em conjunto, os pais, professores, alunos e funcionários. Seria o desenvolvimento de um código disciplinar. Dentro dessa perspectiva, contar com apoio psicológico e de assistentes sociais, assim como dos governantes (Unesco, 2016).

Vimos que para um bom andamento das práticas escolares, faz-se necessário desenvolver habilidades, sociais, emocionais dos alunos, principalmente pensando no futuro, aonde eles terão que lidar com conflitos em outros ambientes. Essas habilidades são fatores que correspondem positivamente ou negativamente no ambiente escolar, podem gerar disciplina ou a indisciplina, contribuir ou não para um ensino de qualidade.

De mais a mais, outro modo que tem sido discutido no meio educacional é a autodisciplina na educação contemporânea, como forma de evitar que a indisciplina se instale no ambiente escolar. Por isso, visa trabalhar com ideias que estimulem os alunos a serem proativos, pensar e refletir sobre a indisciplina.

Franzoso e Haddad (2011), entendem a autodisciplina como um processo de internalização e consciencialização das regras morais, desenvolvida no contato com o outro. Isto é, nas relações mútuas, visto que essa contribui para uma boa qualidade no relacionamento dos indivíduos, seja nas relações afetivas entre crianças e adultos, crianças e crianças. Estabelece-se o respeito, a responsabilidade, a consideração e a empatia.

Desta feita, apresentaremos uma revisão conceitual do que é considerado a Habilidade Social, e como pode auxiliar na compreensão das problemáticas da indisciplina.

## 2. HABILIDADES SOCIAIS

A habilidade social são comportamentos desenvolvidos e trabalhados na escola, assim como se faz em relação aos demais conteúdos. No ensino fundamental, principalmente, onde os alunos se encontram em desenvolvimento essas técnicas devem visar os próximos passos dos alunos, o nível acadêmico e o convívio social. Antes, torna-se importante para o sucesso escolar.

Várias definições acompanham esse termo, mas em geral, esse está envolvido com a relação interpessoal dos indivíduos, espera-se que seja bem-sucedida. Caballo (1996; 2010) e Del Prette e Del Prette (2005), concordam que esses comportamentos são aperfeiçoados com a intenção de serem resolvidos possíveis problemas e reduzir outros futuros, tornando as relações saudáveis e produtivas. Assim, a Habilidade social atravessa as relações dos indivíduos de forma que contribua para sua competência social.

Há de se concordar que a adolescência é um período de transição, do qual contam com mudanças fisiológicas, anatômicas, psicológicas e sociais, portanto, atua e interfere diretamente na constituição identitária dos indivíduos que atravessam essa fase (Alencar, Silva, Silva & Diniz, 2008; Brêtas & Silva, 2005). É um momento de busca de autonomia, também de poder sobre si mesmo, e por isso, muitas vezes acarretam em comportamentos transgressores.

Para a psicologia, o conceito de habilidades sociais são um conjunto de comportamentos, ligados a forma de se expressar, atitudes, sentimentos, opiniões, respeito com si próprio e com os outros. Vale ressaltar que diante dessa afirmativa, a psicologia não deixa de considerar o contexto cultural em que o indivíduo se encontra inserido (Caballo, 1997; Del Prette & Cols, 2008; Rosin- Pinola, Del Prette & Dell Prette, 2007). Desse modo, as habilidades sociais variam e tornam-se harmônicas de acordo com o que se espera de tal comunidade.

Dentro da perspectiva apresentada por Del Prette & Dell Prette (2002) há a diferenciação entre a competência, desempenho e habilidades sociais.

O desempenho social refere-se à emissão de um comportamento ou sequência de comportamentos em uma situação qualquer; como já citado é o conjunto de classes e subclasses de comportamentos sociais no repertório do sujeito para lidar

com as demandas das situações interpessoais; o termo competência social é a avaliação dos efeitos do desempenho das habilidades sociais (Faijão e Carneiro 2010, p. 296).

A competência social, então, serve para qualificar a habilidade do desempenho e se refere aos sentimentos, o modo de organização dos pensamentos, sentimentos, e demais ações, assim como está intrínseco a articulação de valores de um determinado lugar, suas demandas instantâneas e outras. Desse modo, descreve-se as habilidades sociais como comportamentos possíveis de serem observados “classes molares e moleculares da ação” e aos processos ocultos, como a “autoinstrução, cognição, percepções expectativas”, e outros (Del Prette & Del Prette, 2002). Esse trabalho implica em uma gama de condições que necessitam de manutenção, como:

[...] falar em grupo; expressar amor, afeto e agrado; defender os próprios direitos; solicitar favores; recusar pedidos; fazer e aceitar cumprimentos; expressar as próprias opiniões, mesmos desacordos; expressar justificadamente quando se sentir molestado, enfadado, desagradado; saber se desculpar ou admitir falta de conhecimento; pedir mudança de comportamento do outro e saber enfrentar as críticas recebidas (Carraca & Betetto, 2009 como citado em Faijão e Carneiro 2010, p. 297).

O método tem por finalidade alcançar os indivíduos com dificuldade de assertivas, por isso propõe uma aprendizagem que colabore para que essas habilidades sejam eficientes, dentro do próprio contexto quanto nos demais.

Por assertividade temos os comportamentos manifestados de forma adequada, portanto não prejudica as relações com os demais. Já a não assertividade se trata de o interlocutor não manifestar sua opinião, ou expressar seus sentimentos, até deixa de fazer sua vontade para não abalar uma relação, fazendo isso não atinge o objetivo esperado, de manter um bom convívio. Acrescenta-se aos tipos de comportamento, o agressivo, no qual o emissor consegue atingir seu objetivo, em contrapartida, desvaloriza seu receptor, ou interlocutor, não permitindo que o outro tenha escolha diante de tal situação, faz dele um alvo.

Cia e Barham (2009) atribui a manifestação dos problemas comportamentais como um déficit de habilidades sociais, por isso, caminham na mesma proporção, quanto maior o déficit, maiores problemas de comportamento. Ademais, tem-se a falta de repertório, que de forma

negativa, também faz com que o indivíduo não possua estratégias para lidar com situações aversivas. Um exemplo, são os comportamentos antissociais, totalmente prejudiciais às relações interpessoais (Bolsoni-Silva & Cols., 2006; Bandeira & Cols., 2006; Del Prette & Del Prette, 2008; Pacheco & Gomes, 1999; Pinheiro, 2006).

Devido à complexidade do assunto abordado, ainda traremos contribuições de DelPrette e DelPrette (2001, p. 64), que apresenta uma classificação minuciosa dos tipos de habilidades sociais. Na perspectiva de Bolsoni-Silva e Marturano (2002, p. 03):

- 1) habilidades sociais de comunicação: fazer e responder a perguntas; gratificar e elogiar; pedir e dar feedback nas relações sociais; iniciar, manter e encerrar conversação; DelPrette e DelPrette (1999) apontam também para a adequabilidade de componentes verbais de forma na comunicação: duração, latência e regulação da fala;
- 2) habilidades sociais de civilidade: dizer por favor; agradecer; apresentar-se; cumprimentar; despedir-se;
- 3) habilidades sociais assertivas de enfrentamento: manifestar opinião, concordar, discordar; fazer, aceitar e recusar pedidos; desculpar-se e admitir falhas; estabelecer relacionamento afetivo/sexual; encerrar relacionamento; expressar raiva e pedir mudança de comportamento; interagir com autoridades; lidar com críticas;
- 4) habilidades sociais empáticas: parafrasear, refletir sentimentos e expressar apoio;
- 5) habilidades sociais de trabalho: coordenar grupo; falar em público; resolver problemas, tomar decisões e mediar conflitos; habilidades sociais educativas; e
- 6) habilidades sociais de expressão de sentimento positivo: fazer amizade; expressar a solidariedade e cultivar o amor.

As relações sociais sobrevivem das interações que são forjadas desde infância, por isso, ao encontrar um ambiente propício, as probabilidades de comportamentos adequados se tornam maiores. Assim como no processo educativo, em que o desenvolvimento da aprendizagem do outro deve ser levado em consideração. Portanto, uma interação positiva, com a família, colegas e professores proporciona o sucesso desse ser. Assim, em conformidade Faijão e Carneiro (2010, p. 299):

No âmbito de habilidades sociais educativas, as práticas educativas são caracterizadas com o desempenho interpessoal relacionado às autoregras, a relação positiva com os pais, assertividade para manter um bom diálogo, a leitura

do ambiente – que desenvolve a capacidade de obter êxito nos diálogos – e, por fim, a expressão de sentimentos positivos que auxilia na formação de autoconceito satisfatório da criança.

Dessa forma, a escola deve estar atenta a possíveis comportamentos que se encontram forçados padrões estabelecidos para se alcançar a competência social, pois é o ambiente de precaução, onde os professores podem identificar as dificuldades dos alunos.

Como forma de intervenção direcionadas a falhas nas habilidades sociais, temos os estudos de Murta (2005), que trata sobre aplicações de treinamento nesse aspecto. É um programa de intervenção, denominado Habilidade de vida, visando desenvolver habilidades, como a tomada de decisões, autoconhecimento, a empatia, pensamento crítico, criativo, lidar com situações de estresses, e com as emoções no geral, uma comunicação eficaz, tudo que envolve as capacidades emocionais, capacidades sociais e capacidades cognitivas.

Autoconhecimento é a capacidade de reconhecimento que cada indivíduo tem em si mesmo, das suas habilidades e limites; relacionamento interpessoal é a habilidade de fazer, manter, aprofundar e terminar um relacionamento; empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro, imaginando como este se sente, procurando compreender e não julgar; lidar com os sentimentos diz respeito à capacidade de reconhecer as próprias emoções e as do outro, tomar consciência de quanto elas influenciam o comportamento e como manejá-los adequadamente; lidar com o estresse é a capacidade de reconhecer as fontes de estresse e identificar ações para reduzi-las ou eliminá-las; comunicação eficaz é quando agimos assertivamente com as opiniões, os sentimentos, as necessidades e os desejos; pensamento crítico é definido como a capacidade de analisar informações e/ou situações a partir de diferentes ângulos; pensamento criativo é quando temos a capacidade de explorar alternativas disponíveis no dia a dia; tomada de decisão é quando analisamos os benefícios, riscos e consequências de uma situação; resolução de problemas é a capacidade de enfrentar construtivamente as situações adversas, utilizando capacidades pessoais e recursos do meio (Minto e Cols, 2006, pp. 564-566).

Percebemos que todas essas habilidades dizem respeito a relação interpessoal, cada uma delas são desenvolvidas com o propósito de garantir ao grupo que estaria participando da experiência a troca das mesmas. Assim, o repertório das habilidades sociais seria expandido. Minto e Cols (2006), conclui que dar a oportunidade aos adolescentes de se expressarem favorece nas habilidades sociais, conseqüentemente na sua vivência cotidiana.

Faijão e Carneiro (2010), conclui com o estudo feito para redução de indisciplina escolar, que, onde houve a aplicação de programas de habilidades sociais, resultou na minimização dos comportamentos inadequados e reduziu a indisciplina, acentuando comportamentos socialmente habilidosos.

Ao estabelecer uma conexão com os pressupostos das habilidades sociais e o estudo proposto no nosso trabalho, indisciplina escolar, não poderíamos deixar de notar que esse estudo e outras considerações a respeito do tema pode contribuir de forma positiva e significativa para a solução de desvios disciplinares. Vale lembrar que cada contexto é único e procurar o melhor direcionamento para a diminuição da indisciplina requer um olhar crítico e ao mesmo tempo sensível, tanto para analisar possíveis fatores que a desenvolve quanto para escolher o melhor caminho para solucioná-la.

Além do mais, a escola trabalha com a formação de pessoas, crianças, adolescentes, jovens, portanto tem função não só educacional no sentido de transmitir conteúdos, mas trabalhar as habilidades sociais dos indivíduos, visto que sua preparação tem por finalidade prepará-los para os desafios da vida. Portanto, acentuaremos a seguir sobre seu papel social.

## **2.1. A escola como função social**

Sabemos que a educação serve para atender a sociedade predominante, e que está totalmente ligada à visão que os homens têm sobre sociedade, trabalho e sobre os próprios homens. Desta forma, pode-se perceber que em determinados momentos históricos, a sociedade expressa o momento específico vivido pela humanidade. Faz-se necessário compreender, então a dinâmica social, para encaminhar a prática pedagógica, que é também uma atividade política que exige reflexão crítica e tomada de decisão.

O tempo presente requer do homem uma habilidade nunca antes percebida, visto que suas necessidades e desejos estão cada vez mais mediatizados e para satisfazê-los precisam se

desdobrar para acompanhar o fenômeno que foi denominado globalização. Não diferente, a escola por estar inserida no contexto social é atravessada por essas mudanças que acabam alterando sua rotina, o comportamento dos alunos e as demandas dos professores.

Além de ser um lugar onde alunos buscam o conhecimento gramatical, matemático, a escola tem um papel de promover valores humanos, mas a realidade que tem acompanhado esse ambiente é o de dificuldade quanto aos seus objetivos. Por isso, atualmente as pesquisas têm adotado como tema principal as problemáticas desse ambiente. Dentre ele, está a vivência coletiva que tem sido motivo de alerta, vez que interferem no ensino e na aprendizagem. Ciavata (1992), para Braz (2008, p. 14), esclarece que:

o todo que compõe o processo escolar é importante, desde as disciplinas às propostas pedagógicas. Além do mais, quando falada escola pública, chama a atenção para que o conhecimento tenha cunho crítico e reflexivo, um direcionamento que vá além do senso comum como propósito de atingir uma mente democrática, fugindo da ideia capitalista que é transmitida a todo tempo. [...] a escola, que é a instituição encarregada de formar cidadãos críticos, participativos, que sejam capazes de compreender a ideologia do mercado e que busquem a transformação, necessita discutir as novas relações sociais e de trabalho a fim de resgatar a sua importância social e política enquanto apoio à maioria da população que representa a classe trabalhadora.

Ou seja, a escola tem um papel essencial na formação desses indivíduos que carregam em si a consequência dos pensamentos globalizantes. Deve se atentar a formação dos seus alunos também como cidadãos atuantes dentro de um contexto social. E, a fim de promover mudança, precisa questionar e oferecer mecanismos para que suas visões ultrapassem o que lhes propõem.

A escola é uma instituição social, mas na contemporaneidade tem-se questionado ou tem sido difícil definir o que é sociedade e quais os valores que a rege. Além disso, definir a função da escola e suas funções, bem como a da educação tem sido custoso, pois de acordo com as várias concepções de sociedade, muda-se suas respectivas funcionalidades. Por isso, recorrer às diversas áreas, como sociologia, história e outras pode ajudar a compreensão das diversas funções sociais que são atribuídas à escola.

A respeito da sociedade, destaca Silva e Weide (n.d.) a sociedade é formada de uma dinâmica, da qual é apresentada por cinco elementos, a saber, os acontecimentos, os cenários, os atores, as relações de força e a articulação entre *estrutura* e *conjuntura*. Os acontecimentos são considerados mais que os fatos e toma uma proporção coletiva a depender de quem sofreu, por exemplo, alguma ação; os espaços sociais dizem respeito aos espaços e instituições que envolve os atores sociais, são as praças, os gabinetes, palácios ruas, etc.

Segundo Souza (1994) a depender das forças que envolvem os cenários, esses são modificados, em maioria, a favor de quem detém o poder. Já os atores sociais são aqueles que interagem e agem a favor de seus interesses, as crenças, reivindicações, projetos, além de que se inclui as igrejas, sindicatos, quadrilhas, sendo que, essas ações em determinados cenários repercutem na vida de um grande número de pessoas. Tem-se as relações de forças que envolvem atores sociais em prol de alguém ou contra. Por fim, apresenta-se a articulação entre a *estrutura* e *conjuntura*, respectivamente, de acordo com Marx, a estrutura tem a ver com o caráter econômico social, atualmente, entendemos que estamos no capitalismo, e, a relação entre a conjuntura e a estrutura são de relações de força, mas estimulado pelo sistema vigente, uns se favorecem, outros são desfavorecidos.

De acordo com esse pensamento, a escola deve ser estudada como uma conjuntura, pois se trata de uma instituição social. Mas para ser compreendida, faz-se necessário rever algumas contribuições teóricas, como a de Dermeval Saviani, que já vimos apresentando ao longo do nosso texto. Elucidaremos a função social da escola tradicional seguida da função social nova.

No período da Escola Tradicional, entre os séculos XIX e XX, a economia predominante era agrária, também o Brasil contou com a mudança de um governo imperial para o republicano. Desse contexto surgiu a tendência Tradicional, na qual entendia que os sujeitos que não compreendiam os conteúdos dos livros eram marginalizados, portanto ignorantes. Assim, a escola era vista como solução a essa ignorância, a quantidade de conhecimento era que importava, não a qualidade do mesmo.

Depois de um tempo algumas iniciativas foram tomadas para que esse modelo fosse substituído. Alguns países que se encontrava no cenário da revolução industrial obtinham maior vantagem econômica e aos poucos o Brasil foi recebendo essa influência que geraram novas classes de atores sociais, como os burgueses, mas ligados ao comércio, não se envolviam com a agricultura. As oligarquias agrárias tradicionais tomaram posição inferior à classe média

burguesa e industrial. Enquanto isso, a educação internacional tinha planos de aderir ao plano pedagógico do filósofo John Dewey (1859-1952), a Escola Nova, dentro dos pressupostos americanos (Silva & Weide, n.d.). Algumas mudanças sociais e econômicas foram pontuadas por Aguiar Neto & Sereno (1999, p. 68) onde:

[...] os efeitos da revolução industrial já são amplamente sentidos, tanto na vida moral quanto na vida pessoal. Os progressos da ciência beneficiando uma tecnologia nova, propiciaram o advento dos transportes, da luz elétrica e de todo equipamento que mudou radicalmente a qualidade de vida, sobretudo nos centros urbanos. A mulher se dirigiu ao trabalho e nunca mais saiu das oficinas, das fábricas e dos escritórios.

Diante disso, o filósofo compreendeu que a educação deveria habilitar as crianças para que suas capacidades mentais e instrumentais que atingissem as demandas do século XX, portanto que fossem capazes de intervir nessa realidade.

A busca pela socialização também passou a ser um objetivo escolar, pois esse era um momento caracterizado pelo individualismo. Por isso, era no pragmatismo (tinha a ver com estratégias de racionalização e práticas de recuperação econômica) e no liberalismo (se tratava de uma liberdade individual, onde o sujeito aprenderia através de suas experiências, também a partir de seus interesses) que Dewey apostava sua pedagogia, ao contrário do sistema tradicional: uniforme e impositivo (Silva e Weide, n.d., p. 17), que se aplicava a uma sociedade.

Conforme Di Giorgio (1989, p.16):

[...] uma sociedade estática, que formava indivíduos unicamente capazes de reproduzir o já existente, indivíduos sem iniciativa própria, indivíduos todos iguais. Como tal, os seus métodos consistiriam sobretudo na decoração e memorização, na repetição. O seu objetivo seria apenas a *padronização*.

As funções escolares acompanham as mudanças sociais e é a partir da Nova Escola que a condição da marginalidade é repensada. Passou de falta de conhecimento a presença de um desajustamento, inadaptabilidade das formas biopsicossociais, desse modo, conduzindo aos demais indivíduos ao sentimento de aceitação desses. Dentre outros fatores, a Escola marcou o fim de uma sociedade tradicional no Brasil. Pereira (2003, p.24) salienta que:

[...] a sociedade tradicional entra em crise, quando os critérios racionais começam a superar os tradicionais, quando o capital passa a ter mais importância do que a terra, quando a competência começa a sobrepor-se ao sangue, quando a lei se impõe aos costumes, quando as relações impessoais e burocráticas começam a substituir as de caráter pessoal e patrimonial, quando a sociedade bivalente de senhores e servos, de aristocratas e plebeus, começa a dar lugar a uma sociedade plural, quando o poder político deixa de ser o privilégio de uma oligarquia claramente definida e começa a se tornar cada vez mais difuso, quando a economia de base agrícola tradicional começa a dar lugar a uma economia industrial e moderna, quando a unidade de produção básica não é mais a família, mas a empresa, e depois não é mais a empresa familiar, mas a empresa burocrática, quando os métodos de trabalho tradicionais cedem lugar aos racionais, quando a produtividade e a eficiência se transformam em objetivos básicos das unidades de produção, e quando o desenvolvimento econômico se torna o objetivo das sociedades, quando o reinvestimento se torna uma condição de sobrevivência para as empresas, quando, enfim, o padrão de vida começa a aumentar de forma automática, autônoma e necessária.

Esse momento contou com a instalação de um modelo urbano-industrial, que se estendeu até meados da década de 1930. Saviani (2007) destaca que antes, na década de 1920 o modelo taylorista-fordista foi quem conduzia o desenvolvimento industrial no Brasil. De mais a mais, o escolanovismo foi marcado pelo por um documento intitulado *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. “Os escola no vistas foram atores sociais liderados por AnísioTeixeira, em 1932” (Silva e Weide, n.d., p.18).

Vale ressaltar, que o escolanovismo tinha um público específico, que não eram os pobres, acarretando em uma exclusão social generalizada. Para tal classe, sobrou, na segunda metade do século XX, a formação para mão-de-obra para o trabalho industrial, tecnicismo, que serviu para gerar lucro aos capitalistas.

O tecnicismo pedagógico foi coroado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional número 5692, promulgada em 1971, durante o regime militar no Brasil. O projeto econômico dos generais presidentes se caracterizou pela dependência do capital internacional,

que exigia mão-de-obra técnica em abundância para operar os sistemas industriais (Silva & Weide, n.d., p. 22).

Em meados de 1980, o general Ernesto Geisel iniciou a abertura democrática que aos poucos deu voz aos trabalhadores. Em paralelo, Demerval Saviani iniciou seus trabalhos na proposta pedagógica histórico-crítica, se tratou de discussões a respeito da violência simbólica, sobre as necessidades culturais e pessoais que para alguns eram tidas como semelhante às da classe dominante. Nos pressupostos de Gadotti (1997) apud Silva e Weide (n.d. p. 26):

[...]a cultura das classes superiores estaria tão próxima da cultura da escola, que a criança originária de um meio social inferior não poderia adquirir senão a formação cultural que é dada aos filhos da classe culta. Portanto, para uns, a aprendizagem da cultura escolar é uma conquista duramente obtida; para outros, é uma herança “normal”, que inclui a reprodução das normas. O caminho a percorrer é diferente, conforme a classe de origem.

Após essas considerações, outras teorias foram desenvolvidas e rejeitadas, pois mostram alternativas de funcionamento escolar, tendo a ver com as relações sociais, porém não propõem um modelo pedagógico.

Ainda na década de 1980, no Brasil, iniciou-se no cenário educacional o que foi denominado de Pedagogia Histórico-crítica. Instituída na obra de Saviani desde 1984, se contrapõe a Pedagogia liberal burguesa, isto é, a de reprodução capitalista. Trata-se de uma pedagogia onde a educação é vista como mediadora no que diz respeito às práticas sociais, portanto, tem como objetivo valorizar a pedagogia vinculando-a ao processo de transformação social e humanização do homem, tendo em vista o desenvolvimento de uma nova sociedade. Ressalta Saviani (1983, p.80) “Se a educação é mediação, isto significa que ela não pode ser justificada por si mesma, mas tem sua razão de ser nos efeitos que se prolongam para além dela e que persistem mesmo após a cessação da ação pedagógica”. Na mesma perspectiva, Cardoso (1980) aponta a função social da escola como a de transformadora da sociedade, ou de harmonizadora.

Quando tratamos sobre a função social é impossível não elencar a discussão à função política que a escola exerce. São funções intrínsecas e desenvolvem papéis importantes na comunidade escolar, pois envolve a todos participantes levando-os a dimensionar ações que ultrapassem a sala de aula e a própria instituição escolar. Consoante a Rodrigues, (1992, p. 24):

[...] tal aprendizado nessa temporalidade de vida e conscientização individual, o processo educativo vai se desenvolvendo e ampliando o horizonte de exigências das condições de vida para a comunidade, ou seja, dos limites das ações individuais passa-se para a abrangência das ações no plano social. Os ensinamentos adquiridos no seio familiar transformam-se em aprendizados, os quais serão exercitados nas diversas áreas de atuação na sociedade, surtindo efeitos multiplicadores que vão gerar um processo contínuo por mudanças sociais.

Faz parte do processo dos indivíduos desenvolver um nível individual de ações da qual realiza ou possibilita a ações de nível social, seguidamente, político. Rodrigues (1992), exemplifica com uma simples coleta de lixo no bairro, sugerindo que se essa não é realizada, os autores sociais tendem a cobrar seus direitos e, ao passar essa ação as esferas públicas, tornando um ato social, político. A escola, por sua vez, deve conduzir os indivíduos a terem essa consciência, pois o trabalho educativo deve se empenhar em fazer com que o aluno se conscientize de que essas ações de mudanças sociais são possíveis, todavia, estão condicionadas a mudança governamental, de orientações políticas e econômicas.

Com base nos tempos de vida, desde as ações individuais até às coletivas percebe-se que a escola, ao exercer seu papel social e político, contribui na formação do estudante, na perspectiva dele ter consciência de sua importância enquanto indivíduo na sua família e na comunidade e, enquanto sujeito intervindo de forma crítica na realidade. Ou seja, no plano social, a escola pode estimular no educando, a partir da reflexão sobre os cuidados com a saúde, a natureza, as questões da cidade, entre outros, a consciência do que seja viver bem em sociedade. Como desdobramento, cumprindo seu papel político, a escola, pode, a partir da reflexão destes problemas sociais, os quais estão ao redor da própria escola e da comunidade, suscitar o debate e discutir tais problemas, “estimulando nos estudantes a consciência crítica, a participação, a organização e a intervenção política na sociedade, inclusive avançando para compreender e questionar, diante das mazelas sociais, o atual modo de produção” (Ramos, Leite e Filho, n.d. p. 07).

De modo geral, percebemos que a função social da escola está estritamente ligada a todo um conjunto de elementos. Inicia-se assim, o processo de educação do indivíduo, no seio familiar, onde a família, junto a escola são os responsáveis pela noção de direitos e deveres dos alunos. Portanto, a instituição escolar tem o papel sim de instituir a cidadania, tornar-se ponte para a integração desses indivíduos nas comunidades além da sua família. Vale ressaltar que, “ao ser incorporado nesses outros ambientes, deve obedecer às regras que todos compartilham” (Penin e Vieira, 2001, p. 73).

Não podemos perder de vista que a escola enquanto função social depende também da disciplina, de que o alunado saiba e estejam dispostos a obedecer às regras. Até porque, se tratando do propósito social, esses devem estar preparados para as demandas sociais contemporâneas, exigências do mercado de trabalho e convívio.

Miranda (2013), em seu artigo *Uma reflexão sobre a escola e o século XXI: descontinuidades de uma sociedade em transição*, aponta que as mudanças desse tempo têm deslocado de forma pontual a concepção acerca da educação, e mais ainda, os agentes da educação.

Entre outros, apresenta Zygmunt Bauman, teórico que busca analisar o cenário atual apresentado por ele como “modernidade líquida”, ademais, utiliza os termos *fluides* e *liquidez* para caracterizar a modernidade.

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaemse”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho (Bauman, 2001, p. 8).

Ao se referir a solidez, Bauman (2001), pretende explicar as formas como as coisas vêm acontecendo. Isto é, elementos da sociedade que não mais são enrijecidos, como as tradições, os direitos e obrigações, que, levou aos “tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais” a se libertarem. Em resumo, declara que vivemos em dias de transições, dos quais a educação não foi dispensada.

No mundo da modernidade líquida, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez dos laços humanos, é ressentida como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso duradouro, que dirá eterno, pressagia um futuro carregado de obrigações que constroem a liberdade de movimento e

reduzema habilidade de aproveitar as novas, ainda que desconhecidas, oportunidades, quando elas, inevitavelmente, surgirem (Bauman, 2002, p. 48).

Essa configuração, para Miranda (2013, p.10), tem dificultado as concepções que perpassam ao âmbito educacional no que diz respeito ao seu valor de “bens alcançados e duradouros”, visto que, na velocidade em que as coisas têm sido deslocadas, a impressão que se dá é de que valores permanentes seriam prejudiciais. Por isso, este autor tem se perguntado “por que conhecimento e educação deveriam fugir à regra? Porque tal liquidez não afetaria também o modo como as escolas funcionam?” .

Como prognóstico, diz que os modelos de formação institucionalizados dos últimos tempos não têm correspondido aos ideais da formação da sociedade vigente. Todavia, pressupõe dois caminhos, a saber, um em modos positivos, no sentido de a escola continuar frisando seus valores e críticas, mesmo estando fora do que se propõe atualmente “práticas sociais que podem não favorecer ao desenvolvimento saudável do ser humano, tais como a competição desmedida, a efemeridade dos laços e dos valores morais, a falta de sentido[...]” (Miranda, 2013,p.10); e outro, em modos negativos, que parte do princípio de que, as escolas não podem fugir ao diálogo sobre as novas concepções de educação, que carregam consigo novas epistemologias, um novo *ethos*, diferente do modelo anterior.

Nesse sentido, considera importante se levar em consideração pressupostos dos atuais teóricos pós-modernos, pois, é através das problemáticas, entraves e dilemas sociais que são discutidos que há a possibilidade de um repensar sobre como a escola tem funcionado como agente social.

Nos pressupostos de Nascimento (2013, p. 10), tem-se que:

As novas relações entre sociedade e o Estado lançam exigências de uma nova educação. A escola, hoje mais do que nunca, há de cumprir o seu papel que compreende informar, formar, libertar e transformar, o que depende e muito de novas relações entre funcionários, professores e alunos, do envolvimento comunitário familiar e dos órgãos e entidades publicam. Enfim o peso da sociedade presente e futura se aplica ao papel da escola do sec. XXI. Os rumos da educação nacional direcionam-se a formar o cidadão global, universal, aquele que conhece e respeita o passado, participa e melhora o presente e preserva para as próximas gerações.

Entre tantos desafios, a escola, como nos mostra os autores acima, precisam estar em conformidade, ou pelo menos se atentar a demanda da sociedade, já que, como função social transmite conhecimento que devem ou deveriam servir para inserção desses jovens, num mundo hoje, globalizado.

### **3. METODOLOGIA**

Na nossa pesquisa, propomo-nos entender as causas e consequências da indisciplina escolar na Escola Municipal do Cambolo, Porto Seguro – Bahia. A princípio, percebemos por Santos (1999, 2000), que nas pesquisas feitas no ambiente educacional, como no nosso caso, é exigido que haja uma certa dinamicidade metodológica, até porque esse ambiente dispõe de características próprias—daí entendemos que se trata da localização da escola, a saber, está situada em um bairro periférico e cercado de outros – acontecimentos inusitados, vez que se trata de um ambiente comum a diversidade de pessoas, aí incluindo caráter, idades, personalidades, vivências, etc., portanto, que requerem diferentes posicionamentos, fins e objetivos diferenciados.

Diante dessas informações, ainda é possível destacar que a realidade escolar é dinâmica e interativa, ademais, inconstante, em todos os sentidos. O contexto histórico, social desse ambiente é carregado por valores, políticas e crenças que acarretam em múltiplos significados que necessitam ser compreendidos (Arnal, Ricón, & Latorre, 1994; Ludke & André, 1996; Santos, 1999, 2002). Desse modo, faz-se necessário, contextualizá-lo. Apresentar cada espaço e suas características a fim de serem interpretados, logicamente, de maneiras distintas já que cada pesquisador olha de uma forma para o mesmo objeto ou outros. Por isso que, as repetições das conclusões das investigações são impossíveis de serem repetidas.

#### **3.1. Obejtivos da pesquisa**

##### **3.1.1. Objetivo geral**

Analisar os fatores que geram indisciplina e suas consequências na Escola Municipal do Cambolo, Porto Seguro – Bahia.

##### **3.1.2. Objetivos específicos**

1. Identificar as causas da indisciplina no ambiente da Escola Municipal do Cambolo, Porto Seguro – Bahia;
2. Listar as consequências da indisciplina escolar;

3. Descrever a relação professor-aluno e suas implicações no tocante da indisciplina no ambiente educativo.
4. Identificar fatores internos e externos que podem interferir nas questões disciplinares escolares.

### 3.2. Desenho metodológico

Os conhecimentos sobre a realidade são diversos, por vezes, nos apresentam uma boa realidade frente a outras que são inseguras, instáveis. E é partir das diversas possibilidades que podemos perceber uma possível intervenção para ambas, seja para melhorá-las ou para ascende-las a uma melhor ordenação.

Ao se propor investigar um desses casos, o investigador deve estar em constante empenho para que se ache soluções adequadas a cada contexto, já que, cada ambiente apresenta peculiaridades que exigem cuidados pensados de modo a contribuir com cada um deles.

Afima Bell (1997, p. 14): “uma investigação é conduzida para resolver problemas e para alargar conhecimentos, sendo, portanto, um processo que tem por objetivo enriquecer o conhecimento já existente”. Para além, as pesquisas, de modo geral, precisam ser analisadas de modo a utilizar uma metodologia que contemple sua proposta investigativa.

A metodologia estabelecida para análise do fenômeno é não-experimental, descritiva de corte transversal e enfoque misto.

Define-se não-experimental, pois “não envolveu manipulação nem tentativa de estabelecer relações de causa-efeito nas variáveis investigadas” (Hernández; Sampieri et. al., 2010, p. 149 - **tradução**<sup>4</sup>). Os mesmos autores ainda nos esclarecem que:

---

<sup>4</sup> **Texto original:** “Podría definir se como la investigación que se realiza sin manipular deliberadamente variables. Es decir, se trata de estudios donde no hacemos variaren forma intencionallas variables independientes para ver su efecto sobre o trasvariables.”

A pesquisa experimental possui escopos iniciais e finais correlacionais e explicativos. A pesquisa não experimental é sistemática e empírica, na qual as variáveis independentes não se manipulam porque já aconteceram. Inferências sobre as relações entre variáveis são feitas sem intervenção direta ou influência, e essas relações são observadas como ocorreram em seu contexto natural<sup>5</sup> (Hernández Sampieri et. al., 2010, p. 149).

Ou seja, as variáveis que serão observadas já se encontram prontas, portanto, não passíveis de alterações, apenas é possível analisá-las a partir do contexto que essas foram geradas. Em conformidade, explica Alvarenga (2012, p. 44) que em investigações experimentais há uma intenção de manipulação dos resultados em condições rigorosas, pois sua finalidade é “descrever de que forma uma variável em estudo influi em outra variável, ou qual é a causa, ou qual é o efeito do fenômeno em estudo”.

Outrossim, não indica que essa metodologia seja utilizada no campo da conduta humana como em psicologia, saúde, educação, e outros, afirmando que por razões éticas e práticas torna-se difícil manipular os resultados. Ou seja, pressupondo que a pesquisa não-experimental, como são analisados fenômenos reais, pede, como escolha mais acertada, a pesquisa não-experimental, o estudo como “*postfacto*”, pois, quem investiga deve observar o real para interpretar e compreender como se dão os episódios, seguido dos seus significados.

Quando a investigação se realiza dentro do campo da conduta humana, se examina e se descreve de forma sistemática os fenômenos dos meios sociais. Os ambientes naturais podem ser constituídos por: instituições educativas, hospitais, bairros, fábricas, comunidades diversas. Se pode realizar investigações *qualitativas como quantitativas*. Segundo o tempo pode ser de corte transversal ou longitudinal (Alvarenga, 2012, p. 50).

---

<sup>5</sup> **Texto Original:** La investigación experimental tiene alcances iniciales y finales correlacionales y explicativos. La investigación no experimentales sistemática y empírica en aquellas variables independientes no se manipulan porque y ahan sucedido. Las inferencias sobre las relaciones entre variables se realizan sin intervención o influencia directa, y dichas relaciones se observan tal como se han dado en su contexto natural.

Devido a esse fato, nosso enfoque de investigação é misto, que, segundo Hernández Sampieri, et.al. (2010), diante da pesquisa não-experimental é de fundamental importância, assim como em pesquisas de opinião, estudos retrospectivos e prospectivos, *post facto*, e outros. Ainda, considera a melhor maneira de classificar essa pesquisa por dimensões, ou sequências temporais, ou de momentos de onde são coletados os dados.

Escolhemos o enfoque misto, porque disponibilizaremos de informações colhidas em forma questionário, assim, facilitando garimpar os dados que venham proporcionar uma discussão relevante a nossa pesquisa. Aos professores da Escola Municipal do Cambolo escolhemos o questionário estruturado; para os alunos, o questionário estruturado.

Segundo Gil (2008), o questionário é um conjunto de questões que são respondidas por aqueles que são pesquisados, além de ser um meio rápido de obter informações no anonimato. Das maneiras mais frequentes, sobre a aplicação, a escolha é aplicar de maneira coletiva, tendo como possibilidade a escolha pelas questões abertas e/ou fechadas.

As perguntas abertas são aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente (Chaer, Diniz e Ribeiro, 2011, p. 262).

Concorda Alvarenga (2012), que o questionário aberto é uma forma dos participantes ficarem livres ao se expressarem, também respondem de acordo com suas respectivas experiências. As fechadas, são por sua vez, segundo o mesmo autor, são:

Perguntas nas quais são apresentadas aos autores duas opções, ou um leque de possibilidade de respostas, das opções, o interrogado escolherá a mais adequada para responder a cada item. São respostas pré codificadas [...] As perguntas fechadas podem ser *dicotômicas ou de múltipla escolha* (Alvarenga, 2012, p.78).

As perguntas fechadas, igualmente são denominadas “perguntas estruturadas” por dispor das possíveis respostas das quais os entrevistados escolhem, facilitando a tabulação das informações. Por estar classificada entre as técnicas padronizadas de coletas de dado, tendo por objetivo estudar as características de um grupo, nossa pesquisa afigura-se como descritiva.

Os objetivos desse tipo de investigação são descrever situações. Estão direcionados a determinar como são ou como se manifestam as variáveis em uma determinada situação. *Procuram descrever* os fenômenos em estudo. A descrição pode ser mais ou menos profunda, se baseia na medição das variáveis. Pode-se formular variáveis explícitas ou não (Alvarenga, 2012, p. 40).

Procuramos observar em nossa pesquisa, como propõe Hernández Sampieri, et. al. (2013), analisar e registrar com que frequência ocorriam, no ambiente escolar, as manifestações de indisciplina, quais são suas relações e conexões com outros agravantes do mesmo ambiente, de igual modo, a possível origem e como se caracterizam, sem instrumentos de manipulação. Sendo assim, torna-se descritiva, apresentando variáveis do estudo.

Por obter um enfoque misto, a pesquisa se realiza com populações relativamente grandes e contêm a possibilidade de ser definido tipos de amostra. Assim, os resultados podem ser apresentados como dados estatísticos. Para tanto, abrange investigações que podem ser transversais, longitudinais, casos e controles, etc.

Nesse caso, optamos pelo estudo transversal, que são aplicados no geral as pesquisas não-experimentais, nosso caso. Funciona com a coleta de dados em um determinado momento a fim de descrever as suas variáveis e, após, analisar seus acontecimentos levando em consideração o dado momento, como uma fotografia. Para mais, as vantagens deste estudo é que pode ser simples, de baixo custo, rápido, objetivo na coleta de dados, facilidade em obter amostras representativas da população (Hernández; Sampieri, et. al. 2010).

Desse modo, reafirmando a escolha transversal descritiva deste estudo, visto a nosso objetivo, de entender as causas e as consequências da indisciplina no ambiente escolar, para, então, descrevê-los e contribuir para sua melhoria.

### **3.3. A unidade de análise e participantes**

**Unidade Escolar:** Os dados foram coletados na comunidade da escola Municipal do Cambolo em Porto Seguro–Bahia, no período letivo de 2019. É uma unidade de porte médio, está localizada em Rua Mariano José Dias, nº 200, Cambolo. CEP: 45810-000. Porto Seguro – Bahia. Atende alunos em Ensino Fundamenta I e II, além do EJA (Educação de Jovens e

Adultos), com 08 salas de aula, biblioteca, sala de professor, sala de informática, espaço recreativo. Foi inaugurada em 2005, e possui uma avaliação relativa no IDEB.

O Colégio possui aproximadamente 410 alunos, com idade entre 12 e 18 anos, distribuídos em dois turnos (Matutino e Vespertino) de Ensino Fundamental I e II e um turno (Noturno) de Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo um total de aproximadamente 45 funcionários.

**Os Participantes:** Os investigados nesta pesquisa foram 60 alunos do 9º ano A e B, 7 professores.

Os alunos, na sua grande maioria, são de classe média baixa, residem no entorno da escola. Não trabalham, por serem menores, com exceção dos alunos da EJA, que de forma geral, já são pais, inclusive dos próprios alunos de turnos opostos.

A escola dispõe de um coordenador, que oferece atendimento à comunidade escolar em dois turnos, matutinos e o vespertino. Tem formação em duas áreas, a saber, Licenciatura em Pedagogia e Administração Escolar, e passou a assumir essa função através de um concurso público. Ademais, a escola referida conta com o processo democrático, onde a diretoria é eleita pela comunidade: funcionários, pais e alunos.

De mais a mais, os professores desta unidade, em sua maioria, são licenciados em sua área específica, com pós-graduação e também mestrado na área da educação.

### **3.3.1. O lugar de estudos**

Os dados foram coletados na comunidade da Escola Municipal do Cambolo em Porto Seguro– Bahia, no período letivo de 2019. O critério para a seleção dos sujeitos foi a faixa etária, haja vista que pretendíamos ter como objeto de estudo uma turma mais madura, optamos pelos alunos do 9 ano A e B, bem como os professores. Esta comunidade atende a 410 alunos do ensino fundamental II, alunos que estão passando por mudanças biológicas, mudanças psicológicas, emocional e sócio afetivos. Além de fatores próprios dos seres humanos nessa faixa etária, os alunos se deparam com uma série de diversidades na sala de aula, como diferentes culturas, experiências, expectativas e pensamentos, por isso, é justamente daí que surge o desafio de os profissionais da Escola Municipal do Cambolo buscar meios para a problemática da indisciplina que surge nesse contexto. Por ser nosso objeto de estudo,

buscamos por fim, auxiliar na descoberta dos fatores da indisciplina, para então apresentar contribuições que auxiliem na minimização dessa problemática, em consequência, criar um ambiente mais agradável e prazeroso ao ensino-aprendizado.

### **3.4. Seleção da amostra participante**

Sabendo que, nossa escolha foi de coletar dados dos participantes onde me encontro inserida, como professora, decidimos tratar essa investigação como uma pesquisa por amostra probabilística, facilidade em coletar os dados e pela possibilidade de todos os elementos do subgrupo ter a possibilidade de serem selecionados.

Define-se por amostra probalística:

[...] todos os elementos da população que têm a mesma possibilidade de serem escolhidos e eles são obtidos definindo as características da população e do tamanho da amostra, e por meio de seleção aleatória ou mecânica das unidades de análise (Hernández; Sampieriet. al. 2010, p. 176).

Para tanto, foi utilizado esse método com corpo discente, a saber, foram 60 estudantes do 9º ano que tiveram a mesma possibilidade de integrar a amostra. A seleção probalística dos mesmos, por sua vez, foi realizada de forma aleatória, sendo a população é conhecida; os métodos foram rigorosos e científicos; selecionou-se os subgrupos da população com base nas informações apresentadas e considerou-se o representativo.

Justificamos a escolha pelas turmas dos 9º anos, pois são considerados alunos mais levados da unidade escolar, são, em sua maioria, os maiores em tamanho e em idade. E, por passarem por várias mudanças endócrinas e psicológicas, acreditam que podem mandar, bater, empurrar, intimidar os mais novos, esquecem-se das regras de convivência e desta forma tumultuam o ambiente escolar.

### **3.5. Técnicas e instrumentos de coletas de dados**

Por tratar-se de um trabalho cujos métodos são investigativos, e, portanto, viabiliza uma escolha vasta de instrumentalização para a coleta de dados, chegamos à conclusão de que a opção pelo questionário semiestruturado para os professores e estruturado para os alunos seria

a escolha mais adequada. Aos demais profissionais da educação, optamos pelo questionário aberto, realizado para obtenção das informações dos da referida escola.

Como toda escolha que fazemos, o questionário traz em si pontos que são positivos e também negativos, respectivamente, os principais pontos, fortes, é a garantia do anonimato de quem irá responder as perguntas, as questões são objetivas, facilitando a escolha da resposta, por essa também há a possibilidade de se padronizar e tornar as questões uniformes, além, oferece a possibilidade de um maior tempo para que as perguntas sejam respondidas, e, se tratando do aplicador do questionário, facilita a conversão das respostas para quaisquer tipos de arquivos, sem contar nos custos, que se torna mais acessível.

O questionário é definido por Gil (2008, p.121), por:

[...] a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Alguns outros autores, como Marconi & Lakatos (1999) e Hair (2004), apresenta como ponto positivo para a escolha do questionário, a economia no tempo, a facilidade no deslocamento dos participantes, pois alcança várias áreas geográficas ao mesmo tempo e em consequência, obtém um número grande de dados, sem que o pesquisador precise estar presente e os participantes não necessariamente se identificam.

Aos nossos participantes, foi, primeiramente, explicado o propósito e importância da nossa pesquisa. Explicamos a importância do retorno das respostas do questionário para sua completude. Justificamos a eles, a necessidade de compreender o que tem acontecido no ambiente escolar para serem causados tantos comportamentos indisciplinados entre os nossos alunos, afetando, assim, seus respectivos rendimentos no que diz respeito ao ensino-aprendizagem.

Hair (2004), relata que os questionários podem ser elaborados com perguntas fechadas ou abertas, sendo que ambas se encaixam para professores, pais e auxiliares e as fechadas podem ser destinadas aos alunos. Além disso, ressalta que com as perguntas abertas é possível que as respostas não sejam restringidas e são mais fáceis de serem elaboradas. Já, as fechadas são mais dificultosas, porque o pesquisador precisa pensar nas possíveis respostas e, de alguma forma, a pessoa que está respondendo precisa se restringir aquelas opções.

Outros sim, realizamos a observação sistemática dos profissionais da educação dentro do ambiente escolar, buscamos perceber seus discursos, procedimentos, atitudes em sala de aula, pois entendemos que é um procedimento que nos daria uma visão mais detalhada dos fenômenos estudados. Esse tipo de procedimento não conta com restrições e é de suma importância a qualquer tipo de pesquisa.

Fernandes (2011), diz que essa é uma técnica que foi reconhecida através de um trabalho de campo realizado por Milanowski, entre 1914 e 1918 – meados do século XX. Consiste em uma técnica que permite que informações sejam coletadas a partir da convivência do pesquisador com os pesquisados. Ambos, em uma troca mutua de informações, complementam a experiência, o olhar, percebe a forma de sentir do outro, do falar e etc., dessa forma, ao compartilhar o mesmo ambiente é que são percebidas muitas informações, que servem de complemento a pesquisa.

O emprego da técnica de Observação Participante demanda do pesquisador a utilização de recursos dos mais variados. Imediatamente nos damos conta de que, como vimos, se é necessária a presença do pesquisador no campo, no momento e nas condições em que as relações se manifestam, o primeiro recurso disponível ao pesquisador no desenvolvimento de seu trabalho é o seu próprio corpo. A interatividade e interação com o meio que nos cerca somente podem ocorrer pelo uso dos nossos sentidos básicos: principalmente o tato, a audição, a visão, sem esquecer o olfato e o paladar, em menor escala, que, somados aos outros sentidos, nos permitem ter o que chamamos de percepção, gostos e sensações, tanto de base físico-orgânica quanto emocional (Fernandes, 2011, pp. 264- 265).

O mesmo autor chama a atenção para o pesquisador, que ao se dispor a fazer esse tipo de análise não deixar que conclusões precipitadas sejam tidas como verdades. Sua observação deve ser desprendida de pré-conceitos, noções pré-estabelecidas, antes, precisa entender que é um processo racional que demanda um desprendimento de suas emoções. Para tanto, apresenta quatro elementos desse processo.

[...] a *curiosidade* e a *criatividade*, características geralmente tão comuns nas crianças, às quais junta-se a consciência da importância de se atender a um terceiro elemento, o *rigor teórico-metodológico* atestador da cientificidade das ações do pesquisador. Por Rigor Metodológico pode ser entendida a adoção de um movimento do raciocínio que leve em conta o contexto da produção dos sentidos e do “estado da arte” dos conhecimentos obedecendo aos parâmetros acadêmicos, assim como a consciência de que a isenção asséptica dos olhares e juízos não existe, dada a processualidade inerente a toda e cada produção humana, “naturalmente” multifacetada imperfeita. Como quarto elemento, há que se garantira *observância da ética* em pesquisa com seres humanos. Quanto a este importantíssimo ponto, é importante ressaltar a adequação comportamental do pesquisador aos sujeitos observados, ou seja, a necessidade do pesquisador respeitar os *ethos* ou códigos de condutas, dele próprio e dos sujeitos observados (Fernandes, 2011, p. 265).

Para mais, o diário de campo é um elemento importante nessa observação, visto que, o pesquisador necessita de um suporte onde guardar todas as informações apreendidas. Nesse processo, após anotá-las, o mesmo poderá analisá-la de forma cuidadosa.

Em complemento, ressaltamos que observar participantes de uma pesquisa requer cuidados, pois esse procedimento pode configurar uma boa ou ruim experiência, tanto para o pesquisador quanto para o pesquisado.

Fernandes (2011, p. 268) evidencia:

[...] nem tudo são flores no campo de trabalho do pesquisador que se propõe aplicar a Observação Participante. Se afirmamos anteriormente que o informante-chave pode abrir portas, ele também pode fechar algumas delas, quiçá inviabilizar totalmente uma pesquisa. Pois se a natureza relacional da em prática estabelecida entre o pesquisador e informante-chave por algum motivo desanda e descamba para uma direção desagradável, o trabalho de pesquisa pode ficar “queimado”.

O ser humano em si carrega sentimentos, que muitas vezes frágeis, por isso, deve ser considerado, ao escolher esse modo de observação, todos eles. O entendimento de que cada pessoa sente as coisas de uma determinada forma é importante, portanto, ao serem abordados devem se sentir à vontade para não haver momentos desagradáveis entre os envolvidos na pesquisa.

Há muitos autores que criticam esse tipo de instrumento, devido ao fato de poder apresentar algumas dificuldades, todavia, é, ainda hoje um dos mais escolhidos na coleta de dados, principalmente nas pesquisas de âmbito social. Dentre as mais utilizadas estão: as entrevistas estruturada e semiestruturada, a aberta, as entrevistas com grupos focais, junto as histórias de vida a entrevista projetiva. Valendo ressaltar que, o contexto, em qualquer uma das escolhas deve ser seriamente considerada, isto é, considerar e adequá-las ao problema de pesquisa.

Em resumo, definimos nossa coleta de dados com:

- Questionário semiestruturado para os professores;
- Questionário estruturado para alunos;
- Análise documental: Regimento escolar;
- Observação.

Nas perguntas abertas aos profissionais da educação foi permitido aos informantes responderem com total liberdade, com suas palavras, e não houve influenciado pesquisador. E, nas perguntas fechadas apresentadas aos alunos, tinham questões específicas, portanto, restringiu as suas respectivas respostas às opções que lhes foram apresentadas.

### **3.5.1. Processo de validação instrumental**

Para o processo de validação, contamos com a opinião de doutores que analisaram os instrumentos de investigação selecionados para essa pesquisa. A primeira fase consistiu em analisar a adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas, além da clareza na construção das mesmas. Esse processo se deu por opções de *sim* ou *não*, assinalado sem colunas correspondentes as questões. Ao final, fora aprovado pelos avaliadores.

Além disso, analisou os instrumentos: questionário estruturado para os alunos e a semiestruturada para os professores. Nesse processo, aspectos de grande importância foram analisados, como: a clareza na linguagem, e se a mesma encontrava apropriada aos entrevistados; a objetividade em analisar a conduta; se a proposta da pesquisa estava de acordo como tempo presente; a quantidade e qualidade dos instrumentos; a intencionalidade, no que diz respeito a adequar as estratégias utilizadas; o baseamento teórico científico; a pertinência do instrumento ao propósito da pesquisa. Houve então, 80% na aprovação dos dados, portanto validado a ser aplicado do modo como foi elaborado.

### Apresentação gráfica de análise de dados

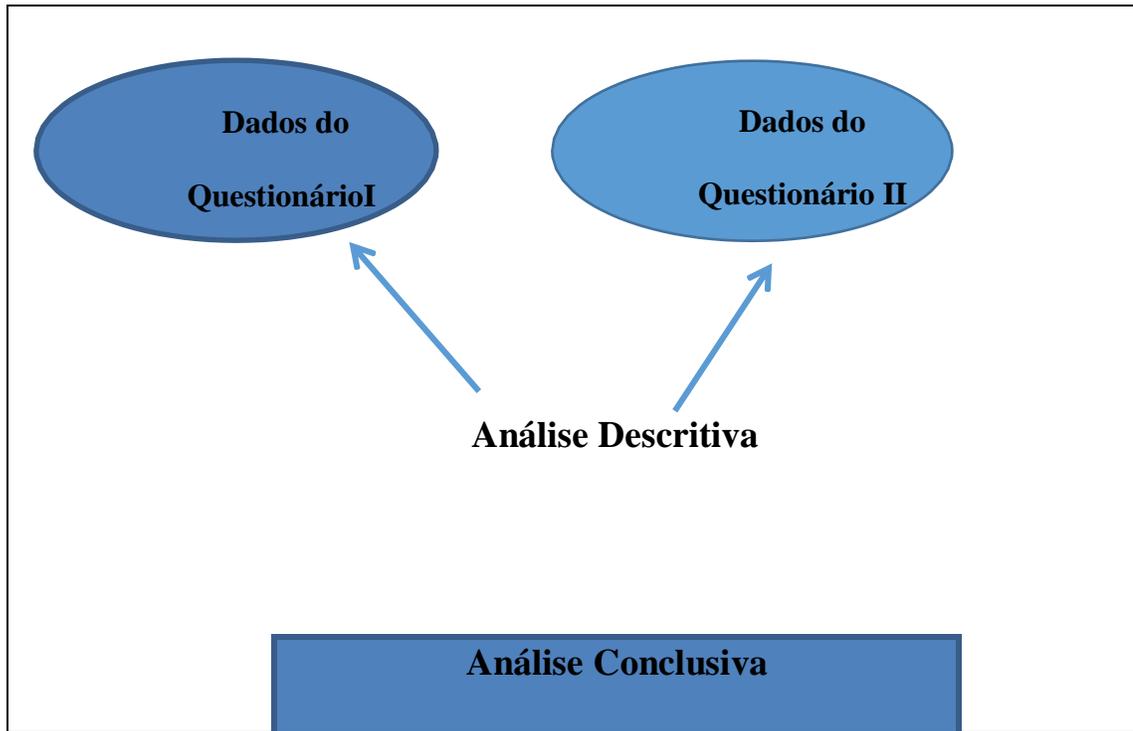
**FIGURA Nº01:** Representação gráfica do plano de análise dos dados observados.



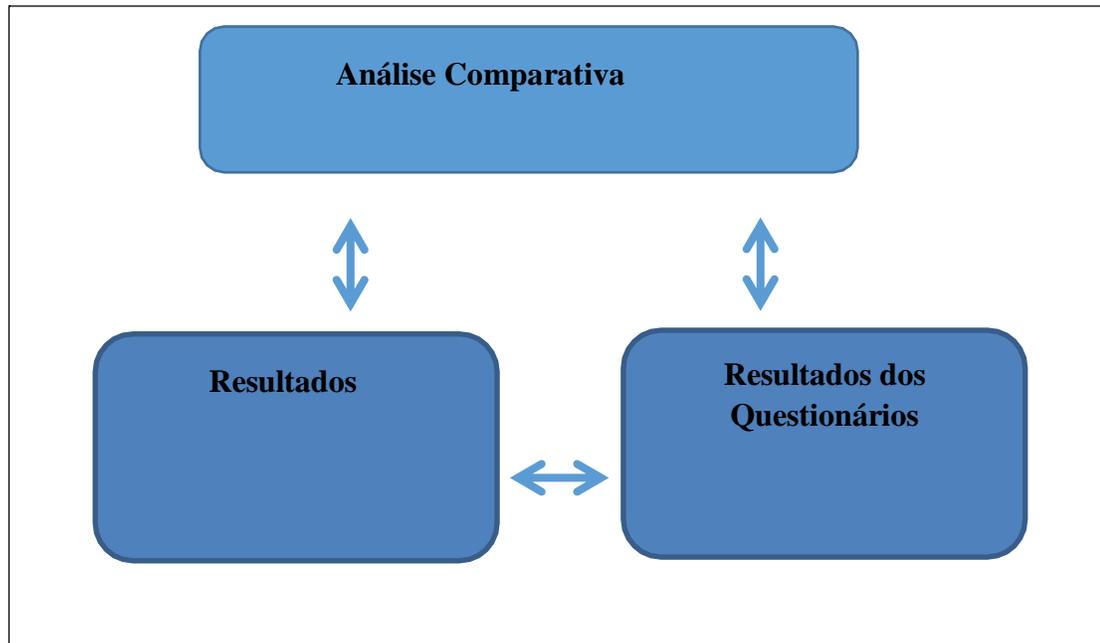
Nas figuras 1, 2 e 3 são apresentadas, graficamente, como foram dirigidas as análises dos dados qualitativos e quantitativos da referida pesquisa. Como apresenta a figura 1, quanto aos dados da observação dos questionários, primeiro, foram observados os dados, em seguida submetidos a uma leitura analítica, depois foram analisados descritivamente, onde todas as

informações relevantes à pesquisa foram fielmente descritas. E por fim realizada a análise inferencial dos dados descritos.

**FIGURA N°02:** Representação gráfica do plano de análise dos dados dos questionários



De acordo com a figura 2, os dados dos questionários foram ponderados por meio da análise estatística descritiva, através de gráficos e tabelas. E em seguida foram submetidos à análise estatística conclusiva.

**FIGURA Nº03:** Representação gráfica do plano de análise comparativa

Após a análise dos dados qualitativos e quantitativos, o pesquisador efetuou uma análise comparativa entre estes dados, buscando um significado comum entre eles, além de uma compreensão mais ampla e profunda.

## 4. ANÁLISE DE DADOS

### 4.1. Profissionais da educação

Neste ponto, nos propomos apresentar de forma descritiva a análise que foi feita com a resposta dos professores, de forma a contemplar todos os meios de coleta de dados. Algumas falas dos professores em análise serão apresentadas com a finalidade de saber se a indisciplina afeta e prejudica a sua aula. A saber:

**Professor 1:** “Penso que a família é responsável, porque se é ela que convive a maior parte do tempo com seus filhos e não sabe impor limites a eles”.

**Professor 2:** “A falta de preparo das famílias, não sabem o que é limite, nem estão preocupados em apresentar limites aos seus filhos, nem pensam no futuro dos mesmos”.

**Professor 3:** “Penso que, tanto a família como o professor são agente causador da indisciplina, depende muito de como ele lida com o aluno”.

**Professor 4:** “A família é quem é culpada pois não transmite os valores e respeito para seus filhos”.

**Professor 5:** “Mas também, a coordenação e a direção não fazem nada! Por isso que eles são assim na escola”.

O que se percebe, diante dessas falas, é que muitos pais não estabelecem regras e limites aos seus filhos, e quando chamados na escola para falar sobre a indisciplina dos seus filhos, os mesmo informam que conversam, que já não sabem mais o que fazer e passam a ser permissivos, portanto, não aplicam qualquer tipo de punição pelos atos errados dos filhos e, conseqüentemente, esses tornam-se impulsivos, desobedientes e desrespeitosos com os pais e professores. Tornam-se rebeldes e vão à escola somente para encontrar com amigos, bagunçar.

Freire (2008), em seu livro *Pedagogia da Indignação* inicia sua primeira carta pedagógica com destaque para essa realidade:

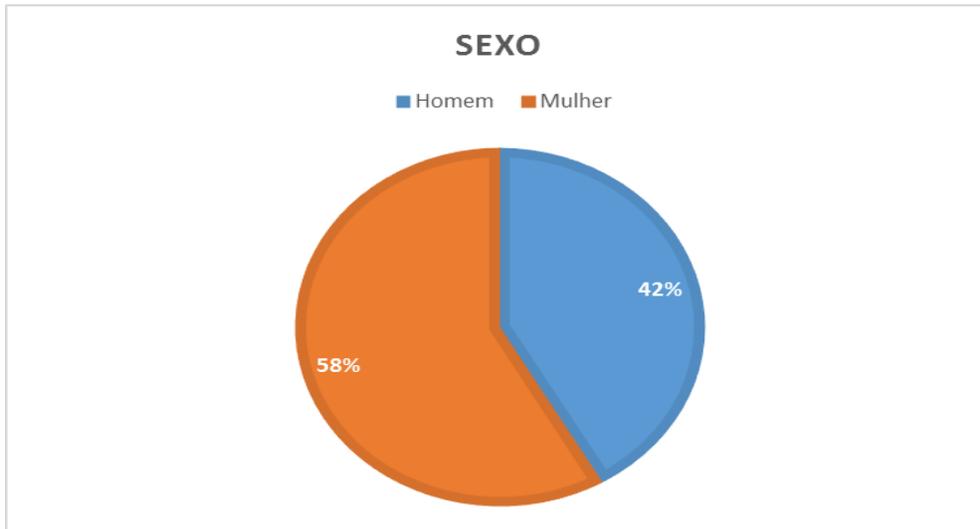
A mim me dá pena e preocupação quando convivo com famílias que experimentam a “tirania da liberdade” em que as crianças podem tudo: gritam, riscam as paredes, ameaçam as visitas em face a autoridade complacente dos pais que se pensam ainda campeões da liberdade (Freire, 2008, p. 29)

Neste aspecto, cabe a escola procurar técnicas inovadoras, melhorar o fazer pedagógico, harmonizar a relação professor/aluno, pois essa relação tem deixado a desejar e onde não há essa prática, esse respeito, a indisciplina impera. À coordenação, como pontuado por um profissional, tomar medidas cabíveis aos atos disciplinares. Pais, por sua vez, devem reforçar a educação dos filhos em casa.

Ainda de acordo com as discussões foi apontada a postura da gestão, que, para muitos não tem sido eficiente de acordo com a problemática da indisciplina. No entanto, percebe-se que todas as formas usadas pela gestão para solucionar a questão em debate estão pautadas no Regimento escolar, que é um documento comum a todas as outras escolas do município. Desse modo, todas as ações voltadas para solucionar a indisciplina são pautadas neste. Casos em que esses recursos não são eficientes, aciona-se o Conselho Tutelar – consiste em um órgão, do qual tem status permanente e autônomo, não tem caráter jurisdicional e se encarrega de zelar pelos direitos e deveres de crianças e adolescentes da sociedade.

## 4.2. Dados do questionário estruturado aplicado aos alunos do 9º ano

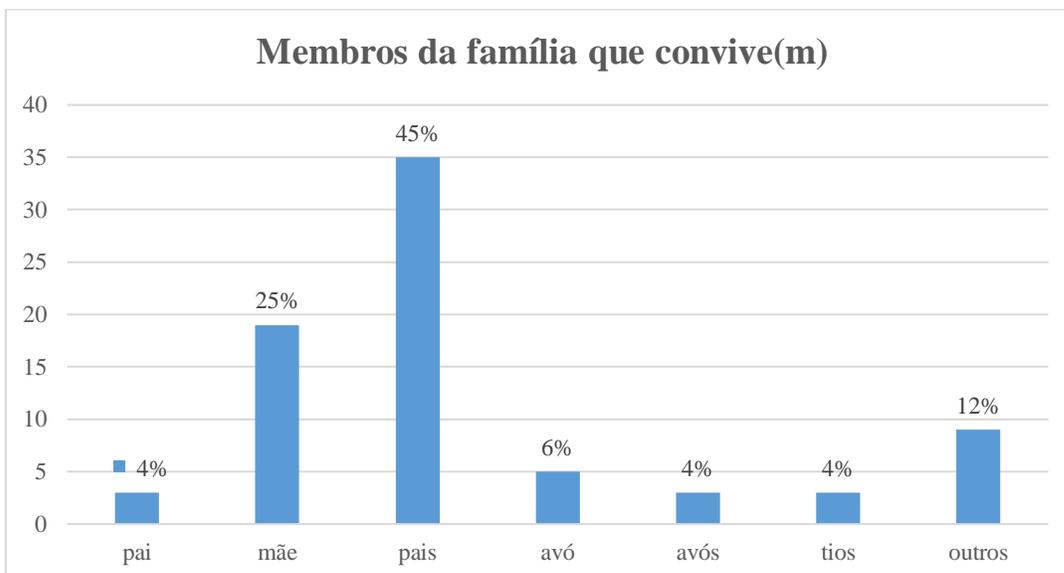
**GRÁFICO Nº 01: Sexo**



Fonte: Dados da Pesquisa 2019

No gráfico 1, é apresentado o sexo dos alunos investigados. Dentre eles, verificamos que a amostra de alunos é constituída por uma percentagem de 58% do sexo feminino e 42% do sexo masculino. Deste modo, predominam os alunos do sexo feminino.

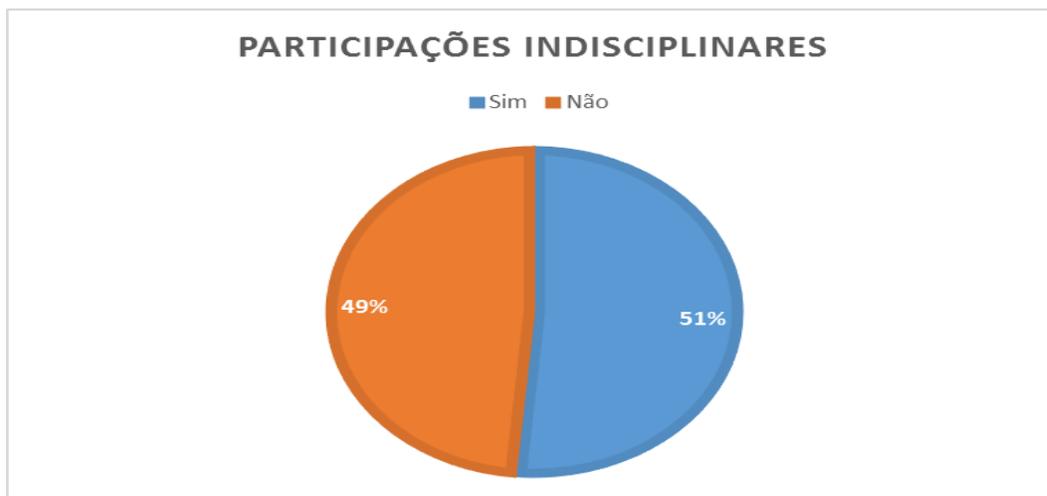
**GRÁFICO Nº02: Membros da família que convivem**



Fonte: Dados da Pesquisa 2019.

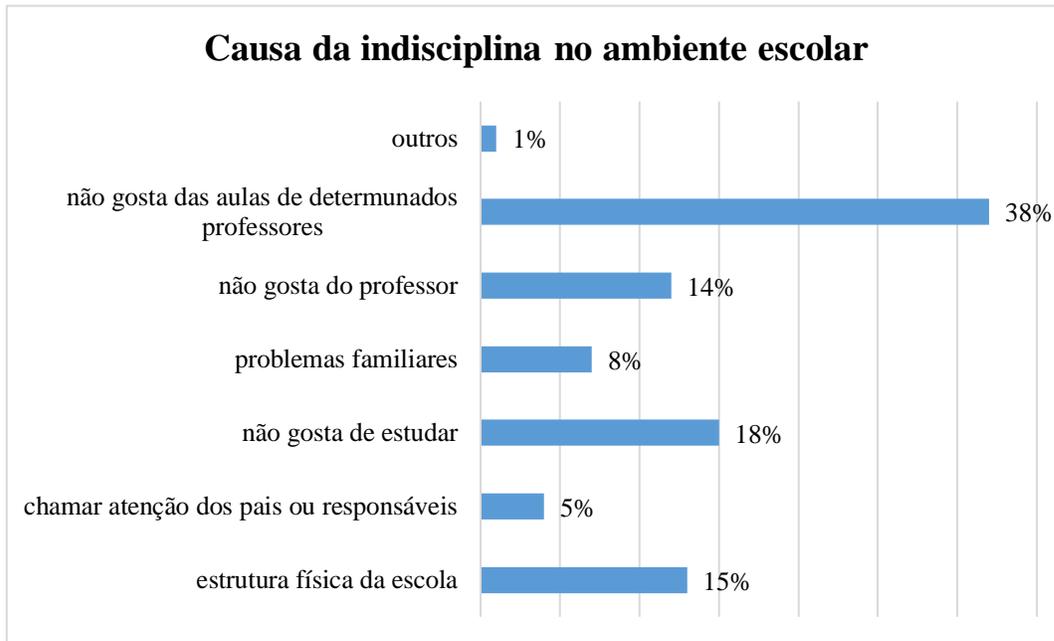
Uma das perguntas do questionário referiu-se à composição familiar. Os resultados do gráfico 2 mostram que 45% dos alunos convivem com os pais, 25% convivem com a mãe, 6% avó e 4% tios, pais e avós.

**GRÁFICO N° 03:** Participações indisciplinadas



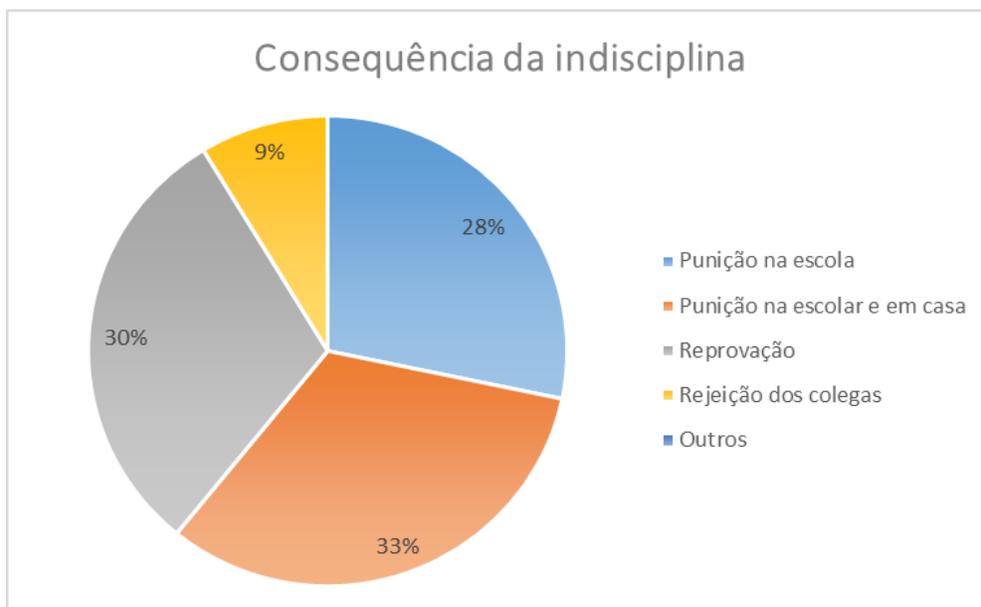
Fonte: Dados da Pesquisa 2019

A participação na postura indisciplinar configura 51% dos alunos, e, 49% deles responderam que não tiveram participação na indisciplina da escola.

**GRÁFICO N°04:** Causa da indisciplina no ambiente escolar

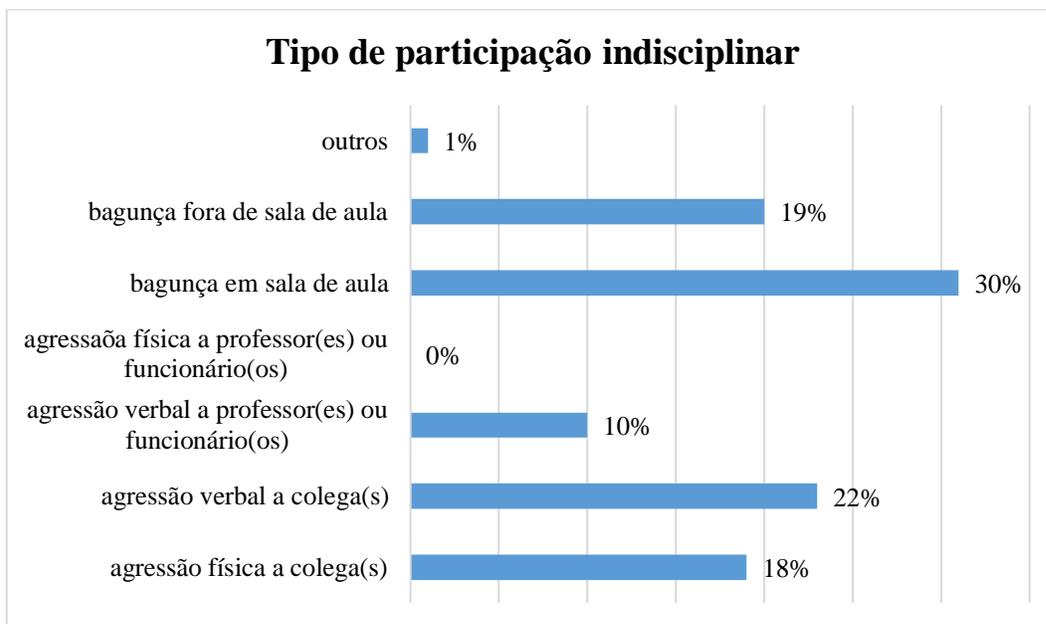
Fonte: Dados da Pesquisa 2019

Foram sete as causas apresentadas para a indisciplina no ambiente escolar. Dentre elas, a que obteve o índice mais alto foi o fato dos alunos não gostarem das aulas, com o número de 38% da amostra; seguido de 18% que não gostam de estudar, 15% não gostam da estrutura física da escola, 14% não gostam do professor, 8% tem problemas familiares e 5% querem chamar a atenção dos responsáveis.

**GRÁFICO N°05:** Consequencia da indisciplina

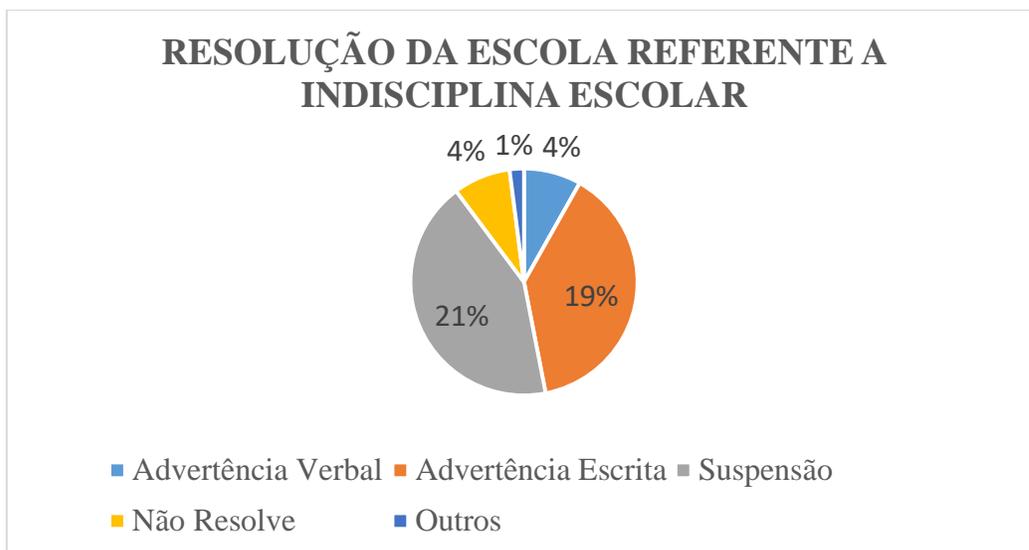
Fonte: Dados da Pesquisa 2019

Neste gráfico 5, temos quais são as consequências da indisciplina para os alunos do 9º ano. Compõe um espectro distribuído pela seguinte forma: 9% rejeição dos colegas, 28% acabam em punição escolar e com altíssimo índice de 30% tem como a reprovação do ano letivo e como consequência percentualmente maior com índice de 33% é a punição doméstica.

**GRÁFICO N°06:** Tipo de participação indisciplinar

Fonte: Dados da Pesquisa 2019

O índice maior de participação indisciplinar é atribuído a bagunça em sala de aula, com 30%, seguido da agressão verbal aos colegas, com 22%, a bagunça fora de sala de aula, tem percentual de 19%, agressão física a colegas 18% e com 10% agressão verbal a professores e funcionários.

**GRÁFICO N°07:** Resolução da escola referente a indisciplina escolar

Fonte: Dados da Pesquisa 2019

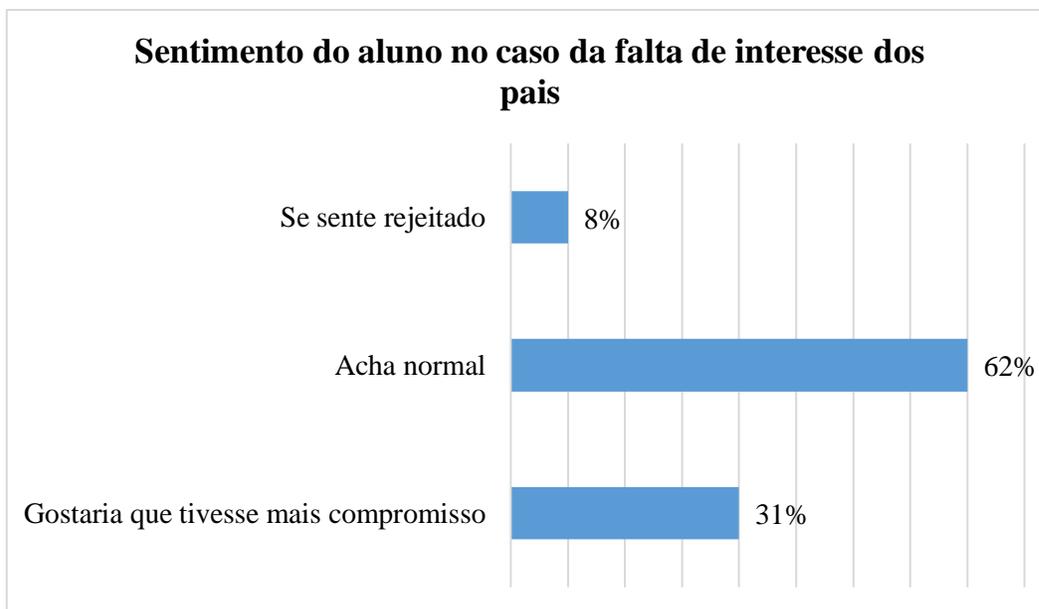
Neste gráfico 7, os alunos apontam que a resolução da indisciplina pela escola é referente a 4% advertência verbal, 19% advertência escrita, 21% suspensões e um índice de 4% para a não resolução por parte da escola e outros com 1%. Vale lembrar que esse gráfico varia entre 0 e 50.

**GRÁFICO N°08:** Agressão fora do ambiente escolar

Fonte: Dados da Pesquisa 2019

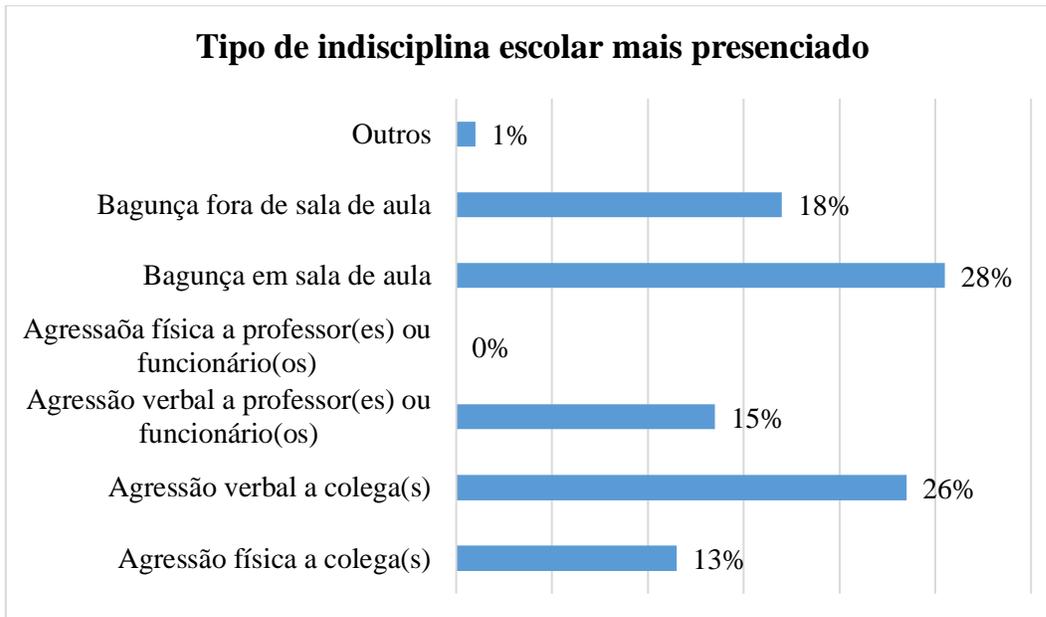
Segundo os dados que representam as agressões sofridas pelos alunos, fora do ambiente escolar, 45% deles dizem não sofrer agressão fora do ambiente escolar. Com 55% tem-se os alunos que dizem já terem sofrido agressão fora do ambiente escolar.

**GRÁFICO N°09:** Sentimento do aluno no caso de falta de interesse dos pais



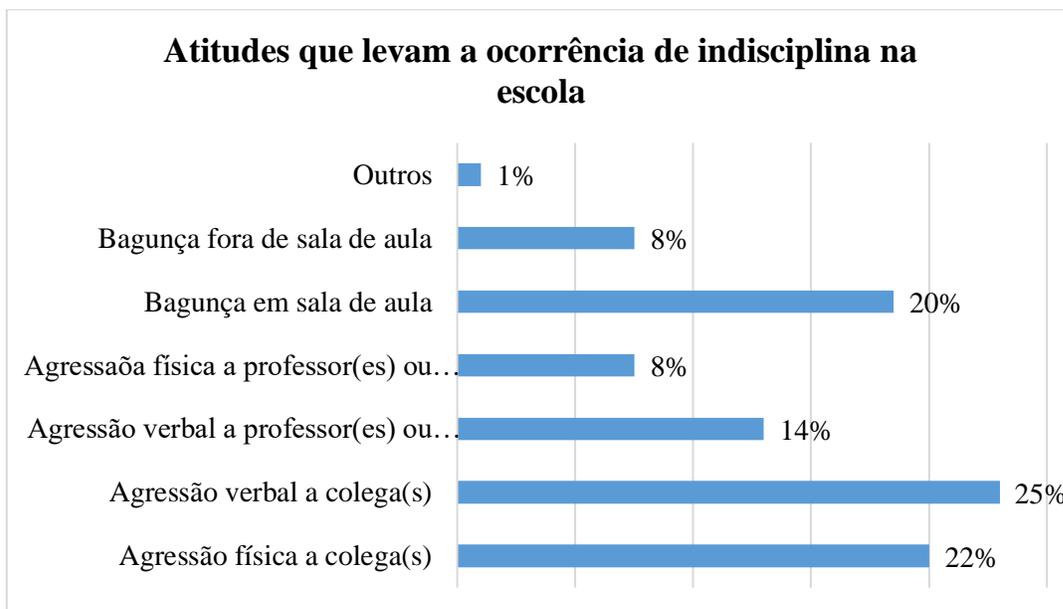
Fonte: Dados da Pesquisa 2019

Neste gráfico 9, é apresentado o tipo de sentimento do aluno em relação aos desinteresses dos pais por eles e/ou pelos seus estudos. 62% deles dizem ser normal essa atitude, 31% gostaria que seus pais tivessem mais compromisso, e apenas e 8% sente-se rejeitado.

**GRÁFICO Nº10:** Tipo de indisciplina escolar mais presenciado

Fonte: Dados da Pesquisa 2019

O tipo de indisciplina escolar mais presenciado é a bagunça em sala de aula, com um índice de 28%, seguido por agressão verbal a colegas, com índice de 26%, bagunça fora de sala de aula 18%, agressão verbal a professores funcionários 15% e agressão física a colegas 13%.

**GRÁFICO Nº11:** Atitudes que levam a ocorrência de indisciplina na escola

Fonte: Dados da Pesquisa 2019.

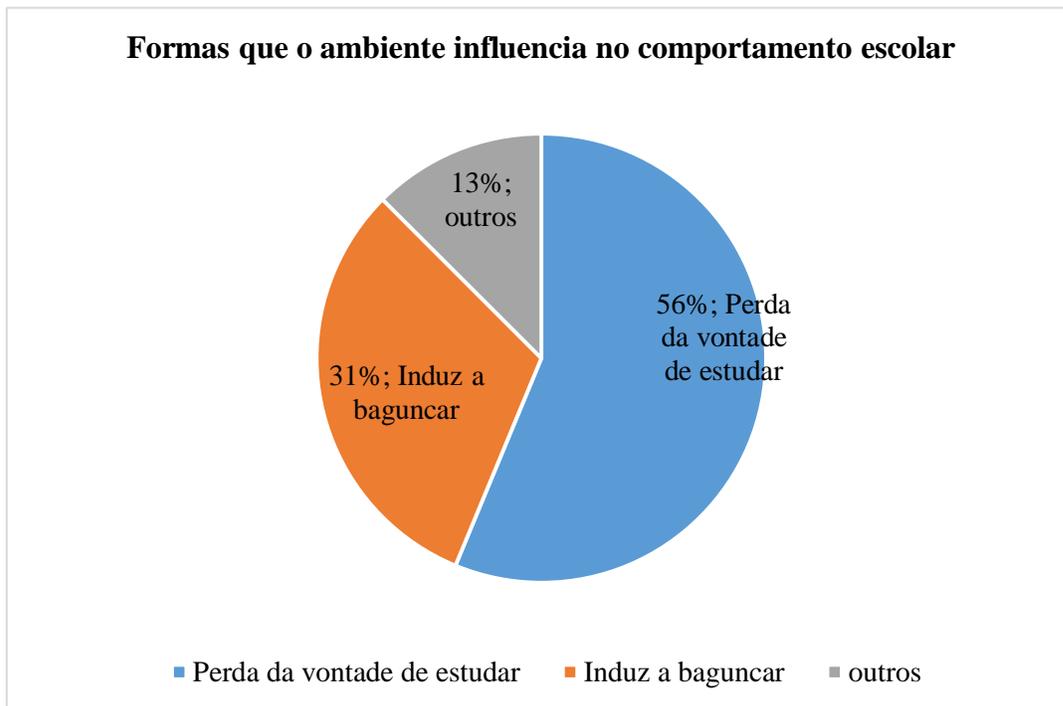
As atitudes que levam a ocorrência de indisciplina na escola é a agressão verbal aos colegas com 25%, seguido de agressão física com 22%, em 3º lugar, a bagunça em sala de aula com 20%. Aos professores e funcionários apresenta-se um índice de 14% com agressão verbal, que, o mesmo número configura a porcentagem da bagunça fora da sala de aula, a qual contribui na ocorrência da indisciplina.

**GRÁFICO Nº12:** Ambiente influência no comportamento escolar



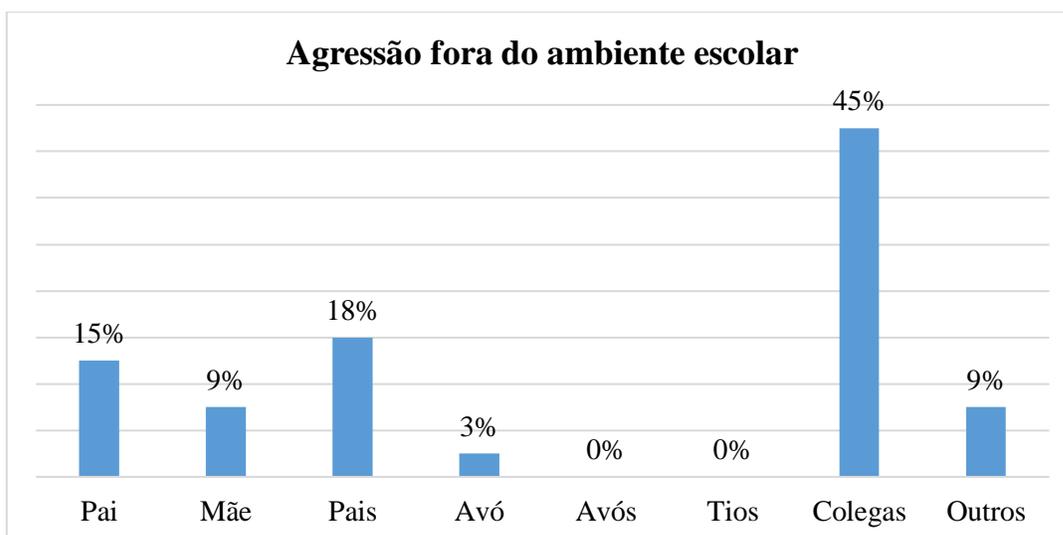
Fonte: Dados da Pesquisa 2019

Ao item em que se questiona se o ambiente influencia no comportamento escolar, as repostas ficaram equivalentes.

**GRÁFICO N°13:** Formas que o ambiente influencia no comportamento escolar

Fonte: Dados da Pesquisa 2019

Às formas que o ambiente influencia no comportamento escolar, sai na frente a perda da vontade de estudar com 56%, seguido por induzir a bagunça com 31%, acompanhado por outros que equivale a 13%.

**GRÁFICO Nº14:** Agressão fora do ambiente escolar

Fonte: Dados da Pesquisa 2019

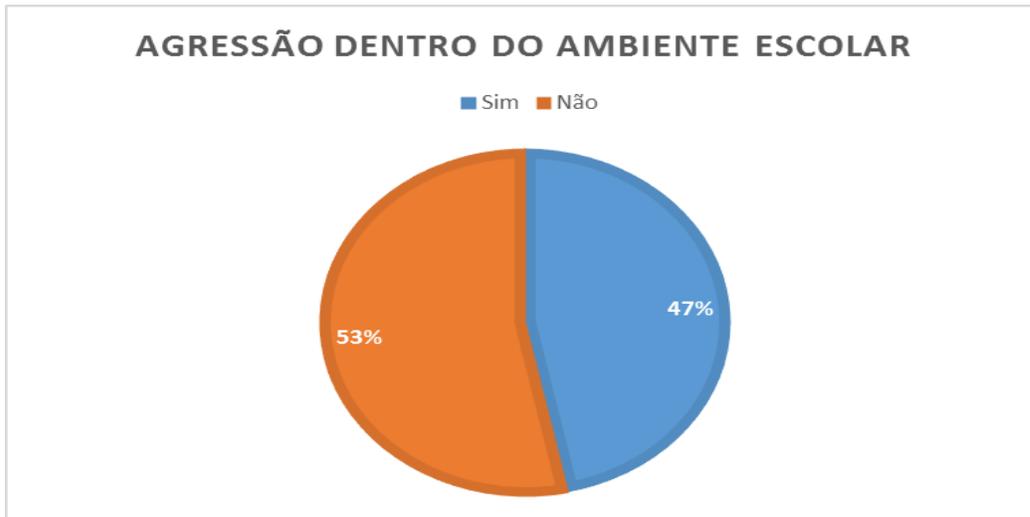
Ao fator agressão fora do ambiente escolar, foi apontado os colegas com o índice de 45%, seguido pelos pais 18%, sendo que, em 3º lugar só o pai, com 15%, e, em 4º lugar ficam equiparados mãe e outros com 9%, a avó aparece em último lugar com 3%.

**GRÁFICO Nº15:** Agressão a um professor ou profissional da educação

Fonte: Dados da Pesquisa 2019

As agressões aos profissionais da educação constituíram 29% da amostra, mas 71% é contrária a agressão.

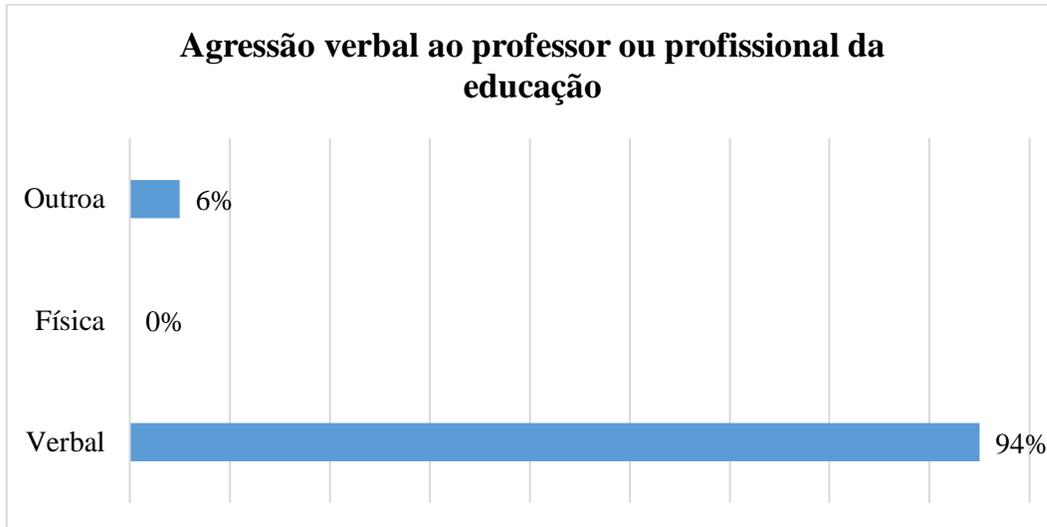
**GRÁFICO Nº16:** Agressão dentro do ambiente escolar



Fonte: Dados da Pesquisa 2019

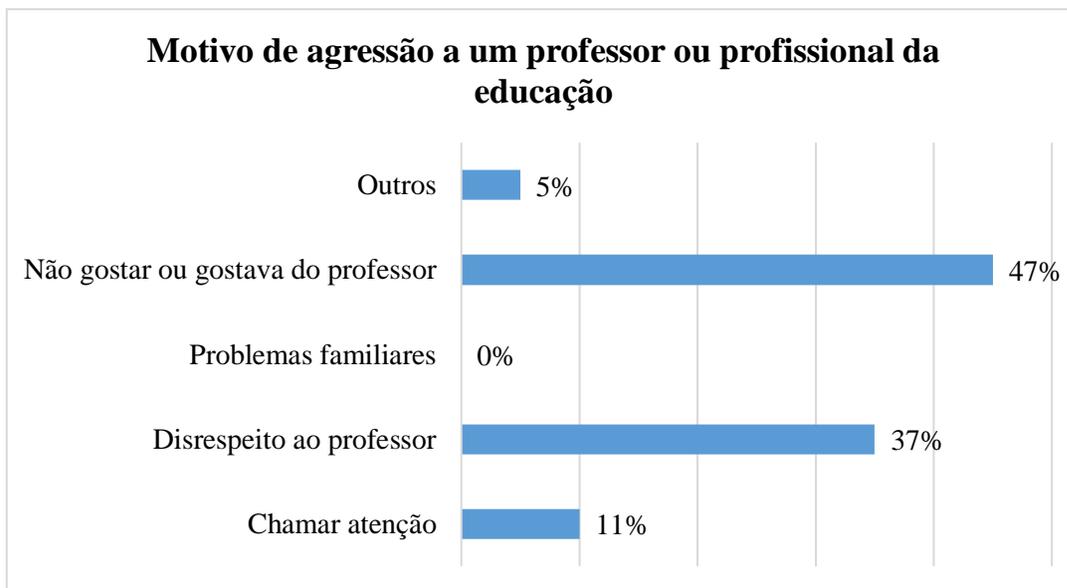
Dentro do ambiente escolar 47% dos questionados informam terem presenciado agressões e 53% indicam não presenciar agressões dentro do ambiente escolar.

**GRÁFICO Nº17:** Agressão verbal ao professor ou profissional da educação



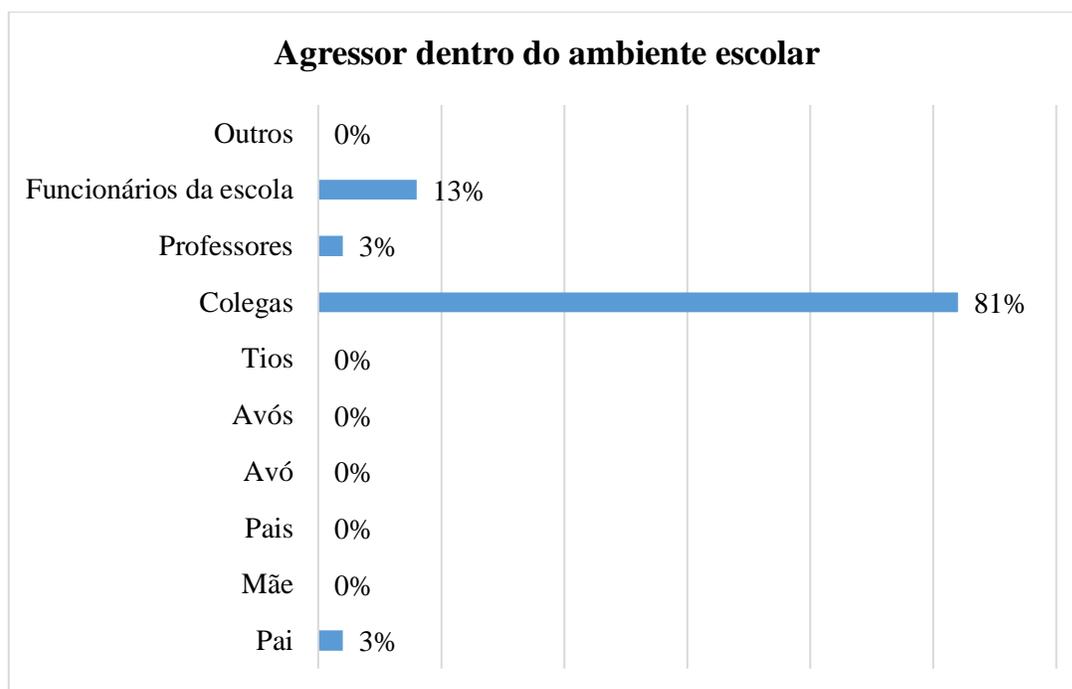
Fonte: Dados da Pesquisa 2019

A agressão verbal ao professor ou profissional da educação aparece com o índice de 94% e outros com 6%.

**GRÁFICO Nº18:** Motivo de agressão a um professor ou profissional da educação

Fonte: Dados da Pesquisa 2019

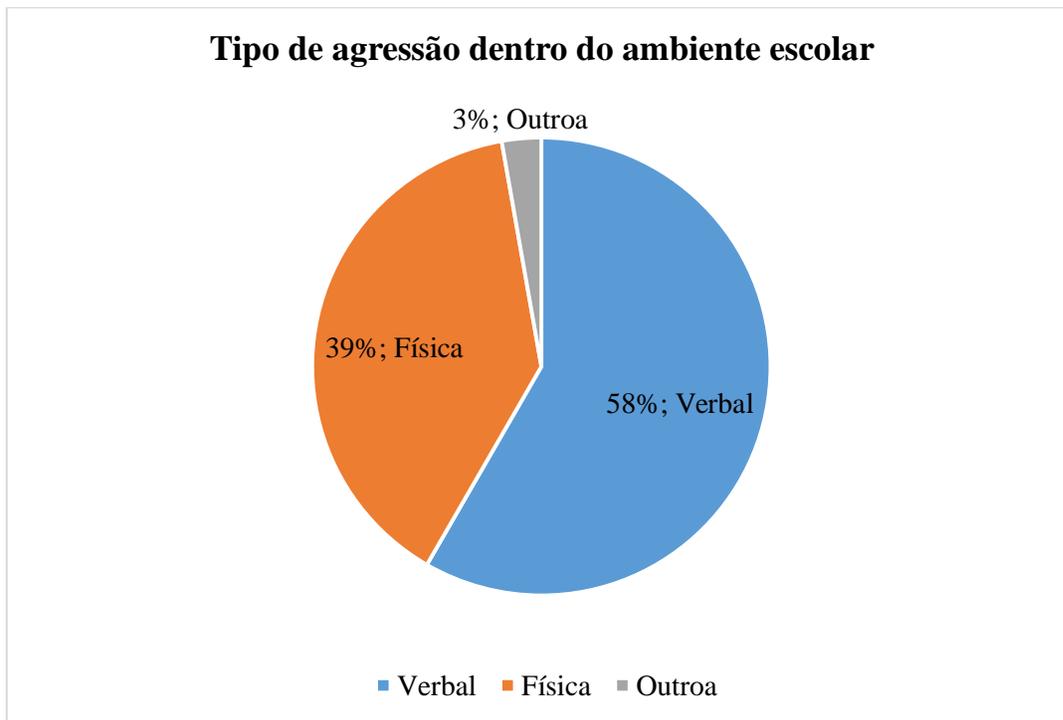
Neste quesito, motivo de agressão a um professor ou profissional da educação, segue com 47%, o não gostar ou gostava do professor, seguido pelo desrespeito do professor com 37% e chamar atenção com 11 %.

**GRÁFICO Nº19:** Agressor dentro do ambiente escolar

Fonte: Dados da Pesquisa 2019

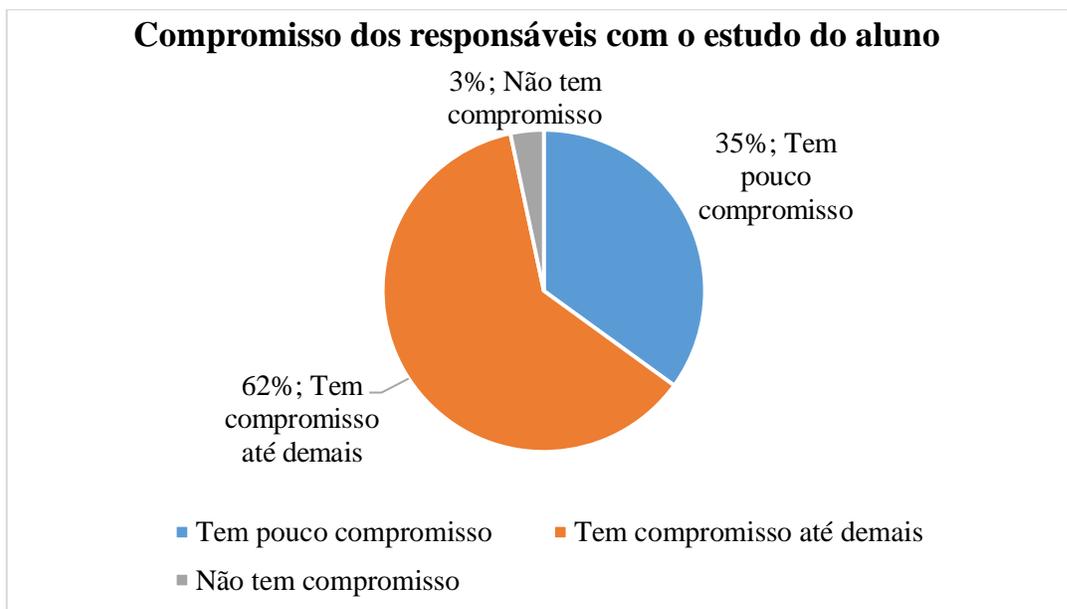
O gráfico 19, aponta o percentual de 81% para o agressor dentro do ambiente escolar, os próprios colegas, seguido de 13% dos funcionários da escola, e 3% de professores e pai.

**GRÁFICO N° 20:** Tipo de agressão dentro do ambiente escolar



Fonte: Dados da Pesquisa 2019

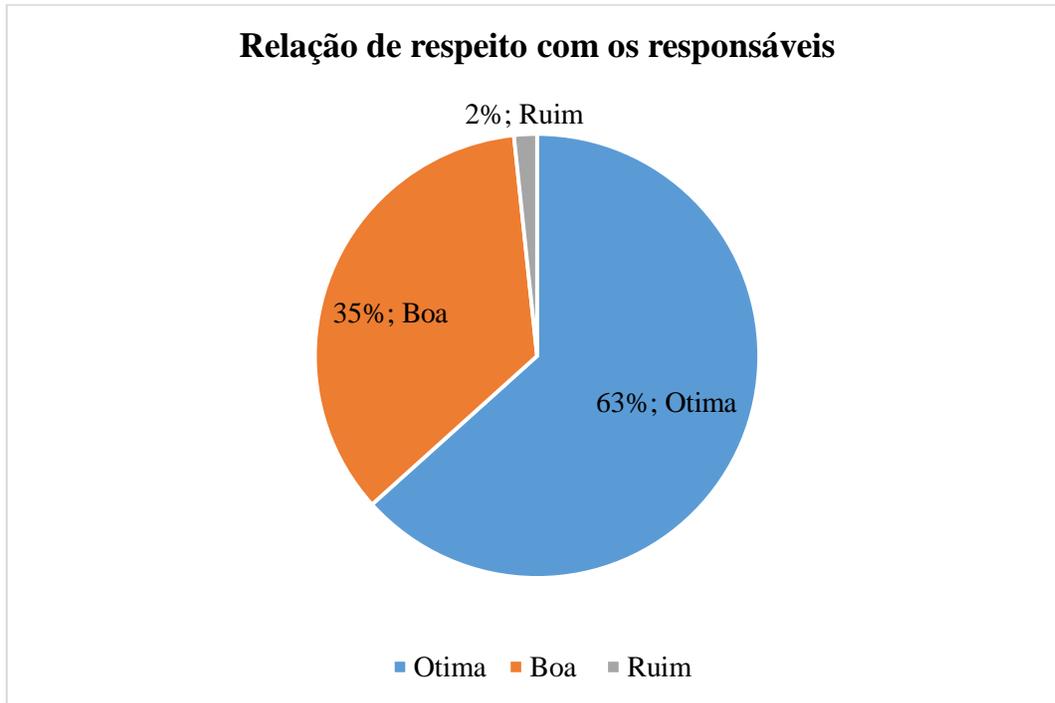
O tipo de agressão mais evidenciada é a agressão verbal 58%, seguida de agressão física, com 39%, e outros com 3%.

**GRÁFICO N° 21:** Compromisso das responsáveis com o estudo do aluno

Fonte: Dados da Pesquisa 2019

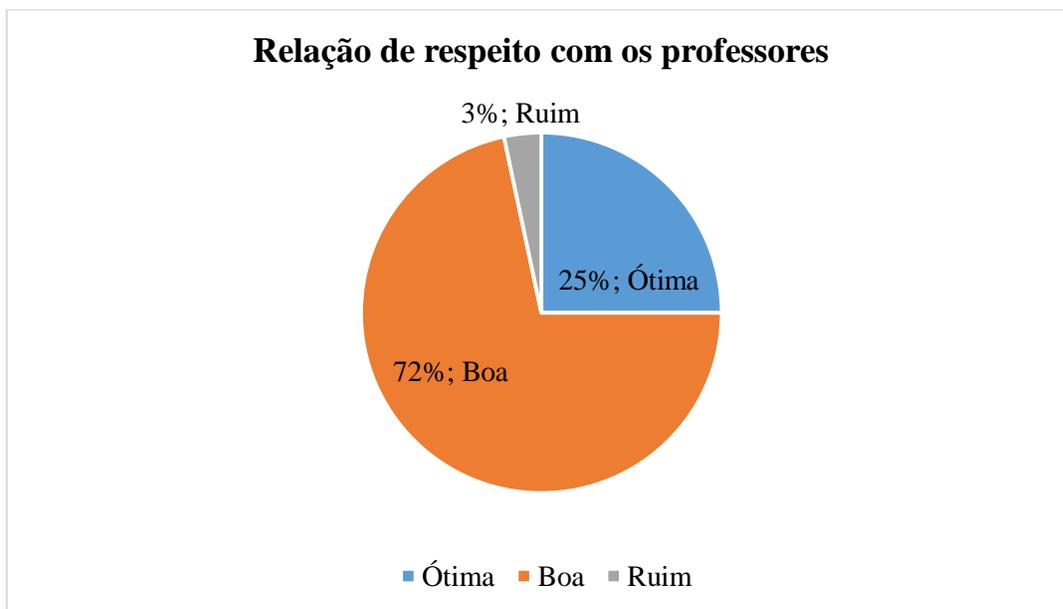
O item “compromisso dos responsáveis com o estudo do aluno” mostra que a maioria tem comprometimento 62%; que tem pouco comprometimento, apenas 35% e que não tem nenhum comprometimento 3%.

**GRÁFICO N°22:** Relação de respeito com os responsáveis



Fonte: Dados da Pesquisa 2019

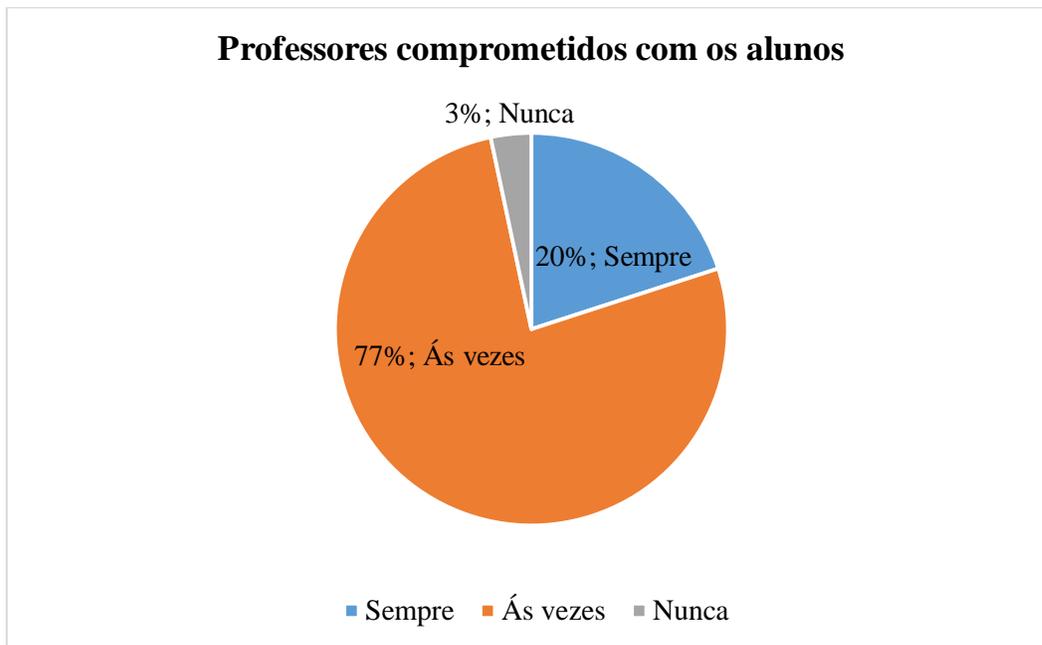
A relação de respeito com os responsáveis alcançou, na opção ótima 63%, e boa 35% e apenas 2% manifestou a opção ruim. Para esta questão o que mostra que ainda se mantem em patamares altos a relação com os responsáveis.

**GRÁFICO N°23:** Relação de respeito com o professores

Fonte: Dados da Pesquisa 2019

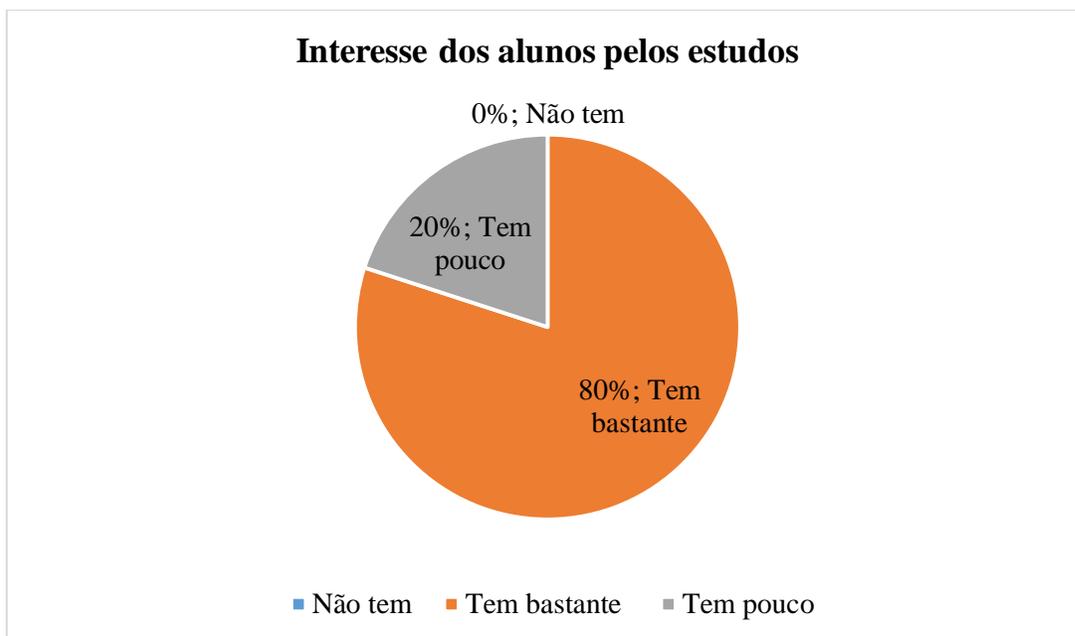
A relação de respeito com os professores também se mostrou bastante benéfica, registrando em 72% para boa e 25% para ótima, para ruim, apenas 3%. Isso demonstra que os professores têm uma relação mais equilibrada do que o item anterior quando se refere aos responsáveis.

**GRÁFICO Nº24:** Professores comprometidos com os alunos



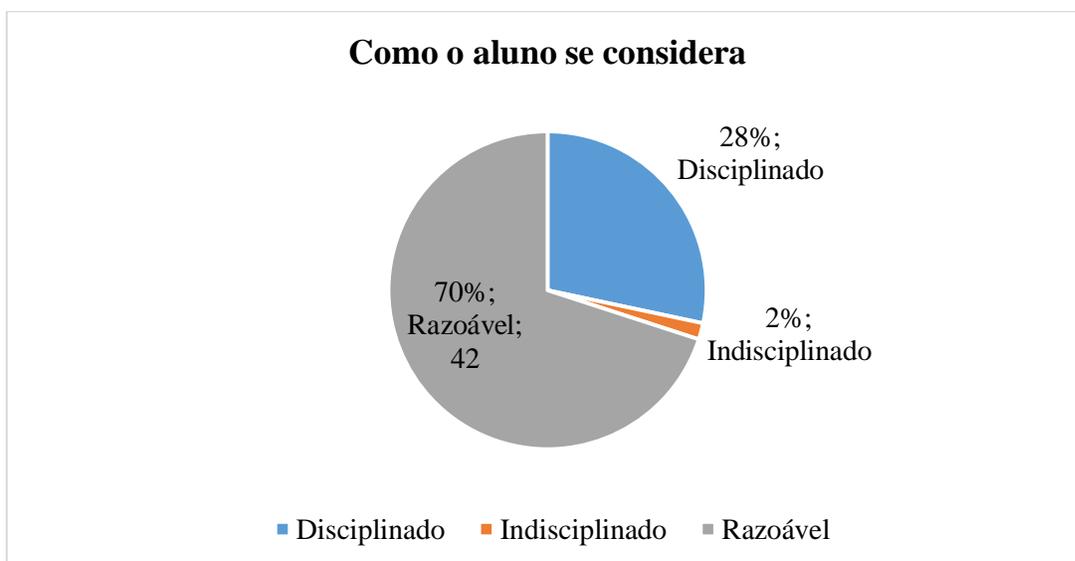
Fonte: Dados da Pesquisa 2019

Ainda com relação aos professores, o item que diz que os professoras às vezes são comprometidos com os alunos chegou a 77%, as opção sempre 20 %, e a opção nunca 3%.

**GRÁFICO Nº25:** Interesse dos alunos pelos estudos

Fonte: Dados da Pesquisa 2019

O interesse dos alunos pelos estudos demonstra que 80% têm bastante interesse, e apenas 20% tem pouco interesse, já “não tem interesse” é uma opção nula no quesito.

**GRÁFICO Nº26:** Como o aluno se considera

Fonte: Dados da Pesquisa 2019

No item como o aluno se considera, mostra-nos que 70% acham-se razoavelmente disciplinados, 28% consideram-se disciplinados e apenas 2 % acha-se indisciplinado.

### **4.3. Considerações sobre as respostas dos alunos**

Em face aos gráficos, breves considerações e teorias apresentadas nos itens anteriores, nos propomos ao pesar enquanto apresentamos pontos pertinentes sobre as respostas apresentadas pelos discentes da escola Municipal do Cambolo - Porto Seguro –BA.

As teorias sobre (in)disciplina apontam a importância da família na formação dos indivíduos, até porque constitui-se como base da sociedade, portanto, é nela que se tem concepção dos modos aos quais os seres humanos devem aderir enquanto ser sociável, só depois, a escola passa a intermediar essas relações.

À vista disso, temos nos primeiros dados coletados, a presença de apenas 45% dos alunos que convivem com seus pais. Não há como conjecturar quais responsáveis se comprometeram a cuidar dos mesmos, mas, de qualquer forma, mostra, em consonância com o percentual de alunos que respeitam aos pais, que é de 63%, que a base dessa possível criação obteve sucesso. Além disso, temos 62% dos pais se comprometem com os estudos dos filhos.

Se tratando do ambiente da sala de aula, temos que 30% dos alunos são indisciplinados, e que o mesmo número configura os que bagunçam na sala; 38% deles dizem não gostar das aulas, não se sabe se esses são os mesmos que convivem com os pais e fazem parte do percentual dos disciplinados, dado que, apenas 25% da turma diz ter respeito pelo professor e 72% diz ter uma boa relação e os mesmos 72% se acham disciplinados.

Um número importante a se destacar, pensando nessas últimas informações, são os 77% dos professores que os alunos apontaram como comprometidos na maioria das vezes. Mesmo assim, soma-se 52% dos alunos não gostam do professor e das aulas, acarretando, com isso, um número de 30% de alunos indisciplinados, que fazem bagunça na sala.

Com efeito, tem-se o número de ocorrências altas com esse público. São 39% dos alunos que recebem ocorrência por praticar em agressão verbal, também ao professor – chega a 94% o número – sofrendo com isso, a rejeição de 9% dos colegas. 28% configura as punições sofridas pela escolar, 21% é o número das suspensões por indisciplina e apenas 1% por

advertência verbal (inferimos que não há um diálogo onde se busca compreender o porquê de tais comportamentos, já que, mesmo sendo nomeado como advertência verbal, entendemos que esse é um momento de se resolvem as coisas com o diálogo, uma repreensão, um ensinamento, um momento em que os responsáveis pelos estudantes podem estar levando-os a refletirem sobre seus comportamentos).

Além das agressões verbais, a escola Municipal do Cambolo aponta um número de agressões físicas altos, 81% dos colegas se agridem entre si, dentre esses, 45% foram fora da escola, e 39% dentro, sendo que, 47% dos outros alunos já presenciaram essas cenas. Em relação aos pais, 18% agridem seus filhos.

Assinalamos um índice alto de rejeição as aulas e aos professores por parte dos alunos, o que nos leva a pensar o posicionamento dos mesmos frente a essa situação. Já que, a UNESCO tem apontado como uma das causas da indisciplina a falta de planejamento dos professores, também que a indisciplina atrapalha o relacionamento dos indivíduos.

À escola, aí incluindo o diretor, inspetor, e outros profissionais, vale questionar, principalmente sobre o diálogo, já que a maioria das advertências não são verbais. Por outro lado, tem-se os pais que, ao passo que são apresentados com o número de 62% os que se interessam pelos estudos dos filhos, entre eles, apresenta-se a soma de mais de cinquenta por cento da sala que cometem agressões verbais ou físicas, isso revela um ruído entre a educação base, vinda de casa em conjunto a educação desafiadora do ambiente escolar.

Em desfecho, retomo os pressupostos de autores que contemplam a educação como sendo uma união da qual tem como participantes pais, escola e sociedade, focados em um só propósito. No entanto, não é o que parece acontecer, já que nas falas dos professores, eles apontamos pais como principais culpados pela indisciplina e depois a direção. Em contrapartida, quase a metade a sala diz que os mesmos não tem comprometimento com seus alunos, e os mesmos não os respeitam, resta-nos saber, e entender de onde se desencadeiam essas atitudes.

#### **4.4. Análise documental: Regimento Escolar**

O Regimento Comum para as Escolas Públicas de Educação Básica do Município de Porto Seguro foi concebido e atualizado para servir como instrumento guia do gerenciamento educacional das unidades escolares, atuando como facilitador dos procedimentos normativos, técnicos e pedagógicos da rede pública de ensino. Ele estabelece: [...] Do Regime Disciplinar Capítulo II Das Penalidades, Art.118- As penalidades, nos limites de competência da unidade escolar, deverão ser aplicadas aos alunos de acordo com a gravidade da falta cometida, sendo assim discriminadas:

I- Advertência verbal;

II- advertência por escrito;

III- suspensão temporária de todas as atividades ou disciplinas,variando de uma três dias úteis de acordo com a gravidade;

IV- o aluno que recorrer nos atos indisciplinares poderá sofrer a suspensão de quatro a dez dias;

V- transferência, após ouvir o Conselho Escolar, ou na ausência deste, o conselho de classe.

Parágrafo único - A aplicação de qualquer penalidade de que trata o Artigo implicará, além do registro em documento próprio (livro ata ou livro de ocorrência), na comunicação oficial ao aluno ou seu responsável, quando menor de idade, e posterior arquivamento na pasta individual do aluno. [...]. (Regimento Comum para as Escolas Públicas de Educação Básica do Município de Porto Seguro2017).

##### **4.4.1. Panorama indisciplinar frente ao regime escolar**

Neste item, propomos considerar o regimento escolar frente as demandas indisciplinares. Por documento, entende-se que é “Título ou diploma que serve de prova: documento histórico. Qualquer objeto ou fato que serve de prova, confirmação ou testemunho: documentos fotográficos” (Ferreira, 2013). Aqui, tratamos o regimento como um documento sócio historicamente situado em um dado momento, portanto, passível de ser analisado de acordo com o tempo presente, já que é onde está sendo utilizado.

Na avaliação do documento, pode-se iniciar avaliando o documento proposto, acrescentando sobre ele um olhar crítico. Após, chega-se ao “[...] momento de reunir todas as partes – elementos da problemática ou do quadro teórico, contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto, conceitos-chave”(Cellard, 2008,p. 303) e concluir com as devidas considerações, de acordo com a pergunta da pesquisa.

Como foi comentado anteriormente, as escolas municipais seguem o mesmo Regimento e todo ou quaisquer atitudes a ser tomada na escola com relação a indisciplina já estão orientadas neste regimento.

Vemos que direcionadas as faltas cometidas, temos as penalidades que são aplicadas legalmente de acordo como Regime Disciplinar CapítuloII, Art.118. Identificamos, de acordo com os dados, que as penalidades mais aplicadas são a advertência verbal e escrita, sendo que a escrita é a mais aplicada. Portanto, não há grande espaço para o diálogo na escola, assim, vemos que a primeira etapa das penalidades quase sempre é pulada. Isto é, o documento apresenta que as penalidades devem ser aplicadas de acordo com as faltas cometidas – de acordo com a pesquisa, as agressões verbais aos professores ficam com nível alto, chegando a 98% dos casos. Aos alunos são aplicadas as disposições do regimento, mas na sala de aula deve haver colaboração de ambas as partes, uma relação de respeito. Vale questionar o porquê desse comportamento direcionado aos professores.

Outro ponto importante a ser repensado é a postura dos profissionais da educação, já que, durante a leitura e releitura dos dados das pesquisas, vemos que apesar do índice alto de indisciplina dos alunos, quase nada é feito.

As responsabilidades são transferidas de acordo com as falas, os dados mostram que a rejeição pelas aulas e pelos professores são pontuais e os 48% dos pais são apontados como interessados pelos filhos. Ademais, ao regimento escolar, o item mais aplicado é a advertência escrita, o que, provavelmente não sana a indisciplina e nem a agressão física presente no contexto escolar.

Como o tema indisciplina é muito polêmico, notou-se alguns professores “desesperados” mediante a dificuldade em ministrar suas aulas de maneira adequada, ouviu-se que a escola não tem mais jeito e que já não acreditam mais na possibilidade de mudança na educação, ouviu-se também que a gestão da escola fica inerte diante do aluno que pratica a indisciplina no ambiente escolar.

Diante deste contexto, procurou-se analisar as questões colocadas e buscar mudanças para as mesmas. No entanto, percebe-se que tais mudanças só acontecerão se houver uma revisão na estrutura da escola, enfatizando o trabalho coletivo como elemento norteador deste processo para a transformação desta realidade. É preciso viabilizar novas formas de convivência no ambiente escolar, possibilitando a transformação deste quadro que tanto angustia os educadores no atual contexto.

Voltamos a evidenciar também, diante dos fatores, a possibilidade de auto avaliação entre os profissionais da educação, já que dados comprovam que não há um só responsável para a indisciplina na escola Municipal do Cambolo. Temos envolvida a realidade que circunda o bairro e afetam diretamente a vida dos alunos, o posicionamento dos professores e coordenação, e também dos pais dos alunos e do próprio aluno que deve repensar sua postura. Juntos, tentarem construir um ambiente mais agradável e que cumpram seus propósitos, o ensino-aprendizado.

Vasconcellos (2000) salienta ainda, que, para que haja um ensino transformador, é preciso competência profissional e coragem para rever as propostas de trabalho no interior da escola, onde apesar dos problemas enfrentados que não são poucos, o educador compreenda que ele ainda é o principal agente de sua transformação, junto aos seus pares e todos os envolvidos no processo.

Acrescenta que é imprescindível compreender a necessidade de investir nas relações que se processam no interior das escolas e na sala de aula para que possamos superar os obstáculos. É necessária a união e a colaboração entre professor e aluno para que a sala de aula se torne um lugar de encontro de saberes ao mesmo tempo de (re)construção do conhecimento numa relação de respeito entre as partes.

Percebeu-se nesta pesquisa, o que os alunos pensam sobre a indisciplina, como se consideram em relação a ela e qual o seu interesse pelos estudos, demais a mais, quem o influencia no ambiente escolar. A pesquisa mostra que os alunos atribuem à família e escola a maior responsabilidade por garantir-lhes um bom futuro. A boa relação professor/aluno ficou evidenciada como condição para que a aula seja bem-sucedida.

Outro destaque foi em atenção as famílias dos alunos, eles relatam como se sentem quando os pais não se interessam pelos seus estudos, o aluno demonstra muita tristeza por falta dos pais em sua vida escolar.

Diante desse quadro percebe-se que o aluno gostaria sim que os pais fossem mais envolvidos em sua vida. A criança espera dos pais: compreensão, amparo, equilíbrio, tolerância, paciência, respeito e mais: que digam não quando for necessário, que transmitam limites.

## CONCLUSÕES

O Trabalho de pesquisa intitulado “(In)disciplina escolar na escola Municipal do Cambolo em Porto Seguro-Bahia”, determina marco importante na busca de compreender a indisciplina e seus efeitos nefastos para a promoção dos aspectos ensino/aprendizagem, uma vez que, compreendemos que os episódios humanos são puramente biológicos e têm a ver com suas raízes sociais, portanto, seus fins dispõe de uma justificativa.

O meio ambiente caracteriza-se tradicionalmente de um poder aquisitivo muito baixo, como a ancestralidades determinada pela pouca escolaridade de pais, avós e demais ancestrais, as relações sociais apresentam clivagem que vão desde a incapacidade do pai em apoiar ou auxiliar nos estudos de sua prole até a determinação peremptória de obrigar os seus filhos a ir forçadamente a escola onde via de regra os alunos com esperança de ascender socialmente através dos estudos são de número bem reduzido.

Em relação ao primeiro objetivo específico, **Identificar as causas da indisciplina no ambiente da Escola Municipal do Cambolo, Porto Seguro–Bahia, ano 2019**, verificou-se vários agentes causadores da indisciplina no ambiente da escola. E o mais citado e apontado é justamente a família, pois a mesma não entende ou não quer cumprir o seu papel de embasar a formação neuropsicológica, social de um ser humano, isso, de acordo com o ponto de vista dos professores.

Não obstante, os esforços empenhados pelos profissionais da educação da Escola do Cambolo na tentativa quase utópica de minimizar e erradicar a violência na escola, procurou-se realizar o segundo objetivo específico que foi o de **Listar as consequências da indisciplina escolar**, foi alcançado e neste contexto, tendo consequências como: punição na escola, punição em casa e na escola, reprovação e rejeição dos colegas. Não podemos deixar de mencionar os aspectos éticos envolvidos e determinantes no processo da escolaridade na região da Costa do Descobrimento, a consequente má distribuição de renda, poucos postos de trabalho, que não sejam voltados para o turismo, distribuição de renda desigual, o altíssimo índice de pais separados, fatores tão diversos que devem ser equacionados constantemente por parte das secretarias de educação dos municípios e consequentemente o quadro dos professores e sua atuação ético deontológica, no sentido de melhorar e otimizar a cidadania e qualidade devida.

Para atender o terceiro objetivo específico que é: **Descrever a relação professor-aluno e suas implicações no tocante da indisciplina no ambiente educativo**, buscou-se observar a relação professor/aluno na escola e foi percebido que o professor usa de autoridade dentro da sala, justificando-se sempre que a coordenadora e a direção cobram essa atitude, e desta forma deixa o aluno mais revoltado e indisciplinado.

Há outros professores que acham que devem gritar, ameaçar, afastando o aluno cada vez mais do foco desejado e provocando no mesmo a ira, a indisciplina. Enquanto há outros professores que buscam manter uma relação professor-aluno de forma consciente e conseguem desenvolver um bom trabalho.

Cabem então aos professores a criarem meios de tornarem o ambiente agradável em que todos possam conviver em harmonia, transformando a sua aula mais prazerosa, tentar compreender, amar o aluno, ajudando-os no que for preciso, pois como doutores da educação declara: não como fazer educação sem o amor, pois é disso que os seres em construção precisam.

A escola e a família juntas tem o papel de filtrar o que é melhor e útil para a criança, as vezes pais e professores preparados e qualificados para assumirem o seu papel, há situações que interferem na questão da disciplina.

No quarto objetivo, temos: **Identificar fatores internos e externos que podem interferir nas questões disciplinares escolares**, foi alcançado no momento que se observou os alunos indisciplinados, para melhor entender o que se passa com eles, os fatores **internos**. Sendo detectado que muitos alunos são indisciplinados por causa da má influência negativa de outros colegas, falta de organização da escola, a metodologia adotada pelo professor, e **externos**: falta de acompanhamentos dos pais, condições financeiras e a pior de todas, as drogas. Nestes casos, deve-se pensar projetos voltados para despertar possíveis reflexões que bem direcionados fluirão bons resultados.

Os objetivos foram sobejamente alcançados, com rigor e determinação, tanto nos aspectos de conteúdos quanto os aspectos de prazos, analisou-se os fatores e classificaram-se os modos de indisciplina existentes no ambiente escolar da escola Municipal do Cambolo em Porto Seguro, podendo através em um futuro próximo intervir na rede periférica do ensino de Porto Seguro e região. Como busca de uma qualidade melhor na educação parafraseamos Paulo Freire: todos nós nos encontramos em construção, nos tornamos isso ou aquilo a medida em

que aprendemos, assim, ao longo do tempo somos reinventados e com isso, podemos interferir, conscientemente, em nós, individual e no coletivo, social.

## **RECOMENDAÇÕES**

### **A Instituição**

A escola tem um papel importante e fundamental na formação dos indivíduos. Assim, recomendamos a escola Municipal do Cambolo, diante de todos os fatos abordados, que se conscientize cada vez mais na necessidade da busca por envolver a família no contexto escolar, pois, essa atitude é evidenciada como uma fonte para se sanar problemáticas do alunado quanto a indisciplina.

Ademais, a promoção de projetos com temas que façam sentido para a comunidade escolar, e também pais, pois estes precisam se conscientizarem da importância de sua participação na vida do filho. Vale e faz-se necessário retomar sempre que preciso temas que os envolvam de forma a repensarem, cada um, dentro de suas atribuições seus respectivos papéis perante a sociedade, perante o alunado, perante o professor e coordenadores e diretores da escola.

Como agente social de toda sociedade a escola precisa repensar seu papel e contribuir de forma efetiva, junto a outros órgãos na diminuição da violência e, portanto, da indisciplina que se estende a outros locais.

Considera-se que, os alunos precisam se sentirem valorizados, acompanhados, compreendidos pelos pais, professores e outros.

### **Aos Professores**

Aos professores saliento a demanda pelo repensar suas respectivas posturas, pois, diante da nossa realidade, principalmente sócio cultural, cabe ao professor da escola Municipal do Cambolo, ser mais que professor; buscar construir relação professor/aluno onde impere o respeito pela pessoa humana, onde as experiências de ambos sejam alegres, respeitosa, por natureza.

Sugere-se ainda, planejamento e implantação de práticas pedagógicas a partir do interesse dos alunos, além do desenvolver a sua metodologia com recursos tecnológicos e inovadores, buscando sempre qualificar-se profissionalmente e acompanhar as demandas da sociedade vigente.

**REFERÊNCIAS**

- Alencar, R. A., Silva, L., Silva, F. A., e Diniz, R. E. S. (2008). *Desenvolvimento de Uma proposta de educação sexual para adolescentes*. *Ciência e Educação*, 14,159-168.
- Amado, J. S. (2001). *Interação pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: Asa.
- Alvarenga, E. M. D. (2012). *Metodologia da Investigação Quantitativa e Qualitativa*. (Versão em Português por Cesar Amarilhas), Assunção, Paraguai.
- Antunes, C. (2010). *A prática dos quatro pilares da Educação na sala de aula*. Petrópolis: Vozes.
- Antunes, C. (2012). *Projetos e práticas pedagógicas na educação infantil*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Araújo, I. L. (2001). *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Ed. da UFPR.
- Araújo, I. L. (2002). Da “pedagogização” à educação: acerca de algumas contribuições de Foucault para a filosofia da educação. *Revista Diálogo e Educacional*. Curitiba, v. 3, n.7, p. 75-88, set.dez.
- Araújo, C. (2004). *A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens*. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Arnal, J., Ricón, D. e Latorre, A. (1994). *Investigação educativa. fundamento y metodologia*. Labor Universitaria: Bracelona.
- Augusto, A. (2013). *Política e antipolítica: anarquia contemporânea, revolta e cultura libertária*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC.
- Aquino, J. G. (2003). *Disciplina e indisciplina como representações na educação contemporânea*. In: Barbosa, R., Lazzari Leite Barbosa. (org). *Formação de Educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: UNESP, p. 377-385.
- Brasil. (1990). *Presidência da República Casa Civil. Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990*. Brasília.
- Bandeira, M. et al. (2006) *Comportamentos problemáticos em estudantes do ensino fundamental: características da ocorrência e relação com habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem*. *Estud. psicol.* (Natal), Natal, v. 11, n. 2, ago.
- Bakunin, M. (2003) *A instrução integral*. São Paulo:Imaginário.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida* (1ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Bauman, Z. (2002). *Amor líquido* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projeto em Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bolsoni-Silva, A. T. et al. (2006). *Habilidades sociais e problemas de comportamento de pré-escolares: comparando avaliações de mães e de professoras*. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 19, n. 3.
- Bolsoni-Silva, A. T.; Marturano, E. M. (2002). *Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais*. *Estud. psicol.* (Natal), Natal, v. 7, n. 2, jul.
- Boni, V. e Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2 nº 1 (3), janeiro/julho, p. 68-80. Recuperado de [www.emtese.ufsc.br](http://www.emtese.ufsc.br)
- Braz, M. R. (2008). *Reflexões e alternativas pedagógicas para o enfrentamento da indisciplina em sala de aula*. (Material Didático produzido no segundo período do PDE - Turma.
- Brêtas, J. R. S.; Silva, C. V. (2005). *Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência*. *Acta paul. enferm.*, São Paulo, v. 18, n. 3, set. 2005.
- Caballo, V. E. (2010). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Ed. Santos.
- Cellard, A. (2008). *A análise documental*. In: Poupart, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes.
- Chaer G., Diniz, R. R. P. e Ribeiro, E. A. (2011). *A técnica do questionário na pesquisa educacional*. *Evidência: Araxá*, v. 7, n. 7, p. 251-266. Recuperado de <http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/201>.
- Cia, F.; Barham, E. J. (2009). *Repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento, autoconceito e desempenho acadêmico de crianças no início da escolarização*. *Estud. psicol.* (Campinas), Campinas, v. 26, n. 1, mar.
- Contin, M. R. (1998). *Disciplina escolar: caminhos para a compreensão da indisciplina*. São Paulo: PUC. Recuperado de: <https://www.webartigos.com/artigos/disciplina-escolar-caminhos-para-a-compreensao-da-indisciplina/14367/> Acesso em: 9 de nov. 2016.
- Del Prette, A., e Del Prette, Z. A. P. (1999). *Teoria das Inteligências múltiplas e treinamento de habilidades sociais*. *DOXA: Estudos de Psicologia e Educação*, 5(1), 51-64.
- DelPrette, Z.A.P. Ed elPrette, A. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.

- Del Prette, Z. A. P., e Del Prette, A. (2002). *Avaliação de habilidades sociais de crianças com um inventário multimídia: Indicadores psicométricos associados à frequência versus dificuldade*. *Psicologia Em Estudo*, 7(1) 61-73.
- Del Prette, Z. A. P., e Del Prette, A. (2005). *Habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P.; Del Prette, A. (2007). *Habilidades sociais do professor em sala de aula: um estudo de caso*. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, 1.
- Del Prette, Z. A. P. et al. (2008). *Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas*. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 18, n. 41.
- Delval, J. (2007). *Aprender investigando*. In: Becker, F.; M., Tânia B. I. (Org.) *Ser professor é ser pesquisador*. Porto Alegre: Mediação.
- Estrela, M. T. (2002). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. (4ª ed.). São Paulo: Porto Editora.
- Faijão, W.; Carneiro, G. R. S. (2010). Indisciplina escolar: um déficit em habilidades sociais. *Revista de Ciências da Educação - UNISAL - Americana/SP - Ano XII - nº 23*, pp. 293-313.
- Fernandes, F. M. B. (2011). *Considerações Metodológicas sobre a Técnica da Observação Participante*. In: MATTOS, R. A. ; Baptista, T. W. F. *Caminhos para análise das políticas de saúde*, 2011. p. 262-274. Recuperado de [www.ims.uerj.br/ccaps](http://www.ims.uerj.br/ccaps)
- Ferreira, A. B. H. (2013). *Dicionário Aurélio básico da Língua Portuguesa* (4ª ed.). Nova Fronteira: Rio de Janeiro.
- Foucault, M. (2010). *A ordem do discurso*. São Paulo: Editora Loyola.
- Foucault, M. (2009). *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Franzoso, M. R.; Haddad, J. P. (2011). *Autodisciplina: um recurso possível na prevenção da indisciplina escolar*. Paraná: PUC.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Freire, P. (2008). *Medo e ousadia*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

- Gallo, S. (2006). *Ferrer e a pedagogia racional: um balanço, cem anos depois*. In. *EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA-Educação e Revolução na Espanha Libertária*. São Paulo. nº1.3º quadrimestre de.
- Gallo, S. (2007). *Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação*. São Paulo: Imaginário; Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas.
- Goergen, P. (2007) *Educação moral hoje: cenários, perspectivas e perplexidades*. Educ. Soc. v.28, n.100, pp.737-762.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* .(6a ed.). Atlas: São Paulo.
- Gramsci, A. (1985). *Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. Cadernos do cárcere Volume 2, (2a ed.) Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira. Recuperado de: <http://www.hlage.com.br/E-Books-Livros-PPS/Comunismo-azismoEtc/Antonio%20Gramsci/Cadernos.pdf>. Acesso em 19. nov. 2016.
- Hair, J. F.; Babin, B.; Money, A.H.; Samouel, P. (2004). *Fundamentos métodos de pesquisa em administração* (1a ed.). Porto Alegre: Bookman.
- IBGE. (2016). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades*. Recuperado de: <http://www.cidades.ibge.gov.br/bahia|porto-seguro>. Acesso em 20. set. 2016
- Unibanco. (2016). O que fazer para aproximar família e escola?. *Revista Eletrônica: Aprendizado em foco*, Nº 9. Recuperado de <https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/9/index.html>
- Libâneo. J. C. (2012). *Pedagogia, Ciência da educação?*. Pimenta. S. G. (Org.). São Paulo: Cortez.
- Ludke, M. e André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em Educação. Abordagens Qualitativas*. (2a ed.). São Paulo: E. P. U.
- Marconi. M. A. e Lakatos, E. M. (1999). *Técnicas de pesquisa*. (2a ed.). São Paulo: Atlas.
- Minto, E. C. et al. (2006). *Ensino de habilidades de vida na escola: uma experiência com adolescentes*. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 11, n. 3, dez. 2006.
- Miranda. G. A. (2013). Uma reflexão sobre a escola e o século XXI: descontinuidades de uma sociedade em transição. *Revista Interação*. Ano VII, n. 1.
- Murta, S. G. (2005). *Aplicações de treinamento em habilidades sociais: análise de produção nacional*. In. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, nº 18, v. 2, p. 253-291.
- Nascimento, M. A. P. (2013). *o papel da escola do séc. XXI*. Web Artigos. Recuperado em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-papel-da-escola-do-seculo-xxi/109686>

- Oliveira, M. I. (2005). *Indisciplina escolar: determinações, consequências e ações*. Brasília: Líber livro.
- Pacheco, J. T. B.; Gomes, W. B. (1999). *Estilos parentais e o desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência* [Resumos]. In: *Sociedade brasileira de psicologia (org.), reunião anual de psicologia*. Campinas, SP. pp.124-125.
- Parrat - Dayan, S. (2008). *Como enfrentar a indisciplina na escola* Augusto, Trad. J., São Paulo: Contexto.
- Penin, S. T. S.; Vieira, S. L. (2001). *Pro gestão: como articular a função social da escola com as especificidades da comunidade: Módulo I*. Brasília: Consed.
- Pereira, L.C.B. (2003). *Desenvolvimento e crise no Brasil: história, economia e política de Getúlio Vargas a Lula*. São Paulo: Editora 34.
- Pinheiro, M. I. S. et al. (2006). *Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento*. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 19, n. 3.
- Pougy, E. G. P. (2016). *Metamorfose da indisciplina: transtornados da sala de aula*. Tese de doutoramento. São Paulo: PUC.
- Ramos, J. F. Pouchain, Leite, A. A.; Filho L. A. F. (n. d.) *Função social da escola: qual o lugar do pedagógico, do político e do trabalho?*. Recuperado de: <http://educas.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/04/FUN%C3%87%C3%83O-SOCIAL-DA-ESCOLA.pdf> Acesso em: 12 de nov.2016
- Regimento Comum para as Escolas Públicas de Educação Básica do Município de Porto Seguro (2017).
- Rego, T.C. (1996). *A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana*. In: AQUINO, J. G. *Indisciplina na escola: alternativas práticas e teóricas* (17ª ed.). São Paulo: Summus, p. 83-101.
- Reis, M. L. (2014). *Autoavaliação: proposta de avaliação do desempenho docente*. Brasília: PPGEC – UnB, v. 9.
- Ribeiro, E. (2008). *A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa*. In: *Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais*. nº 4, maio, Araxá: Centro Universitário do Planalto de Araxá. Recuperado de <http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/328>
- Rios, D. R. (2009). *Minidicionário Escolar Língua Portuguesa*. São Paulo: DCL.
- Rosseto, M. S. (2015). *Liberdade e disciplina em John Locke: as leis da razão no processo de formação humana*. *Controvérsia: São Leopoldo*, v. 11, n. 2, p. 91-102, maio-agosto

- Rosin-Pinola, A. R. e Del Prette, Z. A. P. (2007). Inclusão escolar, formação de professores e assessoria baseada em habilidades sociais educativas. *Revista brasileira de educação especial*. n° 20 (3), 341-356.
- Sampieri, R. H. ; Collado, C. F. e Lucio, P. B. (2010). *Metodología de la Investigación*. (5a ed.).México: Editora Mc. GrawHi.
- Sampieri, R. H. e Lucio, M. (2013). *Metodologia de pesquisa*. 5. ed. Porto Alegre: AMGH.
- Santos, M. C. (2002). *Trabalho Experimental no Ensino das Ciências*. Lisboa: Ministério da Educação (MEC), Instituto de Inovação Educacional.
- Sarmeto, M.; Fernades, N.; Tomás,C. (2007). *Políticas públicas e participação infantil*.In. *Educação, Sociedade & Cultura*, n° 25, pp. 183-206.
- Saviani, D. (2007). *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados.
- Silva, N. P. (2005). *Indisciplina/disciplina: ética, moral e ação do professor*. Porto Alegre: Mediação, p.5592.
- Silva, R. D. (2017). Os quatro pilares da educação como ideias guias para a psicopedagogia contemporânea. *Revista TC Brasil*. João Pessoa:, pp. 252 – 278, v. 1, n° 2.
- Silva, A. J.; Weide, D. F. (n.d.) *A função social da escola*. Paraná: Gráfica UNICENTRO.
- Sousa, J. P. (2006). *A prática antes da teoria e o foco no objetivo: uma proposta para o ensino universitário de jornalismo*. In. Moreira, S. V.; Vieira, J. P. D. (Org.). *Ensino e Pesquisa em Comunicação* (2a ed.). São Paulo/Rio de Janeiro, Intercom/UERJ
- Souza, D.B.(2005). *Representações sociais sobre indisciplina em sala de aula dos professores em início de carreira da rede municipal de presidente prudente - SP: implicações para a formação inicial*. Dissertação de Mestrado. Presidente Prudente – SP: UNESP
- Tiba, I. (2005). *Adolescentes: Quem Ama, Educa!* São Paulo: Ed. Integrare.
- UNESCO. (2016). *Declaração mundial sobre educação para todos. Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem*. Tailândia.
- Valente, H. M. (2014). *A (in)disciplina na escola: a voz dos alunos: um contributo para um estudo na Escola Secundária com 2.º e 3.º ciclos Professor Reynaldo dos Santos* (Dissertação de Mestrado).
- Vasconcellos, C. (1994). *Relação Escola-Família: da acusação à interação educativa*. In: *AEC, Revista Educativa. Família e Escola: sentido e relações*, n. 93, a. 23, out./dez.
- Vasconcellos, C. (1995). *Disciplina*. São Paulo: Libertad.

- Vasconcellos, M. S. (2003). *Disciplina e indisciplina como representações na educação contemporânea: a ética da obediência*. In: Barbosa, R.L.L.(org.) *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, p.465- 477.
- Vasconcellos, C. (2000). *(In) disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 13. ed. São Paulo: Libertad.
- Vasconcellos, C. S. (2009). *Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente* (1a ed.). São Paulo: Cortez.
- Vygotsky, L. (1987). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wrege, M. G. (2012). *Escolas democráticas: um olhar construtivista*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação, Campinas.

## APÊNDICE A

### Solicitação de autorização para pesquisa acadêmico-científica

Através do presente instrumento, eu, **Fabiana Santiago**, acadêmica, solicito do Gestor do \_\_\_\_\_, autorização para realização da pesquisa integrante do meu trabalho de conclusão de tese para a obtenção do título de Licenciado Mestre em Ciências da Educação, pela **Universidad Autónoma de Asunción**, sob a orientação da **Dr<sup>a</sup> Daniela Ruíz Díaz Morales**.

A coleta de dados será feita através da aplicação de observação participante e de questionário, conforme modelo anexo. As informações aqui prestadas não serão divulgadas sem a autorização final da Instituição do campo de pesquisa. E será garantido o anonimato dos informantes.

Porto Seguro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Gestor responsável pela instituição campo de pesquisa

## APÊNDICE B

### Autorização

Eu \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável pelo Municipal do Cambolo, autorizo a realização do estudo indisciplina dos alunos do 9º ano da Escola Municipal do Cambolo em Porto Seguro- Bahia, a ser conduzido pelo pesquisador abaixo relacionado. Fui informado pelo responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

---

Assinatura e carimbo do responsável institucional

## APÊNDICE C

### Questionário I

Universidad Autónoma de Asunción Mestrado em Ciências em Educação

Pesquisadora Fabiana Santiago

### Questionário estrutura do coleta de dados para alunos do 9ºA e B da Escola Municipal do Cambolo

1-Sexo.

Homem  Mulher 2- Idade.

12 13 14 15 16 17  18 19

3-Membros da família que convive(m).

Pai  Mãe  Pais  Avó  Avós  Tios  Outros \_\_\_\_\_

4- Alguma vez já tiveste uma ou mais participações indisciplinares no seu percurso escolar?

Sim  Não

Se sim. Quais?

Agressão física a colega(s)  Agressão verbal a colega(s)

Agressão verbal a professor(es) ou funcionário(s) da escola

Agressão física a professor(es) ou funcionário(s) da escola  Bagunçou em sala de aula

Bagunçou fora de sala de aula

Outros \_\_\_\_\_

5-O que causa indisciplina no ambiente escolar?

Estrutura física da escola  Chamar a atenção dos pais ou responsáveis  Não gostar de estudar  Problemas familiares

Não gostar do professor

Não gostar das aulas de determinadas professores

Outros \_\_\_\_\_

6- Quais são as consequências da indisciplina escolar?  Punição na escola

Punição na escola e em casa  Reprovação

Rejeição dos colegas

Outros \_\_\_\_\_

7- Quais são os tipos de indisciplina escolar você mais presencia?  Agressão física a colega(s)

Agressão verbal a colega(s)

- Agressão verbal a professor(es) ou funcionário(s) da escola
- Agressão física a professor(es) ou funcionário(s) da escola
- Bagunça em sala de aula
- Bagunça fora de sala de aula
- Outros \_\_\_\_\_

8- Quais atitudes levam a ocorrência da indisciplina no ambiente escolar?  Agressão física

acolega(s)

- Agressão verbal a colega(s)
- Agressão verbal a professor(es) ou funcionário(s) da escola
- Agressão física a professor(es) ou funcionário(s) da escola
- Bagunça em sala de aula
- Bagunça fora de sala de aula
- Outros \_\_\_\_\_

9- Como a escola resolve questões de indisciplina escolar?

- Advertência verbal
- Advertência escrita
- Suspensão
- Não resolve
- Outros \_\_\_\_\_

10- O ambiente escolar influência no seu comportamento na escola? ( ) Sim ( ) Não

Se sim. De qual forma?

( ) Faz com que você não tenha vontade de estudar ( ) Leva você a bagunçar

( ) Outros \_\_\_\_\_

11- Você já agrediu algum professor ou profissional da educação? ( ) Sim ( ) Não

Se sim. Como?

( ) Agressão verbal ( ) Agressão física

( ) Outros \_\_\_\_\_

Por que?

( ) Você queria chamar a atenção

( ) Você não gosta ou gostava do professor ( ) Estava com problemas familiares

( ) O professor lhe desrespeitou

( ) Outros \_\_\_\_\_

12- Você já foi agredido por alguém fora do ambiente escolar?

( ) Sim ( ) Não

Se sim. Por quem?

( ) Pai ( ) Mãe ( ) Pais ( ) Avó ( ) Avós ( ) Tios ( ) Colegas ( ) Outros \_\_\_\_\_

De que forma?

Agressão verbal  Agressão física

Outros \_\_\_\_\_

13- Você já foi agredido no ambiente escolar?  Sim  Não

Se sim. Por quem?

Pai  Mãe  Pais  Avó  Avós  Tios  Colegas  Professores  Funcionário(s) da escola  Outros \_\_\_\_\_

De que forma?

Agressão verbal  Agressão física

Outros \_\_\_\_\_

14- Como você ver o compromisso dos seu (s) responsável(is) com os seus estudos?

Não tem compromisso

Tem compromisso até demais

Tem pouco compromisso

Se você respondeu que seu(s) responsável (is) não tem compromisso com você. Diante disso marque uma alternativa.

Você se sente rejeitado  Você acha normal

Você gostaria que eles tivessem mais compromisso

15- Qual a relação de respeito entre você e seu(s) responsável(is)?  Ótima  Boa  Ruim

16 - Qual a relação de respeito entre você e seus professores?  Ótima  Boa  Ruim

17- Seus professores são comprometidos com você? ( ) Sempre ( ) Às vezes ( ) Nunca

18- Qual o seu interesse pelos estudos?

( ) Não tenho interesse ( ) Tenho bastante interesse ( ) Tenho pouco interesse 19- Você se

considera um aluno:

( ) Disciplinado ( ) Indisciplinado ( ) Razoável

## APÊNDICE D

### Questionário II

#### Universidad Autónoma de Asunción Mestrado em Ciências em Educação

Pesquisadora Fabiana Santiago

Questionário Semi estruturado coleta de dados para **professores** da Escola Municipal do Cambolo

1- Sexo

( ) Feminino ( ) Masculino

2- Qual seu grau de escolaridade?

---

3- Qual sua carga horáriatotal?

---

4- Qual seu tempo de atuação no magistério?

---

5- Quais são os casos mais comuns de indisciplina na Escola Municipal do Cambolo?

---

---

6- Na sua opinião, quais motivos levam os alunos da Escola Municipal do Cambolo a serem indisciplinados?

---

7- Como você resolve problemas de indisciplina escolar?

---

---

8- Você utiliza algum método para evitar a indisciplina na escola? Quais?

---

---

9- Com qual frequência você presencia atos de indisciplina na Escola Municipal do Cambolo?

---

---

10- Qual a postura dos responsáveis dos alunos quando são notificados a comparecerem ao ambiente escolar para resolverem problemas de indisciplina?

---

---

11- Você percebe alguma diferença no comportamento dos alunos quando os responsáveis participam mais da vida escolar dos mesmos? Justifique.

---

---

12- Você já foi agredido por algum aluno? Qual tipo de agressão?

---

13- A escola possui formas democráticas para combater a indisciplina escolar? Quais?

---

---

---

14- Quais são as suas sugestões para minimizar a indisciplina escolar?

---

---

15- De 0 a 10, qual o grau de indisciplina da Escola Municipal do Cambolo?

---

---